UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MESTRADO EM HISTÓRIA

DO ÁLCOOL AO CRIME: A INVENÇÃO DA "JUVENTUDE TRANSVIADA" NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA

(1956 - 1959)

JOÃO CARLOS MORAES CONDÉ

Niterói

2022

JOÃO CARLOS MORAES CONDÉ

DO ÁLCOOL AO CRIME: A INVENÇÃO DA "JUVENTUDE TRANSVIADA" NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA

(1956 - 1959)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora:
Prof.ª Dra. Angélica Müller

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C745? Condé, João Carlos Moraes
Do álcool ao crime : A invenção da "juventude transviada" nas páginas da imprensa carioca (1956 - 1959) / João Carlos Moraes Condé. - 2022.
136 f.: il.

Orientador: Angélica Müller.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2022.

1. Juventude transviada. 2. Rio de Janeiro. 3. Imprensa. 4. Crime. 5. Produção intelectual. I. Müller, Angélica, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

JOÃO CARLOS MORAES CONDÉ

DO ÁLCOOL AO CRIME: A INVENÇÃO DA "JUVENTUDE TRANSVIADA" NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA

(1956 - 1959)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 19 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dra. Angélica Müller (UFF)
Orientadora

Prof.ª Dra. Samantha Quadrat (UFF)
Arguidora

Prof. Dr. Maurício Parada (PUC Rio)
Arguidor

Niterói

2022

A quem eu mais amo e sempre recorro, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Nos últimos anos, como em todos os momentos da minha vida, tive a honra de contar com pessoas que me ensinaram a amar e ser amado. A elas, minha inteira gratidão.

Em especial:

Aos meus pais, Jaqueline e Antônio Carlos Condé, pelo amor e suporte oferecidos ao longo dos meus vinte e cinco anos de vida.

À minha irmã, Ana Carolina Condé, minha amiga mais antiga e fiel.

Aos meus avós, Alva Lúcia e José Carlos Condé, pelo companheirismo e pela experiência com que me contemplam.

À Janete e Clério Gusmão, que me acolheram em sua casa como um filho mais novo.

Aos primos Clério, Gláucia, Renato e Marcus Gusmão pelo convívio familiar nos últimos anos.

Aos amigos cariocas Bruna Bôa, Carolina Hinterhoff, Danilo Bresciani, Gabriel Bastos, Matheus de Lucca, Maria Eduarda Lima e Yasmin Franco que, mesmo com a distância imposta nos últimos anos, nunca deixaram de se fazer presentes.

À Leina Itaborahy, Rogério Menezes e Lucas Itaborahy que, quando longe da minha família, me acolheram verdadeiramente e fizeram com que eu me sentisse em casa.

Aos meus alunos, que mesmo sem perceber, me ensinaram infinitas vezes mais do que aprenderam comigo.

Aos professores, equipe gestora e funcionários da Escola Estadual Professor Souza Primo, pela profícua convivência profissional nos últimos meses.

Aos historiadores e amigos Paulo César Gomes e Diego Galeano por todo apoio profissional.

Aos professores e historiadores Larissa Correa, Maurício Parada e Samantha Quadrat, pelas leituras e preciosos comentários.

À minha orientadora, Angélica Muller, por todo o esforço e empenho dedicado à minha formação nos últimos anos.

Ao jornalista Pinheiro Júnior, pela entrevista concedida.

À minha *alma mater,* a PUC-Rio.

À Universidade Federal Fluminense.

A Deus.

“Vestia um blusão James Dean

e chupava um chicabon.”

José Carlos Soares Condé

RESUMO

O presente trabalho pretende fazer uma análise da construção da ideia de uma "juventude transviada" na imprensa do Rio de Janeiro, a partir da segunda metade da década de 1950, em comparação com determinados modelos de uma "juventude ideal" que vinham sendo propagados desde a década de 1930, durante a Era Vargas. Discute-se, ainda, como a "americanização" de determinados jovens contribuiu para a criação de tal expressão, bem como a forma pela qual a região em que tal mocidade residia colaborou para disseminação e reação negativa às denúncias de seus hábitos noturnos condenáveis. Por fim, busca-se analisar a forma pela qual jovens brancos de classe média tidos como "transviados" foram associados à criminalidade no final da década de 1950.

Palavras-chave: Juventude transviada. Rio de Janeiro. Imprensa. Crime.

ABSTRACT

The following work intends to analyze the construction of the idea of a “wayward youth” in Rio de Janeiro’s press from the second half of the fifties onwards, in comparison to determined models of an “ideal youth” that had been spread since the thirties, during the Vargas Era. Furthermore, it discusses how the “americanization” of a certain youth contributed to the creation of that expression, such as the ways the areas in which that youth resided collaborated for the dissemination and negative reaction to the complaints of their reprehensible nocturnal habits. At last, it intends to analyze the ways in which young white middle-class men, seen as “waywards” were associated with criminality by the end of the fifties.

Key-words: Wayward youth. Rio de Janeiro. Press. Crime.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 01/10/1956. p. 4.

Figura 2: Capa da *Última Hora.* Rio de Janeiro. 12/06/1951

Figura 3: Jovem bebendo. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 21/03/1957, p. 3.

Figura 4: Jovem fumando maconha. *Última Hora.* 13/03/1957, p. 3

Figura 5: Jovem fumando maconha. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 20/03/1957, p. 3.

Figura 6: Jovens em um carro. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 14/03/1957, p. 3.

Figura 7: Manchete do *Última Hora.* Rio de Janeiro. 06/03/1957, p. 6.

Figura 8: Moça em casa; Imagem 9: Moças se divertindo. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 25/03/1957, p. 3.

Figura 9: Manchete da *Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro. 01/08/1958, p. 2

Figura 10: Manchete da *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21/03/1957, p. 3

Figura 11: Jovem depõe a procuradores. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 23/03/1957, p. 5

Figura 12: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 12/03/1957. p. 3.

Figura 13: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 08/03/1957, p. 1.

Figura 14: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 22/03/1957. p. 3.

Figura 15: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 15/07/1958. p. 6.

Figura 16: Aída Curi e uma amiga na adolescência. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 17/07/1958. p. 10.

Figura 17: Aída Curi em sua primeira comunhão. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 24/07/1958. p. 1.

Figura 18: Ronaldo de Castro fumando.. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 24/07/1958. p. 1.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO……………………………………………………………………13

CAPÍTULO 1 - Entre modelos e ideologias: a questão da juventude no Brasil (1938 - 1957)..25

1.1 - "Assistir e educar a mocidade": Um modelo varguista de juventude…………….26

1.2 - Os anos 1950 como um período de mudanças...……………………………………32

1.2.1 - Copacabana: do aristocrático bem-estar a um paraíso imoral?..........................35

1.3 - *Blue jeans* e *Hollywood:* O *american way of life* chega ao Brasil………………..39

1.3.1 - Cinema e cotidiano no Rio de Janeiro dos anos 1950…………………………..41

1.4 - Atléticos e saudáveis: A juventude ideal do *Última Hora,* em 1957..…………….48

CAPÍTULO 2 - Uma denúncia lucrativa: O *Última Hora* e a "juventude transviada" ……………………………………………………………………52

2.1 - O jornal *Última Hora:* uma nova linguagem jornalística ………………………..52

2.2 - O *Última Hora* e a "juventude transviada" ………………………………………55

2.2.1 - Maconha, "perversões sexuais" e a preocupação com os rumos da juventude ...57

2.3 - O impacto das reportagens pela perspectiva do *Última Hora* …………………...68

CAPÍTULO 3 - "Crime de todos nós": associação entre "juventude transviada" e a criminalidade …………………………………………………………………79

3.1 - Juventude e criminalidade ……………………………………………………..80

3.1.1 - Uma perspectiva sociológica …………………………………………………...80

3.1.2 - Rotulação de corpos desviantes e a juventude transviada carioca em 1957 ..…83

3.1.3 - A construção do "jovem transviado" como exploração sensacionalista de um "submundo do crime" 87

3.2 - Recuperação de crimes anteriores e associação com a "juventude transviada"......90

3.3 - O Caso Aída Curi e a "juventude transviada" ……………………………………95

CONSIDERAÇÕES FINAIS ………………………………………………102

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS …...…………………………………..105

ANEXO I ……………………………………………………………………110

ANEXO II ……………………………………………………………………118

INTRODUÇÃO

I.

A década de 1950 é, casualmente, lembrada como um período romântico da história brasileira. Uma época em que diversas cidades descobrem sua urbanidade durante os supostos anos felizes da gestão do presidente Juscelino Kubitschek. Na então capital federal, a vida perfeita dos seus bairros mais aristocráticos era cantada para o Brasil e para o resto do mundo como um convite ao paraíso reservado aos cariocas.

No entanto, o maravilhoso mundo do Rio de Janeiro parecia ter limites geográficos bem definidos na capital. Em 1955, o cineasta Nelson Pereira dos Santos lançou o filme "*Rio, 40 graus",* onde acompanha a trajetória de cinco meninos pobres, moradores de uma favela da cidade, enquanto trabalham vendendo amendoins em alguns tradicionais pontos turísticos da cidade, como a praia de Copacabana e o estádio do Maracanã. O filme demonstra que, em plena "década de ouro", a população carioca convivia com problemas ignorados pelos versos serenos da bossa-nova, como a pobreza e o racismo que não pareciam incomodar as elites do Distrito Federal. Um problema, no entanto, ocupou por longos períodos as páginas policiais e tirou o sono de muitos moradores da Zona Sul carioca durante a década de 1950: a questão dos jovens "transviados".

A expressão "juventude transviada" carrega consigo um significado mais complexo do que aparenta quando lida rapidamente. Se em uma conversa comum com pessoas de mais de cinquenta anos ao questionar quem eram os "transviados" de algumas décadas atrás, provavelmente as respostas terão muita semelhança entre si: jovens que não tinham amor às regras, pilotavam motocicletas (ou lambretas), usavam jaquetas de couro, calças jeans e um característico topete no cabelo. Esta é, em parte, a definição que se popularizou no Brasil sobre o que se chama de "juventude transviada". E é justamente sobre a criação de tal definição que se sustenta a presente dissertação.

O termo nem sempre esteve em alta. Uma breve pesquisa no acervo digital do jornal *O Globo* aponta que no período compreendido entre 1951 e 1956, a expressão é mencionada apenas 24 vezes. Ao continuar a pesquisa para os anos seguintes, de 1957 a 1959, o termo se destaca no jornal em 153 ocasiões. O aumento na quantidade de menções, se comparados os dois períodos, pode indicar que a expressão se popularizou rapidamente no vocabulário utilizado pela imprensa no Rio de Janeiro. Em um período de seis anos, o termo foi utilizado aproximadamente sete vezes menos do que no período dos três anos subsequentes. Ou seja: a partir do ano de 1957, pode-se destacar um exponencial aumento no uso da expressão, que virou recorrente nos principais veículos de imprensa da capital. Por consequência, pode-se afirmar também que o termo ficou cada vez mais popular entre a população carioca que consumia os jornais e revistas publicados na capital.

Tal periodização não é um casual: o ano de 1956 foi marcado, entre diversos acontecimentos, pelo lançamento do filme "*Rebels without a cause",* estrelado pelo ator estadunidense James Dean, que interpretava um jovem tido como problemático em uma narrativa repleta de brigas, abuso de álcool e contravenção à lei. No período da estreia do filme, alguns jornais brasileiros destacaram que o filme tratava da "delinquência juvenil", uma preocupação que se espalhava pelo mundo nos anos pós Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a tradução do título original em inglês foi "*Juventude Transviada"*, expressão que, conforme observado, ficaria famosa na cidade do Rio de Janeiro pela ênfase que receberia nas páginas da imprensa.

Em alguns períodos da segunda metade da década de 1950, jornalistas cariocas se dedicaram a produzir matérias demonstrando preocupação com os hábitos da juventude, referindo-se a mesma como "juventude transviada", termo retirado da tradução do título do filme de James Dean, e utilizado para descrever jovens que fariam parte de uma "cultura *underground*", numa espécie de submundo do abuso de álcool, drogas, “perversões sexuais” e delinquência juvenil. Tratava-se de um momento onde se cria um novo termo para designar práticas já corriqueiras ligadas à transgressão juvenil.

Em março de 1957, o jornal *Última Hora* designou ao jovem repórter Pinheiro Junior a tarefa de adentrar o universo da “juventude transviada”, com o objetivo de redigir uma coletânea de matérias denunciando a forma de vida de uma mocidade que, por irresponsabilidade dos seus pais, poderia chegar à criminalidade por meio de seus hábitos “transviados”, que representavam uma fuga do padrão esperado para a determinada juventude de uma época específica. No caso, moças e rapazes brancos, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, na segunda metade da década de 1950.

Pinheiro Junior é um repórter brasileiro que iniciou sua carreira no ano de 1955 e trabalhou em grandes jornais como *O Dia, O Globo, Jornal do Brasil, O Jornal e Folha de São Paulo.* No entanto, no *Última Hora*, construiu sua carreira jornalística como editor e diretor, e lá permaneceu até o declínio do jornal. Desde muito jovem, Pinheiro Júnior trabalhou em diversas reportagens relevantes, com destaque para as escolhidas como fonte central deste trabalho: a série de matérias sobre a “Juventude Transviada”, publicada pelo *Última Hora* em março de 1957, quando o jornalista tinha apenas vinte e dois anos. Hoje em dia, o jornalista Pinheiro Júnior está aposentado e reside em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. No início do processo de pesquisa, consegui localizá-lo e marcar uma entrevista. A mesma foi incluída como anexo e, juntamente à série de reportagens e ao seu livro de memórias, compõem algumas das fontes utilizadas para este trabalho.

A sequência de reportagens de Pinheiro Júnior foi uma das primeiras na atribuição do termo “juventude transviada” para identificar jovens por meio de seus hábitos reprováveis. O primeiro veículo de imprensa a se referir dessa maneira a grupos de jovens após o lançamento do filme de James Dean foi a revista *Manchete,* em fevereiro de 1957[1]. Tratou-se de uma reportagem sobre desvios juvenis em uma edição que a capa estampava a pergunta: “Aonde vai a nossa juventude?” Cerca de um mês depois, o jornal *Última Hora* inicia sua série de reportagens sobre o mesmo tema.

---

[1] “Blue jeans, blusa vermelha, gente moça, futuro sombrio”, *Manchete.* Rio de Janeiro. 16/02/1957, p .9.

A forma veloz como a ideia de uma “juventude transviada”, uma expressão recente para o período, se popularizou nos jornais e revistas, pode evidenciar a construção de um estigma para grupos de jovens, visto que mais de um periódico se dedicou a produzir matérias sobre os hábitos dessa mocidade, em reportagens que repercutiram muito no período em questão.

A presente dissertação tem como objetivo analisar as causas da popularização da expressão “juventude transviada” para designar grupos de jovens na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, pretende identificar os impactos da publicação no fortalecimento de um estigma que caracterizou determinados grupos de moços e moças que estavam, de alguma maneira, relacionados ao que foi denunciado nos jornais e revistas. Além disso, pretendo analisar a forma como se construiu na imprensa uma estreita relação entre a ideia de uma “juventude transviada” e criminalidade, desde a estreia do filme de James Dean, mas principalmente na abordagem de parte da imprensa após o assassinato da jovem Aída Curi, em julho de 1958.

II.

Os anos 1950 foram, de maneira geral, pouco explorados pela historiografia brasileira. No entanto, tratou-se de um período de intensa transformação nos hábitos e costumes dos moradores das grandes capitais do país. Na discussão referente às mudanças nos costumes a partir da industrialização tardia no Brasil, João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais, no capítulo “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna[2]” disponível no volume 4 da coletânea *História da vida privada no Brasil,* discutem as transformações nos hábitos nacionais a partir da década de 1950, evidenciando como o processo do aumento da industrialização crescente no período, bem como a abertura para o capital estrangeiro, modificou a vida dos indivíduos residentes nos grandes centros urbanos brasileiros, com a chegada de novos produtos, hábitos e costumes, que gerou na população uma espécie de euforia motivada por um ideal progressista, mas também provocou o fenômeno do êxodo rural, ampliado no período pela migração de famílias rurais em busca de oportunidades nos grandes centros urbanos do país como Rio de Janeiro e São Paulo.

---

[2] MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil; 4.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Além disso, o livro intitulado *Liberdade era uma calça velha azul e desbotada*[3], da historiadora Anna Cristina Camargo Moraes de Figueiredo faz um panorama do imaginário coletivo das classes média brasileiras entre as décadas de 1950 e 1960, por meio da publicidade que era hegemonicamente produzida para este público, refletindo não apenas sobre os parâmetros de consumo dos setores médios da sociedade, mas também sobre a maneira pela qual as classes médias urbanas pensavam a sociedade do período.

A utilização de tais obras me permite ampliar o debate sobre questões comportamentais dos indivíduos residentes nas grandes cidades brasileiras, facilitando e dando base à uma abordagem da construção da "etiqueta" da "juventude transviada", por meio da imprensa, para jovens pertencentes a estes setores abordados pelos textos em questão.

Um outro efeito da já mencionada industrialização e produção em massa, foi o barateamento do mercado de roupas e que modificou a maneira de se vestir do morador das grandes capitais, tirando-lhe características excessivamente formais e incorporando peças casuais como os shorts e as calças jeans. Entretanto, a mudança no vestuário mais significativa foi o enfraquecimento, ainda que discreto, dos padrões de gênero nas vestimentas, visto que, no período, alguns homens começam a usar bolsas e as mulheres incorporam peças de roupas tipicamente masculinas, como a calça comprida, a camiseta, o tênis e até mesmo o paletó. As saias do maiô, e também o próprio, começam a desaparecer das praias, sendo aos poucos substituídas por trajes de banho em duas peças, os biquínis. Ao mesmo tempo, as saias longas são trocadas aos poucos pelas minisaias, que se popularizaram completamente durante os anos 1960.

---

[3] FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes; *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada.* São Paulo: Hucitec, 1998.

Além disso, houve na segunda metade dos anos 1950, um discreto processo de emancipação feminina. Mulheres começaram a trabalhar fora, frequentar bares e discotecas, a beber em público e a fumar, sem necessariamente serem mal vistas por isso. Esse movimento muda o ambiente onde futuros casais se conhecem, tirando-o de lugares mais restritos, tutelados pela família, e trazendo-o para lugares públicos, como festinhas locais, bares e lanchonetes, lugares onde a decisão de um relacionamento não envolve a família de nenhuma das duas partes.

No entanto, mesmo com a mudança de alguns padrões de gênero, as distinções entre os papéis sociais do homem e da mulher continuaram evidentes na década de 1950. A pesquisadora Carla Bassanezi afirma que, nos "anos dourados", mesmo com um pouco mais de liberdade, ainda havia normas sociais que esperavam das mulheres o cumprimento do dever da maternidade e do cuidado do lar após o casamento. Além disso, as mulheres que queriam se casar, deveriam se prevenir para não serem vistas como levianas, mas como moças de família na sociedade. As mulheres eram, diferentemente dos homens, aconselhadas a manterem-se virgens até o casamento, mesmo que frequentando novos lugares de sociabilidade.[4]

Ainda segundo a historiadora, havia uma forte preocupação em manter as moças no caminho correto, afastando-as de más influências que poderiam ser responsáveis por levá-las ao erro. Nesse sentido, Carla Bassanezi afirma que pessoas mais conservadoras chegavam a criticar o cinema norte-americano, muito popular no período, como responsável por trazer para o Brasil "hábitos condenáveis para uma mulher".[5] Tal afirmação pode indicar que os relacionamentos e costumes estavam mudando de acordo com um padrão que era visto no cinema de *Hollywood*, com beijos na boca e passeios de mãos dadas, imprimindo um maior "calor" nas relações afetivas no período, gerando maior preocupação nos mais conservadores.

---

[4] BASSANEZI, Carla. "Mulheres nos anos dourados" in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997. p. 609

No que diz respeito às questões de gênero, o texto da pesquisadora Carla Bassanezi dá dimensão da realidade das mulheres nos anos dourados. Ampliando o debate referente ao comportamento feminino no período, algo que foi amplamente discutido pelas matérias de jornais que discutiam a questão de uma juventude "perdida". Torna-se indispensável discutir também questões relacionadas à chegada em peso da chamada cultura norte-americana no século XX no Brasil. Nos anos 1950, o modelo ideal cultural a ser copiado, passa a ser o *american way of life*, que se expande pela sociedade brasileira com a força do cinema, auxiliando na alteração de padrões de comportamento e consumo das classes médias provenientes das grandes cidades brasileiras. Os hábitos nas grandes capitais, portanto, eram transformados e estavam cada vez mais próximos dos hábitos norte-americanos, sendo o tema delimitado para o presente texto uma forte expressão disso. Com a estreia do filme *Juventude Transviada*, estrelado pelo ator americano James Dean, é suscitada a curiosidade e preocupação pela questão da juventude no Brasil.

Responsável pelo conjunto de matérias publicadas pelo jornal *Última Hora*, o jornalista Pinheiro Junior escreveu o livro intitulado *Última Hora: como ela era*[6], onde narra a sua experiência como repórter e jornalista, dedicando parte considerável ao seu trabalho quando submergiu o mundo da "juventude transviada", frequentando bares e boates de Copacabana a fim de escrever matérias alertando aos pais dos jovens sobre o possível cotidiano dos seus filhos nas ruas deste bairro. O jornalista destaca como foi o processo de idealização e publicação das reportagens, bem como a sua repercussão, fundamental para o aumento das tiragens do jornal onde trabalhou a maior parte de sua carreira, o *Última Hora.*

---

[5] Ibid. p. 610

[6] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro, Mauad X: 2011

Já no que diz respeito à imprensa, o livro intitulado *História da Imprensa no Brasil*[7]*,* de organização de Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, faz um panorama geral sobre questões históricas referentes ao jornalismo impresso no Brasil. Segundo o livro, a "grande imprensa" já estava consolidada nos anos 1950, atuando politicamente com todo o seu poder de influência. A autora afirma que, apesar do "advento do rádio" desde os anos 1920, os jornais e revistas continuavam atuando como quarto poder de forte influência na sociedade. Além da obra em questão, o livro da pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro sobre a imprensa carioca nos anos 1950,[8] auxilia na análise dos anos 1950 como um período de mudanças também na imprensa, dando suporte na discussão sobre a forma pela qual o jornal *Última Hora* apresentou uma série de novidades para o período.

Relacionando questões semelhantes às abordadas por esse projeto, a antropóloga Simone Luci Pereira, escreveu artigo intitulado "Imprensa e juventude nos anos 50*"*[9]*,* onde se propõe analisar o modo pelo qual a imprensa, de certa maneira, participou da criação de uma dicotomia dentro da juventude brasileira, separando os jovens entre "equilibrados" e "transviados". A autora argumenta que a construção narrativa sobre a "juventude problema", essa "juventude transviada", tem sua identificação criada a partir do contraste com o padrão de comportamento esperado dos jovens na década de 1950, ou seja, através da presença do debate sobre um modelo de "juventude ideal" em oposição à "juventude transviada" nas páginas da imprensa.

---

[7] MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2012.

[8] RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50.* Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

[9] PEREIRA, Simone Luci. "Imprensa e Juventude nos Anos 50". In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande/MS, 2001.

Também discutindo a relação entre imprensa e juventude, mas com foco no Ceará, a historiadora Lídia dos Santos estudou em sua tese de doutorado[10] a forma como se constituiu uma juventude transviada no Brasil, ou mais especificamente, na cidade de Fortaleza. A autora sustenta o argumento de que a "juventude transviada" surgiu de uma exploração midiática relacionada ao tema, classificando como transviados, jovens que estariam fora de um padrão ideal de juventude, e que era veiculado também pela imprensa. Nesse sentido, a autora afirma ser necessário repensar o conceito de juventude transviada como foi criado no Brasil.

No entanto, considerando que a "juventude transviada" nunca existiu como um grupo homogêneo, mobilizando pessoas que se identificavam como integrantes do mesmo, supõe-se que ela foi criada através de mecanismos de ação na sociedade capazes de caracterizar os indivíduos alvo, os jovens da Zona Sul carioca, como transviados. Quando se pensava em "juventude transviada" na segunda metade da década de 1950, todos sabiam exatamente do que se tratava, no entanto, não se encontra nenhuma definição objetiva sobre o que constituiria de fato o grupo, de acordo com a identidade de seus integrantes.

Para analisar essa questão, terei como base a obra do historiador francês Dominique Kalifa, *Os Bas-fonds*[11]*,* onde ele analisa o que chama de "imaginário social" referente às "espeluncas" de Paris, lugares dignos de suspeição, que todos sabem do que se tratam, sem saber defini-los precisamente. O historiador afirma que a realidade produzida está diretamente ligada a um imaginário social, e o social, diretamente definido por questões morais. Portanto, pretendo discutir a construção de uma ideia de uma juventude "transviada" na mesma linha de análise utilizada pelo historiador Dominique Kalifa: questionando como se constituiu, na cidade do Rio de Janeiro, um imaginário social capaz de caracterizar jovens a partir dos seus hábitos noturnos, produzindo uma realidade social com parâmetros morais, a respeito de uma mocidade.

---

[10] SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. 2013. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
[11] KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário.* São Paulo, EDUSP: 2017.

No que diz respeito aos hábitos desses jovens, em oposição aos parâmetros morais socialmente estabelecidos, utilizarei o livro de Howard Becker, *Outsiders*[12], bem como o conceito de "desvio" que o autor emprega na sua obra. Considerando regras socialmente estabelecidas através da moral, *outsider* é todo aquele que rompe uma regra existente, sendo "etiquetado" dessa maneira pela sociedade. No caso da ideia de uma "juventude transviada", indivíduos foram socialmente marcados dessa maneira em decorrência de seus hábitos considerados desviantes.

Por fim, uso como referencial teórico a obra do sociólogo americano David Matza, que em seu livro *Delincuencia y deriva,*[13] discorre sobre as causas da delinquência juvenil na década de 1950 que, segundo o autor, podem estar relacionadas com os conceitos de "*deriva"* e "técnicas de neutralização" que, diretamente relacionadas, podem auxiliar na interpretação da leitura feita pelos jornalistas dos jovens delinquentes da região de Copacabana nos anos 1950.

As fontes utilizadas para a presente dissertação são provenientes da imprensa carioca na segunda metade da década de 1950, principalmente do jornal *Última Hora.*[14] Além disso, foram utilizados o livro de memórias do jornalista Pinheiro Júnior,[15] assim como a entrevista que o mesmo concedeu a mim no ano de 2019.[16]

No primeiro capítulo, busco analisar as circunstâncias pelas quais foi criado um terreno para o questionamento dos hábitos de determinados grupos de jovens da zona sul carioca no final dos anos 1950. Passando pela politização da juventude Varguista nos anos 1930, bem como pela criação de um modelo de jovem ideal: forte, saudável, higiênico, disciplinado e solidário, proponho demonstrar como esse modelo de mocidade expõe seus reflexos nos anos 1950, no que diz respeito ao comportamento supostamente ideal de grupos de moços e moças. No capítulo inicial, também busco analisar a evolução do bairro de Copacabana, desde sua fundação até a criação de um pretenso estilo de vida específico dos moradores daquela região: jovens, ricos, adeptos da prática de esportes e dos prazeres balneários. Proponho, ainda, analisar as condições mais específicas para a criação do estigma da "juventude transviada", como a popularização do *american way of life,* a presença do cinema no cotidiano dos moradores de grande centros urbanos, bem como a estreia do filme de James Dean, *Juventude Transviada*.

---

[12] BECKER, Howard. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

[13] MATZA, David. *Delincuencia y deriva: Cómo y por qué algunos jóvenes llegan a quebrantar la ley.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

[14] Todas as reportagens utilizadas estão disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

[15] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro, Mauad X: 2011.

[16] A transcrição da entrevista foi incluída como anexo no final do texto.

No segundo capítulo, proponho uma análise dos objetivos que levaram o jornal *Última Hora* a publicar o conjunto de matérias que corroboraram o uso da expressão. Munido do livro de memórias do jornalista Pinheiro Júnior e de sua entrevista concedida a mim. Busquei analisar as reportagens publicadas, para identificar os principais motivos que levaram os editores do jornal a publicar as matérias durante cerca de um mês, assim como os artifícios utilizados pelos mesmos para atrair os leitores para as publicações. Além disso, discute-se os impactos da reportagem pela perspectiva do próprio jornal, analisando depoimentos de leitores bem como a construção narrativa dos jornalistas do *Última Hora* sobre os impactos do que foi publicado.

O último capítulo tem como objetivo analisar a relação criada na imprensa entre "juventude transviada" e criminalidade, que passou a associar jovens de classe média e classe alta com um "submundo" da criminalidade no Rio de Janeiro. Para isso, pretendo discutir a construção de imagens de criminosos, bem como a "etiquetação" de corpos desviantes. Por fim, pretendo analisar a repercussão imediata do jornal *Última Hora* em sua cobertura no assassinado da jovem Aída Curi, que foi diretamente tratada pela imprensa como uma vítima da “degradação da juventude transviada”.

Por fim, destaco a imensa dificuldade de se produzir uma dissertação de mestrado durante a pandemia da COVID-19. O projeto original do presente texto previa pesquisas presenciais em arquivos que foram impossibilitadas em decorrência das medidas de isolamento social estabelecidas como meio de frear a propagação do vírus. Além disso, eu, como muitos outros estudantes de pós-graduação no Brasil, não tive acesso a bolsas de auxílio, o que dificultou e atrasou o processo de conclusão do presente texto.

Apesar de tudo, me considero vitorioso por concluir o Mestrado em uma instituição de excelência acadêmica de um país que, nos últimos quatro anos, sofreu com um projeto político que tinha como meta o desmonte da educação pública, fazendo das universidades federais seu principal alvo.

CAPÍTULO 1 - Entre modelos e ideologias: a questão da juventude no Brasil (1938 - 1957)

Durante a primeira metade do século XX, foi formado um "terreno" próprio e adequado para o questionamento dos hábitos e comportamentos de um determinado grupo de jovens, com uma específica faixa etária e residentes numa mesma região da cidade do Rio de Janeiro. Aqui, pretendo discutir juventudes, desde a preocupação politizada sobre seus rumos até a instauração subjetiva de um modelo ideal para jovens brasileiros a partir dos anos 1930. Além disso, será analisada a amplitude da influência cultural estadunidense no Brasil durante a década de 1950, principalmente por meio do cinema. Ainda no presente capítulo, busco situar o bairro de Copacabana e sua história local como o espaço em evidência nas fontes analisadas, bem como desnaturalizar a ideia de que uma juventude residente daquela região tenha sido, inicialmente, taxada como transviada sem algum motivo específico.

Aqui, portanto, pretendo investigar as raízes das preocupações dirigidas às juventudes do período, a criação de padrões morais e questionamento de comportamentos de determinados grupos de jovens, bem como o reflexo das influências recebidas pelos mesmos vindas do exterior em moços e moças de uma determinada região da cidade do Rio de Janeiro: o bairro de Copacabana e suas adjacências.

Em entrevista concedida em 1983[17], o sociólogo francês Pierre Bourdieu falou sobre a questão da juventude, ou melhor dizendo, das juventudes. Segundo o autor, não se pode esperar que jovens da mesma faixa etária tenham algum tipo de comportamento coeso. Sendo a juventude e a velhice dados socialmente construídos, a idade seria algo manipulável. Logo, a escolha por falar de pessoas da mesma faixa etária de uma maneira específica, classificando-os de acordo com interesses em comum constituiria, segundo Bourdieu, uma manipulação evidente.

---

[17] BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero.

Portanto, formas de classificação da juventude em determinadas “caixas”, especificando um “jeito jovem” de ser, foram socialmente instituídas dentro de uma relação que resulta na classificação em velhos e jovens. A partir disto, pode-se questionar: o que se almeja para os jovens e, principalmente, o que se espera dos mesmos?

A questão da juventude foi, certamente, um problema muito discutido durante o século XX. Vistos por muitos com preocupação e maus olhos, jovens do mundo inteiro viraram objeto de estudo de sociólogos, psicólogos, jornalistas, bem como, foco de críticas, expectativas e atenção de civis de maneira geral. Da Escola de Chicago às páginas de um jornal impresso no Centro do Rio de Janeiro, se discutiu durante toda a primeira metade do século passado, de maneira profunda ou genérica, a importância dos jovens enquanto “futuro da nação”. Por isso, pensar nas questões referentes à juventude seria pensar sobre o destino de determinada cidade, estado, país, ou mesmo da humanidade de maneira geral.

1.1 - “Assistir e educar a mocidade”: Um modelo varguista de juventude.

No século XX, após a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) ocorreu o chamado *baby boom,* onde alguns países vivenciaram um grande aumento de natalidade. Tal episódio influenciou de maneira significativa diversos setores da sociedade, bem como gerou transformações em diversos segmentos sociais que se adaptaram às mudanças geradas pelo crescimento do número de nascimentos. Consequentemente e de maneira concomitante às mudanças em questão, houve em diversos países, aumentos expressivos na preocupação com os rumos desta juventude no período pós guerra.

No Brasil, entretanto, o problema foi tratado de maneira significativa alguns anos antes. Durante o governo de Getúlio Vargas, como em outros lugares do mundo[18], a relação do Estado com os jovens passou a ser manejada politicamente com o objetivo de criar um tipo de juventude específica, adequada aos valores do regime em questão. Ditava-se, através de políticas públicas, quais deveriam ser os hábitos, costumes e comportamento de um jovem na sociedade, criando um modelo de "juventude ideal" que espelhasse os anseios políticos e ideológicos de um governo.

Após a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937, passou a vigorar um regime político que tinha por intenção reformar a República brasileira por inteiro. O presidente Getúlio Vargas pretendia deixar para trás o que convencionou-se chamar "República Velha" para a instituição de um novo Estado no Brasil. Com forte inspiração em outros regimes totalitários, o Estado Novo buscava modificar completamente a forma pela qual o povo se relacionava com o Governo, com o Estado e com a Nação, introduzindo na população uma nova maneira de lidar com seus direitos e deveres patrióticos.

Juntamente com a intenção de criar uma nova República, surge por consequência, a necessidade da criação de um "novo homem" que estivesse adequado ao regime recém instituído. Ou seja: para adequar a nova realidade na sociedade, o governo esperava criar uma população com valores distintos dos vistos até então. Buscava-se, de maneira exacerbada, alguns objetivos como a instrução básica escolar, a valorização da higiene, a introdução no cotidiano de valores militares tais quais a hierarquia, a cooperação, o civismo e o aperfeiçoamento físico pela prática de esportes.

Sobre a criação de um "novo homem" brasileiro durante o Estado Novo, especialmente no que diz respeito à juventude, o livro *Educando corpos e criando a*

---

[18] Como por exemplo a Mocidade Portuguesa organizada por António Salazar, ou a Juventude Balilla idealizada por Benito Mussolini.

nação, do historiador Maurício Parada,[19] afirma que havia um modelo de sociedade a ser pautado através de quatro princípios: ordem, obediência, autoridade e aceitação. Na construção de tal modelo de sociedade, destaca-se o papel da juventude no centro do projeto a ser implementado. O autor destaca a associação entre educação e civismo para a construção de um modelo ideal de jovens alinhados aos preceitos da ditadura de Getúlio Vargas.

Para atingir tais objetivos, o Estado Novo varguista buscou, através do Ministério gerido por Gustavo Capanema, transmitir os novos valores do regime diretamente aos jovens na utilização da malha de escolas públicas espalhadas por todo o país. Seu objetivo era, primordialmente, fazer uso político da juventude, que seria moldada para atender à nova realidade política em vigor. Moldar a mentalidade dos jovens significava a perpetuação dos valores estadonovistas para as gerações futuras. Uma nova mocidade, portanto, representaria a garantia da nova realidade pretendida para o futuro.

Neste sentido, a socióloga Helena Bomeny afirma que a educação foi uma das traduções mais fiéis do que o Estado Novo pretendeu pôr em prática no Brasil. Segundo a autora, para formar o “homem novo” a educação foi utilizada como forma de conformar mentalidades, criar o sentimento de brasilidade e fortalecer a identidade do trabalhador, como um empreendimento onde a educação era central por causa de sua capacidade de socializar indivíduos de acordo com os valores de determinada sociedade.[20] A educação era, portanto, peça chave na criação do “novo homem” brasileiro, que por sua vez, era essencial para a consolidação da ideologia política do Estado Novo.

Neste sentido, Helena Bomeny destaca:

---

[19] PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo.* Rio de Janeiro. Editora PUC Rio; Apicuri, 2009.

[20] BOMENY, Helena Maria Bousquet. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado novo. in: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 139.

> “O ensino primário é o momento de formação de caráter; o ensino secundário é decisivo na formação de mentalidade. O “homem novo” para o Estado Novo teria seu embrião vertebrado na adolescência, veria o mundo e avaliaria sua posição na sociedade de acordo com o convívio de juventude que tem no ensino secundário sua inequívoca expressão.”[21]

A pesquisadora evidencia, portanto, a preferência do Estado Novo pela preparação civil na adolescência, visto que trata-se de um momento de maior vulnerabilidade, onde o jovem é mais sensível às transformações sociais, sendo, de certa forma, o momento propício para a adaptação física e moral em moldes militares que era pretendida. Nascia, a partir daí, a pretensão da criação do chamado “cidadão - soldado”.

Neste sentido, é válido destacar que durante o período, criou-se um modelo de juventude almejado pelo governo, com modelo de “jovens ideais” e a propagação de uma expectativa sobre que caminhos deveria seguir a mocidade. Tal direção estava, como dito, intimamente relacionada com a ideologia militar da ordem, da disciplina, do cuidado com o corpo, do amor à pátria e do sentimento religioso cristão.

Entretanto, o governo encontrou formas distintas de introduzir tais valores na juventude, não limitando-se apenas à criação de novos modelos educacionais. Em ação coordenada pelo Ministério da Justiça e com fortíssima influência das Forças Armadas, o Estado Novo buscou, em ação fracassada, formar grupos paramilitares de jovens por todo o país. A chamada Organização Nacional da Juventude, tinha como objetivo cooptar e organizar toda a juventude brasileira de acordo com os preceitos do novo regime.

Gerado no ano de 1938, o projeto tinha um objetivo claro e estruturas bem desenhadas. A Organização Nacional da Juventude era uma instituição incentivada pelo governo com pretensão de arregimentar jovens em torno de grupos de ideologia militar e forte influência fascista. Essa seria, evidentemente, uma das principais vias encontradas pelo governo para tutelar a juventude, moldando-a de acordo com seus interesses. Tal grupo tinha como público alvo crianças a partir dos oito até os dezoito anos de idade. Dentre os objetivos gerais inicialmente propostos, destaca-se a pretensão de infundir nos jovens "o sentimento de disciplina e da educação militar", inicialmente, falando na equivalência ao serviço militar obrigatório, causando certo desconforto nos comandantes das Forças Armadas do período.

---

[21] Ibid. p. 163.

Estavam presentes também no projeto da Organização Nacional da Juventude os aspectos de orientação cívica e política que estavam de acordo com o Estado Novo, como o culto à bandeira, o canto do Hino Nacional e o ensino de noções militares e patrióticas.[22] Na prática, eram ditadas dentro da organização as condutas esperadas da população dentro do novo regime.

No entanto, a Organização conforme foi pensada e estruturada, estava em desacordo com a valorização e a utilização das escolas e da educação para a propagação da ideologia do Estado Novo, pois excluía a participação do Ministério da Educação e Saúde de sua estrutura. Após críticas de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação, e Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, foram sugeridas mudanças no projeto visando incluir o debate educacional e transformando-o no que ficaria conhecido por "Juventude Brasileira". O novo projeto, além de imbuir a juventude da ideologia paramilitar proposta inicialmente pela Organização Nacional da Juventude, visava unir as escolas à pretensão do Estado Novo de adaptar os jovens à nova realidade política do país. Com isso, seria possível atingir os objetivos iniciais encarando de frente problemas comuns à realidade brasileira, como por exemplo, o analfabetismo.[23]

Mesmo com diferenças entre projetos que foram postos em prática parcial ou integralmente, é notória a preocupação do Estado Novo com a formação da juventude. De todas as questões políticas expressas no período e listadas aqui, uma chama atenção de maneira especial para os rumos deste trabalho: o cuidado com o corpo. Seja pela higiene, pelo asseio, pelo desenvolvimento das habilidades físicas através da prática esportiva, o cuidado com o corpo foi parte do projeto político do regime varguista para a população e especialmente para a juventude.

---

[22] SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena M. B. COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema.* Rio de Janeiro: FGV e Paz e Terra, 2000. p. 140.

[23] MULLER, Angélica. *Entre o Estado e a sociedade: A política de juventude de Vargas e a fundação e atuação da UNE durante o Estado Novo.* Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 19 e 20.

É evidente o crescimento da preocupação com o corpo no final dos anos 1930. Médicos, professores, educadores, militares e instituições como o Exército e a Igreja foram responsáveis por colocar a pauta na ordem do dia, o que gerou um exponencial aumento da discussão na sociedade, bem como o aparecimento de revistas especializadas em saúde, higiene e educação física.[24]

De acordo com a lógica militar cada vez mais predominante no período, tratar e adequar o corpo, evidenciando suas potencialidades físicas, colaboraria para a integridade física e moral do cidadão. Houve, no período, o que o historiador Alcir Lenharo chama de "Militarização do Corpo". Sobre o que se pensava a respeito do tema, o autor destaca:

> "Só o corpo convenientemente educado favorece o desenvolvimento do espírito, atua também como um instrumento dócil e perfeito, mesmo porque "um corpo forte obedece, enquanto um fraco comanda" Assim é que o corpo fisicamente educado faculta o desenvolvimento das "mais elevadas faculdades morais". O corpo não é mero produtor de moralidade mas é também seu transmissor."[25]

No trecho destacado, o autor parte da ideologia do Estado Novo Varguista para chamar atenção para a relação entre um corpo "educado", ou seja, forte, treinado, e as chamadas "faculdades morais". Conclui-se, portanto, que a pretendida "docilização" e adaptação da juventude passava pela construção de um corpo atlético em um cidadão obediente e suscetível às mudanças em curso no país.

Além do modelo de juventude estabelecido pelo regime político em questão, havia outros grupos que disputavam moços e moças a partir de ideologias distintas. No mesmo período, ficaram amplamente conhecidos outros grupos de articulação de jovens como a Juventude Comunista e a Juventude Católica.[26]

---

[24] LENHARO, Alcir. "A militarização do corpo" In: *Sacralização da política.* Campinas: UNICAMP, 1986. p. 75.

[25] Ibid. p. 77.

Tais modelos de juventude seguiram em disputa na sociedade brasileira durante as décadas seguintes, reverberando nos anos 1940 e 1950 com discursos de médicos, educadores, políticos, psicólogos e religiosos que, comumente, estabeleciam parâmetros para os hábitos e ideologias de moços e moças no Brasil.

Após o fim do Estado Novo, a mudança de regime trouxe a Constituição de 1946 que não aborda em detalhes políticas para juventude, apenas para o plano educacional. Tal ausência pode indicar uma permanência dos ideais e modelos para jovens propagados e estabelecidos nas décadas anteriores.

1.2 - Os anos 1950 como um período de mudanças

Os anos 1950 no Brasil, por vezes chamados de "anos dourados", foram marcados por uma sensação de mudança rumo ao progresso. Para a população de maneira geral, o Brasil era o país do futuro, caminhando rumo ao seu lugar em meio aos países desenvolvidos. A população brasileira, em especial as classes médias, foram tomadas por uma euforia gerada pelo surgimento de novos padrões de consumo que revolucionaram os hábitos e costumes do cidadão brasileiro proveniente das grandes cidades, modernizando-os.

Nesse sentido, a historiadora Anna Cristina Figueiredo afirma:

> "Da simples lâmina de barbear ao mais requintado automóvel, não havia nos anos 50 e 60, bem de consumo que não se pretendesse moderno, novo ou inédito. Estes bens eram oferecidos a homens e mulheres igualmente modernos, afinados com os novos tempos e vivendo em perfeita consonância com o progresso."[27]

---

[26] MARQUES, Raisa. *Do espontâneo ao organizado. O papel da Juventude Comunista no processo de construção da União Nacional dos Estudantes (1935 - 1938).* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

[27] FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes; *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada.* São Paulo: Hucitec, 1998. p. 31.

Portanto, a industrialização nacional aliada a abertura para o capital estrangeiro durante o governo Juscelino Kubitscheck, modificou a forma habitual de consumo de certos setores de camadas médias da população brasileira, gerando um estilo de vida modernizado e menos distante do cotidiano dos países mais desenvolvidos. A enxurrada de novidades que atravessou as casas das grandes cidades gerou fortíssimas mudanças nos costumes da população dos grandes centros urbanos do país. Com isso, as classes médias demonstravam uma euforia latente com as transformações em suas vidas cotidianas.

Na segunda metade dos anos 1950, as casas contavam com novidades no ramo dos eletrodomésticos: como o liquidificador, batedeira, fogão a gás e geladeira, produtos que se popularizaram e modificaram intensamente a relação das famílias com a alimentação, que não foi transformada apenas pela chegada de novos utensílios para a cozinha.

O exponencial aumento da industrialização alterou hábitos alimentares, disponibilizando nos supermercados itens como extrato de tomate, latas contendo ervilha, palmito, milho e pêssego industrializados, produtos embutidos como presunto e linguiça para serem comidos com pão de forma, e quem sabe, acompanhados por uma coca-cola, refrigerante produzido nos Estados Unidos que chegou ao país no período munido de uma forte campanha publicitária que buscava introduzir a bebida nos novos hábitos de consumo dos brasileiros.

Além disso, a popularização de produtos de higiene pessoal, como desodorantes, perfumes, loções, pastas de dentes, cremes e absorventes também modificaram a relação da população com o cuidado do corpo, que agora passa a ter produtos que, a partir de então, tornavam-se imprescindíveis para a higiene pessoal.

A intensa industrialização colaborou para o aumento, no país, do processo de produção em massa, que tornou mais acessível o mercado de roupas e alterou parâmetros da moda, tirando-lhe características muito formais e trazendo para o cotidiano o uso de peças mais casuais, como os shorts e as calças *jeans*. Ainda que discretamente, houve uma transformação dos padrões de gênero no modo de se vestir do brasileiro proveniente das grandes capitais: homens começam a usar bolsas e as mulheres incorporam peças de roupas consideradas masculinas, como a calça comprida, a camiseta, o tênis e até mesmo o paletó. Os maiôs gradualmente começaram a desaparecer das praias, sendo substituídos por roupas de banho em duas peças. Ao mesmo tempo, as tradicionais saias longas deram lugar para as minisaias, que se popularizaram significativamente durante os anos 1960.

Tais transformações estavam alinhadas com o projeto político modernizador vigente na década de 1950. A modernização em questão também estava relacionada com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. A pesquisadora Tatiana Roque, aponta uma mudança gerada a partir de novos financiamentos para pesquisas no começo dos anos 1950[28]. O Conselho Nacional de Pesquisas, como costumava ser chamado o CNPq, foi fundado no período, se tornando um importante meio de incentivo para pesquisadores brasileiros.

Entretanto, tais mudanças não foram apenas relances de “modernização”, mas também transformaram a vida de milhões de brasileiros residentes no interior que foram obrigados a largar o “Brasil arcaico” para tentar melhores oportunidades de vida no “Brasil moderno” idealizado por Juscelino Kubitschek. Na segunda metade da década de 1950, os grandes latifundiários não haviam sido ao menos incomodados por nenhuma das gestões pós-1889, e assim permaneceram durante os anos JK. Vista como “jeca” nos grandes centros urbanos, a população rural não teve acesso ao desenvolvimentismo de Juscelino e pouco sentiu as transformações em curso no país.

---

[28] ROQUE, Tatiana. Pesquisa matemática e instituições científicas no Brasil do pós-guerra. *Cienc. Cult.*, Jan 2018, vol.70, no.1, p. 26-31.

1.2.1 - Copacabana: do aristocrático bem-estar a um paraíso imoral?

Imaginada no final do século XIX, a expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro para a região atlântica foi facilitada pela inauguração, em 1892, de uma linha de bondes para a região de Copacabana, que utilizava o também recém fundado Túnel Velho, que foi durante muitos anos, a principal via de acesso ao então novo bairro. Até então, a cidade planejada havia se expandido do centro para o subúrbio, onde famílias pobres e de classe média menos abastadas se instalaram, e do centro para a região de Botafogo, que com seus característicos palacetes, abrigou durante décadas as elites cariocas em uma localidade não tão distante da região central, entretanto, um pouco mais distante dos principais problemas urbanos enfrentados na cidade do Rio no início do século XX.

A expansão urbana para a região de Copacabana foi feita sob signos extremamente valorizados no período em questão: a modernidade e a salubridade. Ao chegar a um areal quase deserto, a linha de bondes representava o moderno. Já a proximidade do mar tornava o bairro mais arejado e menos suscetível às frequentes epidemias que assolavam as demais regiões da cidade. Sobre a criação do bairro, a antropóloga Julia O'Donnell destaca:

> "...emergia como resultado de uma equação composta de salubridade, prazer, investimento, juventude e tranquilidade sem, em momento algum, abrir mão do adjetivo que, ao fim e ao cabo, era a própria condição da sua existência: o urbano."[29]

Portanto, ao buscar, na cidade do Rio de Janeiro, um lugar intocado pelo progresso e próximo ao mar, as elites cariocas inventaram em Copacabana, um estilo de vida moderno, jovem e saudável, capitaneado por uma urbanização adequada ao jeito de viver da aristocracia que aos poucos se instalava ali. Seus investidores apresentavam o bairro como uma alternativa de cotidiano urbano, aristocrático, futurista e com qualidade superior ao encontrado no resto da cidade.

---

[29] O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940).* Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 42.

O estilo de vida saudável em questão não estaria disposto somente pela privilegiada localização do bairro, numa localidade arejada e próxima ao mar. O moderno e recém criado "modo de viver de Copacabana" também estava muito associado à prática de esportes, balneários ou não, pela população residente na região atlântica da cidade. O cuidado com o corpo, para os novos moradores, ganha forte associação à sua pretensa distinção social.

Durante a primeira metade do século XX, a prática de exercícios foi parte do cotidiano de uma aristocracia embebida do mesmo discurso higienista que derrubou cortiços e casebres no Centro do Rio de Janeiro. As elites locais praticavam esportes aquáticos, como o remo, as regatas e a natação, mas também praticavam outros esportes não aquáticos em seus ambientes de sociabilidade, como o hipismo, a ginástica e o futebol.[30]

Além da valorização exacerbada do esporte, Julia O'Donnell destaca que jornais como o *Beira-Mar*, que exaltava o estilo de vida dos moradores de Copacabana, costumavam fazer comparações entre os atletas do bairro e o que chamavam de "melindrosas" e "almofadinhas", pessoas "vinculadas ao uso de drogas e hábitos excessivamente noturnos".[31] De acordo com o jornal, a vida atlântica da aristocracia local, além de jovem e moderna, deveria ser saudável e adepta da prática esportiva. A antropóloga destaca:

> "Era com a fixação de mecanismos de aperfeiçoamento físico para a juventude copacabanense que se preocupavam os editores do *Beira-Mar*, fazendo de sua aberta militância pela prática desportiva nas areias mais uma estratégia de distinção territorial do que propriamente a adesão à campanha genérica pela salubridade do povo."[32]

Portanto, a prática de esportes e o estilo de vida saudável, era utilizada como distinção para uma população jovem, moderna e rica, frequentemente defendidas pela sua "grandeza" aristocrática nas páginas do jornal em questão. Em Copacabana, o esporte estava fortemente associado não apenas à salubridade e aos ideais higienistas, mas também à beleza e à pretensa distinção de seu característico estilo de vida.

---

[30] Ibid. p. 160.
[31] Ibid. p. 161.
[32] Ibid. p. 163.

Por todo o signo inventado em torno da ocupação da região atlântica, o bairro passa a ser visto, durante a primeira metade do século XX e nas décadas subsequentes, como símbolo de ascensão social na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o imaginário popular carioca, mudar-se para Copacabana passou a ser associado a uma elevação na qualidade de vida, ou a uma adesão a um estilo de vida característico das elites, permeado pelos signos da modernidade, salubridade e distinção.

Entre as décadas de 1920 e 1970, a população da cidade do Rio de Janeiro cresceu cerca de 240%, enquanto o número de residentes do bairro de Copacabana aumentou aproximadamente 1500% no mesmo período. A partir da década de 1940, a região enfrentou uma considerável expansão vertical, ampliando o número de prédios e gerando, consequentemente, um expressivo aumento de famílias residentes em apartamentos. O censo dos anos 1970 demonstra com clareza o resultado de tal expansão: dos cerca de 4,2 milhões de moradores da cidade do Rio de Janeiro, mais de 250 mil viviam no bairro de Copacabana.[33]

O crescimento exponencial da região atlântica carioca no decorrer do século XX tem íntima relação com os signos propagados durante a construção dos bairros, mas principalmente com o signo da distinção. Mudar-se do subúrbio para Copacabana foi visto, durante muitos anos, como uma forma de adquirir prestígio e status em um deslocamento dentro da cidade do Rio de Janeiro. Sobre um relato[34] do ano de 1953 que cita as frequentes mudanças da Zona Norte para a Zona Sul do Rio de Janeiro, a antropóloga Julia O'Donnell destaca:

> "Tão natural quanto o desejo de "ganhar o paraíso", a chegada à Zona Sul é ali apontada como o fim de uma longa jornada que, para além dos quilômetros percorridos, marcaria a entrada num novo universo de valores cujos significados extrapolavam muito os sentidos da ascensão social *strictu sensu.* Os testemunhos revelam, assim, que mais do que uma marcha

---

[33] VELHO, Gilberto. *A utopia urbana.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 21.

[34] *O Cruzeiro,* 03/01/1953.

> evolutiva rumo ao centro natural do mapa do prestígio, o crescimento dos bairros atlânticos representava a adesão de certos setores da sociedade aos valores e visões de mundo outrora consolidados pelos *cilenses* em torno daquela região da cidade.”[35]

Neste sentido, mudar-se para a região de Copacabana significou, durante muitos anos, a apropriação dos valores e tradições aristocráticas inventadas no início da ocupação urbana da área em questão. Entretanto, o expressivo aumento populacional da região trouxe diversas consequências para o cotidiano do bairro. Uma delas é a instauração, no bairro, de um novo pólo da vida noturna na cidade do Rio de Janeiro a partir dos anos 1950.

A partir da popularização de Copacabana e com a chegada de novos meios de transporte dando acesso ao bairro, a região se tornou um ponto comum de lazer para toda a cidade. Sua praia ganhou fama mundial e passou a ser ocupada diariamente por turistas e cariocas de outros logradouros que buscavam um dia de sol e mar. Além disso, multiplicaram-se os bares, restaurantes, cinemas, boates e inferninhos, que deram nova roupagem à vida noturna do local. Já nos anos 1940, o escritor Luís Martins afirmou que as noites de Copacabana representavam o tempo presente, e as da Lapa, o tempo passado,[36] dando indícios de uma transferência da principal região na rotina de lazer noturno e na boemia da cidade do Rio de Janeiro.

Com o florescimento dessa nova vida noturna carioca, aliada do inchamento populacional sofrido por Copacabana e pela cidade do Rio de Janeiro nos anos 1950, a região atlântica da cidade passou a também ser escolhida por pessoas cujos comportamentos eram questionados pelas pessoas aristocráticas que costumavam viver ali. Prostitutas e pessoas LGBT, em geral, encontraram no bairro uma vida livre do controle familiar usualmente exercido em suas cidades.[37]

---

[35] O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940).* Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 229 e 230.

[36] MARTINS, Luís. *Noturno da Lapa.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 246.

[37] GREEN, James. “Novas palavras, novos espaços, novas identidades” in: *Além do carnaval.* São Paulo: UNESP, 1999. p. 255.

Assim, o bairro de Copacabana passou por um processo de transformação, deixando de ser exclusivamente um paraíso aristocrático conforme anunciado nas décadas anteriores, para se tornar também um pólo da "imoralidade" na cidade do Rio de Janeiro. Tais transformações estão intimamente relacionadas com a popularização do bairro ocorrida no período, entretanto, as mesmas também podem ser inseridas num amplo contexto de mudanças vividas no Brasil nas décadas em questão.

Apesar das mudanças, perseveravam na cidade do Rio de Janeiro antigos valores já discutidos no presente capítulo. Os ideais de cuidado com o corpo permaneceram sendo defendidos na década de 1950, conforme se observará em seguida.

1.3 - *Blue jeans* e *Hollywood:* O *american way of life* chega ao Brasil

Todas essas transformações na sociedade brasileira durante os anos 1950 estavam fortemente associadas a um ideal de progresso espelhado na apropriação de padrões de consumo de países tidos como superiores, no caso, os Estados Unidos. Essa foi uma das maiores formas de transmissão do valor do progresso durante a história da República no Brasil[38].

No começo da Primeira República, o Rio de Janeiro e outras capitais da América Latina reformularam seus planejamentos urbanísticos através de grandes reformas inspiradas na arquitetura de cidades europeias. Neste mesmo sentido, copiava-se também seu estilo de vida e modos de sociabilidade. Nos anos 1950, o modelo ideal a ser copiado passa a ser o *american way of life*, que se expande pela sociedade brasileira em parte, por meio da força do cinema, colaborando para a alteração dos padrões de comportamento e consumo das populações de classe média provenientes das grandes cidades brasileiras.

---

[38] MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana.* São Paulo, Brasiliense: 1984.

No período, ao observar uma família tradicional, os meninos se divertiam ao assistir e imitar filmes de *cow-boy*, tomavam *milk-shakes* e brincavam com miniaturas de carros. Os jovens marcavam encontros nas lanchonetes e bares para encontrar um par, como nos filmes de *Hollywood,* bebiam cerveja em lata, fumavam cigarro com filtro e, quando precisavam comprar algo, já não iam aos mesmos lugares que seus pais costumavam ir nas décadas anteriores.

A expansão da cultura estadunidense nos anos 1950 tratou-se de uma empreitada de grande sucesso, visto que em boa parte do mundo popularizaram-se suas formas de consumo, seus hábitos, costumes e modelos artísticos. Tal expansão de novos hábitos e costumes foi um dos fatores responsáveis pela grande mudança da vida cotidiana nas capitais brasileiras. Estávamos cada vez mais próximos do *american way of life* e associava tal feito ao progresso e à chegada do Brasil à modernidade.

Considerando que houve esforços institucionais para tal propagação, pode se afirmar que a apropriação da cultura estadunidense na América Latina não foi um mero acaso. Durante o governo de Franklin Roosevelt, foi criado nos Estados Unidos um escritório responsável pela promoção da cooperação interamericana e a solidariedade hemisférica. No entanto, segundo o pesquisador Gerson Moura, no plano prático, o escritório tinha como fim enfrentar o desafio do Eixo no plano internacional e consolidar os Estados Unidos como uma potência imperialista na América Latina e no mundo.

Com considerável financiamento, a atuação do escritório foi baseada em quatro áreas básicas: comunicações, saúde, financeira e relações culturais, setor responsável pela orientação e produção de material cultural para circular nos países latino-americanos.[39] Neste sentido, o cinema foi utilizado pelos Estados Unidos como ferramenta de sua pretendida expansão pela sua alta capacidade de penetração cultural nas pessoas que o assistem. Gerson Moura afirma que foram estabelecidas relações institucionais com os estúdios de *Hollywood*, permitindo que órgãos do governo alterassem roteiros, adaptando-os para o que era interessante que fosse visto nos países latino americanos, cortando cenas que pudessem gerar algum mal entendido, sugerindo novos temas para serem abordados e financiando a vinda de atores do cinema norte americano para a América Latina. [40]

---

[39] Ibid.p. 43.

Portanto, o cinema de *Hollywood* foi intensamente utilizado como ferramenta de propagação da cultura norte-americana, favorecendo uma mudança cultural na sociedade brasileira, que transformava seus costumes ao mesmo tempo que lotava os cinemas para assistir aos filmes que retratam o chamado *american way of life,* difundido de maneira acelerada nos grandes centros urbanos brasileiros.

1.3.1 - Cinema e cotidiano no Rio de Janeiro dos anos 1950

A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, mantinha há décadas uma considerável relação com os cinemas de rua, que começaram a abrir as portas já nos primeiros anos do século XX, mas se popularizaram nas diversas regiões da Capital Federal a partir dos anos 1940, quando o hábito de ir ao cinema se espalha por quase toda a extensão da cidade, o que amplia de maneira significativa o público espectador, democratizando o acesso e levando variadas classes sociais para assistirem a filmes nacionais e estrangeiros em uma quantidade maior de bairros pela cidade.

Para os cariocas, o ponto mais evidente para ir ao cinema era, sem dúvidas, a região do entorno da atual Praça Marechal Floriano, no centro da cidade. O lugar contava com mais de quinze salas de cinema, dentre elas o Cine Império, Metro e Odeon, aberto até os dias de hoje. Quando pensado enquanto centro cultural no Rio de Janeiro, havia a pretensão de que o lugar se transformasse em uma espécie de *Broadway* tropical, com diversos cinemas que podiam, cada um, abrigar milhares de pessoas. Por conta de sua história, o lugar é conhecido até os dias de hoje como "Cinelândia".[41]

---

[40] Ibid.

Além disso, havia também um considerável número de salas de cinema no entorno da Praça Saens Peña, na Tijuca, que foi transformada a partir dos anos 1940 em um novo polo para espectadores na Zona Norte do Rio.[42] A região também abrigava um dos maiores cinemas da América Latina, o Cine Teatro Olinda, com lotação máxima de 3,5 mil espectadores. Além do polo tijucano, o subúrbio da cidade contava com outro importante cinema. Fundado no Méier em 1954, o Cine Imperator, além da exibição de filmes nacionais e estrangeiros, servia como ponto de encontro para grupos de jovens residentes na região.

Na Zona Sul da cidade, os cinemas também se popularizaram e passaram a dividir espaço no cotidiano dos jovens provenientes de famílias mais abastadas junto às praias, bares, boates, lanchonetes e os passeios noturnos. Eles foram abertos nas mais variadas localizações. Copacabana, a parte mais efervescente da vida noturna da Zona Sul, contava com diversos cinemas, como por exemplo o Cine Rian, com localização privilegiada na Avenida Atlântica, de frente para o mar. Cinema e diversão noturna estavam conectados em distintas áreas do Rio de Janeiro.

Portanto, é notório que na primeira metade do século XX, o hábito de ir ao cinema fez parte da vida cotidiana de parte significativa da população do Rio de Janeiro, visto que havia salas capazes de comportar um grande número de pessoas em diferentes regiões da cidade. Logo, pode-se supor o poder de ação do cinema em uma sociedade tão ligada ao mesmo.

Nesse sentido, hábitos foram transformados e as pessoas conseguiam enxergar de maneira mais clara nas ruas o que viam nas telas. Tudo isso foi aproveitado pela imprensa. Pinheiro Junior, repórter do *Última Hora*, afirmou em seu livro de memórias que Samuel Wainer[43] gostava de publicar temas inspirados nos filmes em cartaz nos cinemas que, segundo ele, preparavam a cabeça da população para a abordagem do jornalista, gerando curiosidade e envolvendo o leitor de maneira mais significativa na leitura das reportagens[44]. Foi o que aconteceu na segunda metade da década de 1950.

---

[41] GREEN, James. *Além do carnaval.* São Paulo: UNESP, 1999. p. 131.
[42] FERRAZ, Talitha. *A Segunda Cinelândia Carioca.* Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

Após a estreia de uma sequência de filmes abordando a questão da delinquência juvenil, como *O selvagem* (1953)*, Sementes da violência* (1956) *e Juventude Transviada* (1956), jovens e adultos foram atraídos para os cinemas para assistirem a filmes que serviriam de base para a criação de um imaginário sobre uma juventude transgressora. Segundo a historiadora Lídia dos Santos, os filmes sustentavam novas práticas juvenis, construindo um imaginário do transvio, juntando ícones, símbolos e signos que constituem a expressão visual do jovem transviado[45].

Quando estreou o filme estrelado por James Dean, o último da sequência de filmes sobre delinquência juvenil na década de 1950, foi um sucesso muito grande e gerou debates em torno do longa. *Juventude Transviada* ocupa onze cinemas do Rio de Janeiro e conta com intensa campanha publicitária nos jornais, que apontavam o filme como “impressionantemente violento, chocantemente real e expressivamente humano”, com destaques para a atuação de James Dean, como é possível evidenciar na imagem abaixo.

---

[43] Editor-chefe do jornal *Última Hora*

[44] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro, Mauad X: 2011; p. 76.

[45] SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970). 2013. 232 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

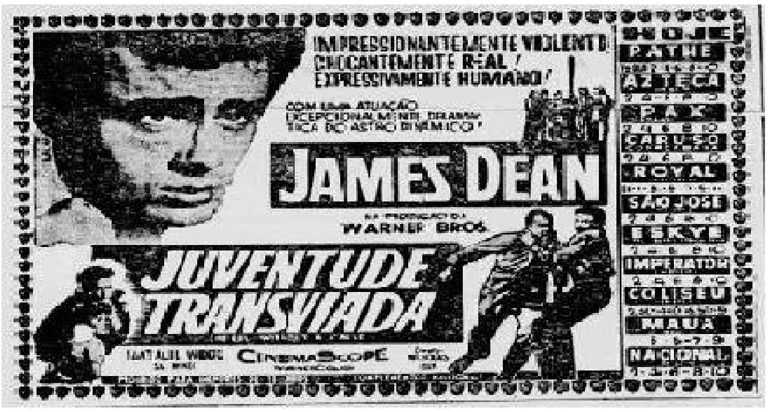

IMPRESSIONANTEMENTE VIOLENTO!
CHOCANTEMENTE REAL!
EXPRESSIVAMENTE HUMANO!
COM UMA ATUAÇÃO
JAMES DEAN
WARNER BROS.
JUVENTUDE TRANSVIADA
CINEMASCOPE
HOJE
PATHE
AZTECA
PAX
CARUSO
ROYAL
SÃO JOSÉ
ESKYE
IMPERATOR
COLISEU
MAUÁ
NACIONAL

Figura 1: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 01/10/1956. p. 4.

Desde antes de sua estreia, o filme já repercutiu de maneira significativa, principalmente por causa de seu protagonista, James Dean, ator em ascensão que morreu em um acidente de carro após as gravações. Dean era associado ao seu personagem, ambos tidos como “delinquentes sensíveis” e “jovens inconsequentes".

A partir do sucesso do filme, vários jornais e revistas da capital se voltaram para o problema da juventude na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil, fazendo nascer a partir de então, o imaginário urbano de uma “juventude transviada tropical” que passaria a ser reconhecida assim pelos olhares conservadores da classe média, que conheceu os hábitos de jovens frequentadores da Zona Sul pelas matérias publicadas na imprensa, agora muito mais preocupadas em abordar questões relacionadas ao mundo jovem.

O filme de James Dean foi recebido no Brasil de maneira diversa pelas críticas publicadas nos jornais. Havia comentários positivos e negativos sobre os atores, diretores e enredo do filme. O único ponto incontestável, era que a obra já se constituía como um sucesso de bilheteria, tendo lotado salas de diversos cinemas da cidade, como aconteceu em tantas outras metrópoles do mundo. De maneira geral, as críticas se referem aos jovens retratados pelo filme de maneira pejorativa, classificando-os como "quase delinquentes", afirmando tratar-se de jovens que estariam em uma busca pela sua condição humana, relacionando a questão com os problemas familiares enfrentados pelos próprios. As análises do filme logo após sua estreia já sustentavam a hipótese de que jovens sem o devido apoio moral dentro de casa[46], largados no mundo e criados por pais ausentes, estavam propensos a cair no mundo da delinquência e da criminalidade.

Na semana de estreia do filme, um crítico traçou um paralelo entre os jovens da trama e os jovens da época. Ele afirmava:

> "vocês encontrarão os tipos marcantes da juventude atual, uma juventude sem rumo, sem rumo praticamente porque teima em partir do nada e quer alcançar o impossível.".[47]

Portanto, a repercussão da obra na sociedade já inspirava, na imprensa, comentários sobre a juventude como um todo, assim como a exposição da ideia de que os pais precisam estar presentes no convívio com seus filhos, para que os mesmos não praticassem atos considerados desviantes ou marginais.

A primeira cena do filme se passa em uma delegacia. Três jovens são levados para lá por diferentes motivos, mas todas as questões envolvem alguma falta da presença das suas famílias em suas vidas pessoais. Juntos, os personagens formam uma espécie de grupo, onde bebiam e brigavam pela cidade. O enredo deixa claro o que poderia acontecer com os jovens que não recebiam atenção de suas famílias: encontrar outros iguais a eles que, formando um grupo, estariam propensos ao desvio. A imprensa e os críticos de cinema repercutiram essa análise do filme, discutindo questões relacionadas a uma juventude perdida nas páginas dos jornais

Nesse sentido, pouco tempo após a estreia do filme, o *Última Hora* designou o jovem repórter Pinheiro Junior para passar cerca de um mês entre bares e boates de Copacabana para produzir algum material sobre os costumes dos jovens que frequentavam esses lugares de sociabilidade. Segundo o próprio repórter, a ideia surge quando um funcionário do jornal que morava em cima de um bar sempre repleto de jovens, manifesta curiosidade sobre os hábitos dos que frequentavam aqueles e outros lugares da Zona Sul carioca, relacionando-os com o filme recém estreado do ator James Dean.

---

[46] *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 02/08/1956. p. 2.
[47] *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 26/07/1956. p. 10.

A antropóloga Simone Luci Pereira, afirma que a relação inaugurada pelo *Última Hora*, entre imprensa e "juventude transviada", está ligada a um esforço de adequar moças e rapazes a um padrão ideal de mocidade para o período. A autora constata, ainda, que é necessário repensar, ou relativizar, a noção de "juventude transviada" como foi propagada nas páginas dos jornais nos anos 1950, visto que construíam-se discursos na imprensa que caracterizavam jovens como desviantes a partir de seus hábitos.[48]

Para isso, é construído na imprensa carioca um padrão ideal esperado para o jovem nos anos 1950. Para contrapor ao rapaz transviado, gerava-se um debate em torno de um modelo de juventude adequada aos padrões, amplamente veiculado pela imprensa e distante do transvio, como é possível identificar no trecho retirado da Revista *Manchete:*

> "Sua juventude é sadia: não pertence à "juventude transviada", não anda de lambreta, não dança o "rock" nem provoca distúrbios. Ao mesmo tempo em que ri, canta e aplaude, em festas e nos esportes, a rua sabe também chorar a morte de um companheiro querido, colocando faixas de luto e fechando"[49]

Com a definição do jovem transviado, portanto, era aventado pela imprensa um modelo de jovem que é socialmente afastado dos hábitos dos jovens transviados, em publicações que também definiam o comportamento inadequado dos jovens afeitos ao transvio.

Portanto, as matérias jornalísticas que tem como objetivo explorar o submundo de uma "juventude transviada", a partir do lançamento do filme de James Dean, começam a mexer com o imaginário da população carioca, classificando jovens como transviados a partir do seu jeito de se vestir, seus hábitos noturnos, suas companhias ou os lugares que frequentam. Em 1958, a revista *O Cruzeiro* alertava:

---

[48] PEREIRA, Simone Luci. "Imprensa e Juventude nos Anos 50". XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande/MS, 2001.

[49] *Manchete*, Rio de Janeiro, 26/07/1958. p. 91.

> "Vocês, meninas e rapazes de blusa vermelha e blue jeans, tornaram essa cidade ainda mais desgraçada (...) Ali em Copacabana, na rua Raul Pompéia, nas mesinhas da calçada do Snack Bar, vocês instalaram um quartel-general, e pela noite adentro, atormentam os vizinhos com gritarias, ruídos de motonetas e escândalos. (...) Muitos e muitas de vocês, garotos e meninas de blusa rubra e calça blue jeans enganam seus pais e cabulam aulas para frequentar rodas de transviados".[50]

Era construído, a partir de discursos veiculados nos jornais de grande circulação ou nas revistas femininas, uma ideia sobre determinadas pessoas que se adaptavam ao modelo da "juventude transviada" norte-americana. O uso de *blue jeans,* camisetas coloridas, lambretas e carros, assim como o consumo de cigarro, álcool e outras drogas, passava a caracterizar uma "juventude transviada carioca", que quando "nasce", já se torna alvo de críticas por parte da sociedade brasileira.

É possível afirmar que o cinema de *Hollywood* influenciou um estilo de vida na juventude dos grandes centros urbanos brasileiros que, após o lançamento do filme de James Dean, passou a ser caracterizado pela imprensa como o estilo da "juventude transviada", que correspondia a um problema que deveria ser solucionado, pois tratavam-se de jovens de classe média, largados pelos pais e que estariam próximos do transvio. Lídia dos Santos define:

> "Ao nomearem uma determinada cultura juvenil de "transviada", os veículos de comunicação agregavam a ela novas características, contribuindo para o seu conhecimento e difusão. Os jovens, por sua vez, reinterpretavam essas mensagens, reinventando-se."[51] .

Portanto, ao identificar um tipo semelhante ao estilo dos atores do filme de James Dean nas ruas de Copacabana, o jornal *Última Hora* publica uma série de reportagens e inaugura a expressão "juventude transviada" para se referir a determinados grupos de rapazes e moças, com um termo que se torna cada vez mais popular no vocabulário da imprensa carioca da segunda metade da década de 1950.

---

[50] *O Cruzeiro,* Rio de Janeiro, 16/08/1958. p. 33.

[51] SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970).* Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

1.4 - Atléticos e saudáveis: A juventude ideal do *Última Hora* em 1957.

Em abril de 1957, ao final da publicação de um exaustivo conjunto de reportagens sobre os desvios da juventude[52], o jornal *Última Hora* publica outro grupo de matérias[53] diferente das anteriores, apesar do tema também relacionado à juventude.

Primeiramente, o jornal parece denunciar os desvios da mocidade aos seus pais e às autoridades públicas. Logo após, os repórteres do *Última Hora* parecem querer demonstrar esperança, evidenciando nas páginas do periódico, o tipo de jovem ideal exaltado em suas páginas: atlético, saudável e avesso às drogas.

No último dia da primeira sequência de reportagens, escrita pelo jornalista Pinheiro Junior, o mesmo conclui em manchete: "*Conduzir a energia dos jovens para atividades construtivas!"* chamando atenção para o que parecia ser um manual de prevenção contra os desvios da juventude. Na referida matéria, o autor cita:

> "Recentemente, todos os sociólogos concordaram que o meio mais eficiente de acabar com a delinquência juvenil é fazer com que os pais de um bairro ou de uma comunidade, organizem e ponham em prática programas para os seus filhos. E, a New York City Board, talvez a maior agência para crianças nos Estados Unidos, resolveu abraçar esse axioma. Enviou mais de 50 professores, especialmente treinados, para entrar em contato com grupos de jovens e desviar suas energias para um campo construtivo."[54]

E destaca:

> "Os moradores do bairro escolheram um jovem carteiro, Frank Malito, que nascera e se criara nas vizinhanças e era respeitado pelos moços como um atleta local. Um dia, Frank foi ao porão onde os temíveis "Barões" se reuniam. Falou-lhes: - Vocês querem que arranje participação para todos no Clube dos Rapazes?"[55]

---

[52] Durante os meses de março e abril de 1957, o jornal *Última Hora* publicou uma série de reportagens sobre hábitos noturnos de jovens de classe média considerados reprováveis. O conjunto de matérias tem autoria do jornalista Pinheiro Júnior e foi amplamente utilizado como fonte durante o processo de pesquisa para a dissertação.

[53] Logo após a publicação do referido conjunto de reportagens, uma nova sequência foi publicada, sob o título de "O outro lado da juventude" e autoria da jornalista Yvonne Jean.

[54] *Última Hora,* Rio de Janeiro, 06/04/1957. p. 4.

[55] Ibid.

Do trecho em questão, alguns pontos específicos me chamam atenção. Primeiramente, o autor evidencia o local onde ocorreu o fato narrado, onde o problema foi resolvido, nos Estados Unidos. Curiosamente, o mesmo local de onde teriam vindo os maus hábitos adaptados pela juventude daqui. Na última de uma sequência de vinte e duas reportagens, Pinheiro Junior se preocupa em apresentar uma solução estadunidense para um problema estadunidense.

Em segundo lugar, a matéria fala desde o seu título sobre a necessidade de canalizar a energia dos jovens "atividades construtivas". Neste ponto cabe destacar que há, na visão do jornalista, determinadas atividades recomendáveis e/ou edificantes de certa maneira. Quando apresenta, no jornal, as soluções encontradas para jovens "transviados", Pinheiro Junior parece se valer de um comportamento ideal para moços e moças de determinada idade.

No segundo trecho destacado, o autor descreve o que seria o "jovem ideal", preocupado em canalizar suas energias para atividades construtivas. Este é personificado por *Frank Malito*. Durante sua descrição, propositalmente ou não, Pinheiro Junior evidencia algumas características do jovem respeitado: carteiro e atleta.

Ao evidenciar tal informação, o jornalista destaca duas características interessantes para desenhar o molde de um jovem ideal nos anos 1950: trabalhador e preocupado com o corpo. Com isso, é possível relacionar tal episódio com uma herança evidente da ideologia do Estado Novo, bem como seus projetos para a juventude destacados anteriormente neste capítulo. Vargas buscou formar a ideologia do trabalho e do cuidado corporal, tendo essas preocupações sido valorizadas de maneira significativa para as décadas seguintes. Além disso, o segundo destaque demonstra a preocupação de *Frank* com os "temíveis" barões. O jovem modelo foi ao encontro dos mesmos em seu local de reunião para lhes oferecer uma ida ao chamado "Clube dos Rapazes".[56]

---

[56] A reportagem explica que o referido clube dos rapazes trata-se de um local de reunião para jovens conversarem e jogarem jogos como sinuca e pebolim.

Portanto, o trecho destacado da matéria final de Pinheiro Júnior leva a crer que, para ele, um jovem que dedica suas energias a algo construtivo, é um jovem trabalhador, atleta, solidário e preocupado com o próximo.

Dias depois da publicação da referida matéria, o jornal *Última Hora* publicou tal sequência de reportagens sobre uma "juventude sadia", onde estão presentes muitos dos elementos discutidos até então no presente capítulo. Tais matérias também estão fortemente ligadas aos projetos passados para a juventude.

Entre os dias 2 e 7 de abril de 1957, uma pequena sequência de reportagens assinadas pela jornalista Yvonne Jean buscava retratar, com amplo uso de imagens, o que o próprio título da série enuncia: O outro lado da juventude carioca. Uma juventude sadia, atlética e afeita aos "bons hábitos".

Na sequência de reportagens, de maneira geral, buscou-se evidenciar algumas características dos jovens em questão, como a coragem, o heroísmo, a solidariedade, a aptidão para esportes, a masculinidade e a feminilidade de homens e mulheres respectivamente. Tais características estão, em grande parte, intimamente associadas às exaltadas pelo regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, conforme visto anteriormente.

Em um dos primeiros dias da sequência de reportagens[57], o jornal reproduziu, com certo destaque e chamada na capa, a foto de três rapazes pulando no mar. Identificados como "homens peixe do Arpoador", a reportagem fala de um mundo sem "desespero nem deformação", irradiando "alegria e vitalidade". O subtítulo da chamada destaca que os jovens, ao serem observados, serviriam de exemplo para crianças que, um dia, esperavam ser como eles.

Tais comentários em destaque, dão ênfase a alguns pontos interessantes para o que está sendo discutido. Primeiramente, é observado que, em seu cotidiano não se vê desespero e deformação, são jovens alegres e vitais que, através do lazer pelo esporte, tornam-se exemplo para os mais jovens. Tal observação dá a sensação ao leitor de que um jovem “bem comportado” dá exemplo às crianças que, se um dia forem como ele, perpetuaram a ideia exposta pela sequência de matérias de uma “juventude ideal”.

---

[57] *Última Hora.* Rio de Janeiro, 02/041957.

CAPÍTULO 2 - Uma denúncia lucrativa: O *Última Hora* e a "juventude transviada"

A ideia de uma juventude caracterizada pelo "transvio" surge na segunda metade da década de 1950, após o lançamento do *Rebels without a cause,* traduzido no Brasil como *Juventude Transviada*, que motivou jornalistas a produzirem matérias relacionando os jovens do filme, com os jovens de classe média da cidade do Rio de Janeiro.

Neste capítulo, pretendo analisar o processo de invenção desse estigma, bem como as motivações encontradas pelos jornalistas para explorar na imprensa os hábitos noturnos questionáveis de jovens e adolescentes. Além disso, pretendo analisar a maneira pela qual os grandes veículos de imprensa encontraram na exploração de um termo recém criado uma fonte de lucro, produzindo matérias de denúncia sobre os hábitos dos jovens de classe média no Rio de Janeiro.

2.1 - O jornal *Última Hora:* uma nova linguagem jornalística

Fundado em 12 de junho de 1951, o jornal *Última Hora* obteve grande destaque na imprensa brasileira durante o período de sua existência, chegando a ser considerado o jornal mais popular da época. Sua criação foi idealizada a partir da relação de Getúlio Vargas com o fundador do periódico, Samuel Wainer[58], que conheceu o presidente em uma entrevista a serviço dos *Diários Associados.* A partir disso, ambos selaram uma aliança fundamental para a criação do jornal, que durou por todo o período da vida de Getúlio.

Através da sua proximidade com o presidente do país, o *Última Hora* teve facilidades desde o momento de sua fundação, até agosto de 1954, quando Getúlio Vargas comete suicídio. Segundo a escritora Ana Maria de Abreu Laurenza, o *Última*

---

[58] Editor-chefe do jornal *Última Hora.*

Hora foi o segundo jornal que mais construiu relações financeiras com o governo,[59] perdendo apenas para o império midiático construído por Assis Chateaubriand.[60]

Portanto, o *Última Hora* nasceu como um jornal politicamente alinhado à Getúlio Vargas e ao PTB e, da mesma forma que o presidente, tinha pretensões de atingir as "massas" em suas tiragens diárias. Para isso, Samuel Wainer propôs a construção de um jornal inovador que fosse mais atrativo para a população, apresentando um tipo de diagramação e formato nunca visto antes pela população brasileira.

Não apenas o *Última Hora* surge como uma novidade, mas a imprensa carioca, de maneira geral, passou por um período de intensas transformações durante os anos 1950. Segundo a pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro[61], outros três jornais foram fundamentais para as "reformas" implementadas entre os periódicos da Capital Federal. Além do *Última Hora,* eram eles: O *Diário Carioca,* a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil.* Dentre os fatores apontados para possibilitar as transformações em curso está a extinção do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda,[62] que ajudou a estabelecer um clima de liberdade de expressão em meio a instabilidade política do período entre o fim do Estado Novo e o golpe militar de 1964.

Com isso, a fórmula jornalística apresentada pelo *Última Hora* traz algumas inovações, como uma nova relação com o repórter que, pelo argumento do jornal, seria mais valorizado. Sua diagramação também contava com novidades, valorizando o uso de imagens para chamar atenção do leitor, e fazendo extenso uso da técnica do "fotojornalismo". Segundo a pesquisadora Silvana Louzada, o primeiro exemplar do

---

[59] MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2012, p. 183.

[60] Magnata das comunicações no Brasil.

[61] RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50.* Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 36.

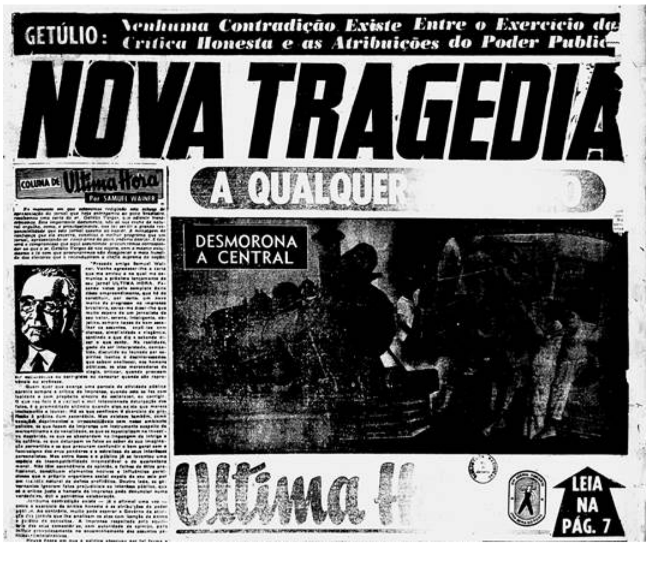
[62] Departamento de Imprensa e Propaganda criado por Getúlio Vargas em 1939. Serviu como instrumento de censura e propaganda do governo durante a ditadura do Estado Novo.

Última Hora, publicado em junho de 1951 já dizia gráfica e fotograficamente suas pretensões.

> "Em oito colunas e letras garrafais, anuncia uma "Nova Tragédia" e completa em tempos sucessivamente menores "a qualquer momento desmorona a central". Uma fotografia representando a Estrada de Ferro Central do Brasil mostra uma locomotiva que se funde a um trem apinhado de passageiros dependurados do lado de fora, uns sobre os outros, tentando se agarrar ao vagão, e é ainda mais eloquente que a manchete"[63]

Com a informação da manchete "gritada" de forma sensacionalista, a nova diagramação apresentada pelo *Última Hora* chamava facilmente a atenção do leitor para o jornal, onde a imagem era, segundo a pesquisadora, mais eloquente do que a própria chamada, gerando um tipo de diagramação que atraia o interesse do leitor para o fato noticiado. De maneira geral, as capas do *Última Hora* buscavam traduzir a mensagem noticiada por meio das imagens.

Desse modo, Silvana Louzada aponta, a partir das questões analisadas na capa de estreia do jornal, três características mais marcantes do *Última Hora:* o apelo visual, a exploração do sensacional na utilização de um tipo de linguagem e a inclusão de temáticas cotidianas e populares, que podem ser evidenciadas na imagem abaixo:



GETÚLIO: Nenhuma Contradição Existe Entre o Exercício d
Crítica Honesta e as Atribuições do Poder Públic

NOVA TRAGEDIA

COLUNA DE Última Hora
Por SAMUEL WAINER

A QUALQUER

DESMORONA
A CENTRAL

Última H

LEIA
NA
PÁG. 7

Figura 2: Capa da *Última Hora.* Rio de Janeiro. 12/06/1951

---

[63] LOUZADA, Silvana. Prata da casa: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950 - 1960). Niterói: Editora da UFF, 2013. p. 141.

Portanto, é possível supor que a partir das características centrais do jornal também foram pensadas as reportagens que são analisadas neste capítulo: manchetes em destaque excessivo e extenso uso de fotografias foram mecanismos muito utilizados pela redação do jornal como meio para atrair a atenção do leitor.

2.2 - O *Última Hora* e a "juventude transviada"

Em 1957, o jornal *Última Hora* publica um grupo de reportagens investigando o cotidiano de grupos de jovens que costumavam frequentar as ruas e bares do bairro de Copacabana, denunciando seus maus hábitos aos pais ausentes que não sabiam o que seus filhos faziam nas ruas. As reportagens foram publicadas diariamente por cerca de um mês e traziam relatos detalhados e repletos de imagens, abordando o consumo de álcool e drogas ilícitas entre a juventude, bem como a descrição do que chamavam de "curras", estupros coletivos cometidos por jovens na Zona Sul carioca.

O repórter designado para a tarefa, Pinheiro Júnior, descreve em seu livro de memórias como a reportagem foi pensada:

> "Aconteceu que a inocência maldosa de Alderaban voltou a atacar em fevereiro deste decisivo 1957. Ele morava no Posto Seis, Copacabana. Ia de madrugada para casa e via coisas que mexiam com seu imaginário jornalístico.
>
> - Olha - contou para Josimar -, todo fim de noite uma turma de lambreta e motocicleta se reúne ali na Raul Pompeia, passa pelo Bar Bico, depois vai pro Copa Golfe. E dali ninguém sabe pra onde mais.
> - E daí?
> - Me contaram que eles tomam porres de arromba. Fumam maconha. Cheiram lança-perfume. Tomam dexamil. Pegam as meninazinhas à força. Depois elas aparecem chorando abandonadas na Avenida Niemeyer. De vez em quando acontece um desastre com eles. Já houve até mortes. Você não viu aquele filme, Juventude Transviada, do James Dean que está passando por aí?
> - Ainda não.
> - Pois é. A nossa juventude transviada deve ser muito mais interessante. Isto é: muito mais transviada. Se os desencontros da moçada americana deram um filme tão falado, por que as loucuras dos nossos transviados não dariam também uma reportagem de repercussão?"
>
> (...) O tema era bom e instigante. Quem não gostaria de ler relatos sobre o que essa rapaziada fazia longe das vistas controladoras da sociedade? Que família naqueles tempos não se sentiria mais tranquila se fosse alertada

> concretamente para providências capazes de resguardar seus meninos longe da fronteira da delinquência?
>
> Samuel continuava desesperado em busca de um gatilho para recuperar a tiragem perdida do jornal. Quando ouviu de Josimar a sugestão dada por Alderaban, não teve dúvidas:
>
> - É, vamos botar um repórter nesta investigação.”[64]

A partir disso, o repórter Pinheiro Júnior foi selecionado para a confecção da reportagem. O motivo de sua escolha, segundo o próprio, foi sua pouca idade, ponto em comum entre ele e os ditos “transviados”. Em fevereiro de 1957, o jornalista tinha apenas 22 anos, e compartilhava os modos de se vestir e formas de se comunicar dos jovens que seriam investigados pelo jornal. Com hospedagens pagas em um hotel de Ipanema e dinheiro suficiente para gastar nos bares de Copacabana, a redação do *Última Hora* financiou a estadia do jornalista que, por cerca de um mês, trabalhou para adquirir o máximo de informações possível dos hábitos cotidianos dos jovens de classe média que frequentavam as ruas, bares e boates da zona sul do Rio de Janeiro.

Além disso, o jornalista tinha à sua disposição um fotógrafo, que foi o responsável por registrar as imagens relacionadas à “juventude transviada”, publicadas no decorrer das matérias. Segundo Pinheiro Júnior,[65] a atuação do fotógrafo durante a reportagem era feita de maneira cuidadosa, para que a sua presença não revelasse a condição de jornalista do próprio. Para isso, muitas vezes o repórter ia sozinho aos bares para fazer a investigação e, posteriormente, indicava para o fotógrafo os lugares em que deveria efetuar os registros para serem publicados. No caso das investigações referentes aos estupros coletivos cometidos, Pinheiro Júnior afirmou que a equipe do *Última Hora* retornava aos locais onde ocorreram os estupros para fazer uma espécie de “reconstituição” do crime, garantindo lucrativos registros fotográficos para serem publicados nas edições do jornal.

---

[64] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 76 e 77.

[65] Ver Anexo I.

Após a conclusão da investigação, Pinheiro Junior levou os relatos para o jornal e, a partir daí, entendeu que o material era apropriado para as pretensões de Samuel Wainer. Após a entrega do que havia sido produzido, o jornal passou a publicar as reportagens sobre a "juventude transviada", provocando exigências de investigação e, ao mesmo tempo, protegendo os nomes dos jovens envolvidos na questão, seja como delatores ou como infratores.

Com a publicação das reportagens, o jornal colaborou com a construção de uma concepção difusa sobre uma "juventude transviada". Visto que não havia uma definição precisa para o grupo de jovens descrito nas matérias publicadas, essa concepção era socialmente informada e reordenada de acordo com preceitos morais em voga

Com isso, a reportagem se lança em um meio distinto e desconhecido para trazer uma "definição" sobre os desvios de uma juventude. Nessa "definição" foram englobados diversos tipos de jovens de acordo com seus hábitos. Para o *Última Hora,* eram transviados os jovens que consumiam álcool, usavam drogas ilícitas, as prostitutas, os michês, os homossexuais, os estupradores. Em suma: todos os jovens que estivessem cometendo alguma transgressão, fosse ela legal ou apenas de ordem moral, como o uso de maconha, a prostituição e a homossexualidade.

2.2.1 - Maconha, "perversões sexuais" e a preocupação com os rumos da juventude.

Um dos principais eixos da série de reportagens estava centrado no comportamento "transgressor" dessa juventude por meio do uso de drogas e das "perversões sexuais". Essa pauta coadunava com as preocupações do governo. No ano de 1958, o Ministério da Saúde da gestão do presidente Juscelino Kubitschek, lançou uma coletânea de trabalhos organizada pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes sobre o uso da maconha e suas consequências físicas, psíquicas e sociais.[66] Tal publicação tinha como objetivo central a divulgação dos malefícios tidos como devastadores do consumo da cannabis. Logo, uma breve análise pode dar conta da perspectiva oficial sobre o uso da droga, bem como demonstrar as semelhanças entre o discurso do Ministério da Saúde e o que opinava o *Última Hora* nas reportagens em questão.

No que tange às questões abordadas pelas reportagens sobre a "juventude transviada", o artigo do médico Cordeiro de Farias, então presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, chama atenção. Em seu texto, pode-se destacar:

> Fato importante averiguado por Walton é que os fumadores de "marihuaja" são induzidos por esta droga a tomar heroína. Segundo os estudos de Wolff, os efeitos físicos e mentais da "marihuana" conduzem sem dúvida a uma degeneração mental e moral. Mesmo não produzindo, como parece, uma dependência física, esta droga é certamente muito nociva pelos malefícios que determina aos que se entregam ao seu uso. Sabido que o maconhista pode converter-se num indivíduo perigoso, não se deve concluir que todo aquele que fume e se intoxique com cigarros de cânhamo fique com ímpetos criminosos, embora seja inegável que o uso excessivo desta droga leve certos indivíduos a cometer crimes.[67]

No trecho destacado, pode-se observar alguns pontos em comum com os textos do jornalista Pinheiro Junior. Primeiramente, o médico destaca, em linguagem sensacionalista com ares de autoridade científica, uma possível degeneração física e moral por parte dos usuários de maconha. Uma afirmação semelhante é feita pelo jornalista quando, em 20 de março de 1957, produz uma manchete destacando a tragédia da vida de jovens que foram "deformados" pelo vício na maconha e em outras substâncias, removendo-lhes seus valores morais.[68] Além disso, o médico destaca uma possível relação entre o fumo do cânhamo e a prática de atos criminosos.

---

[66] MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros.* 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1958.

[67] CORDEIRO DE FARIAS, Roberval. "Uso da maconha (*Cannabis sativa L,)* no Brasil. in: MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros.* 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1958. p. 297.

[68] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 20/03/1957. p. 3.

Tal assimilação pode ser encontrada em diversos trechos das reportagens publicadas pelo *Última Hora,* que em algumas ocasiões traçou, inclusive uma espécie de sequência natural que seguiria o jovem transviado, do consumo de álcool para a criminalidade, passando pelo uso de drogas ilícitas e pelas chamadas “perversões sexuais”.[69]

Observadas as semelhanças entre os textos citados, pode-se afirmar que o corpo editorial do *Última Hora* estava, ao menos até certo ponto, alinhado com as políticas, discursos e práticas antidrogas do governo Juscelino Kubitschek e de parte da comunidade científica no final dos anos 1950.

Entretanto, ao criar uma espécie de correlação entre, álcool, substâncias ilícitas, “perversões sexuais” e criminalidade, os jornalistas não buscavam demonstrar um alinhamento ideológico com o governo em questão. O apelo para a linguagem sensacionalista adotada demonstra com clareza a pretensão de comoção que motivou os jornalistas.

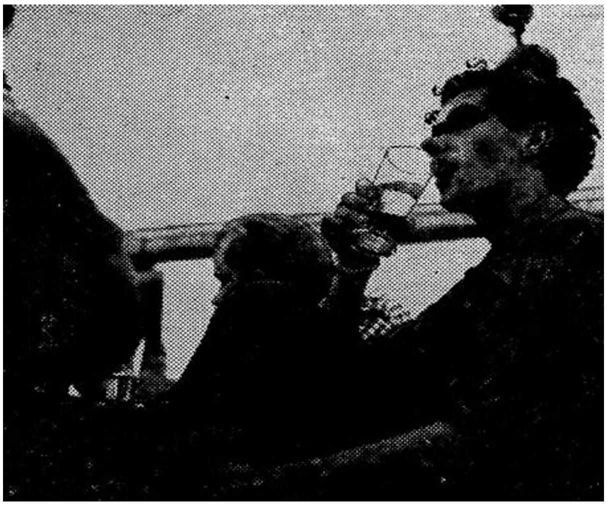


Figura 3: Jovem bebendo. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 21/03/57, p. 3.

---

[69] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 18/03/1957. p. 3.

A foto destacada acima, foi publicada no topo da página de uma reportagem sobre vícios na juventude. Em sua descrição, o jornalista afirma que a figura é coberta pela expressão sinistra de um jovem transviado, um ser desfigurado por "sombrias perversões" que eram reveladas pelo jornal durante a sequência de matérias.

No entanto, tudo que era descrito nas matérias pelo jornal não se tratava de novidade, visto que ambas as práticas já ocorriam há muitos anos na cidade do Rio de Janeiro. Desde o começo do século XX, há registros de intensa sociabilidade não-heterossexual na região central da cidade[70], assim como um considerável fluxo de prostitutas estrangeiras dando fôlego a um mercado sexual que atendia a homens no Centro do Rio.[71] No caso da maconha, ainda que muito associada às populações pretas de maneira geral, já encontrava nos anos 1950 forte circulação entre jovens de classe média alta, ainda que reprimida e discriminada pelo Estado, polícia, Igreja e famílias mais conservadoras.[72]

Ao explorar tais episódios na região de Copacabana, o jornal colaborava com a atribuição de um "sentido social", identificando na sociedade carioca uma "juventude transviada" a partir da ideia difusa de um tipo específico de jovem descrito pelo *Última Hora* nas matérias publicadas. Como afirma o historiador Dominique Kalifa, eventos como o da publicação da série de reportagens do jornalista Pinheiro Junior, colaboram para a construção de um imaginário social de um submundo, dando coerência a fenômenos completamente distintos como, por exemplo, o uso de drogas ilícitas, a prostituição e a homossexualidade. Para o historiador, diversas atividades da sociedade são associadas em uma narrativa sobre o "submundo" em questão. [73]

---

[70] Ver GREEN, James. "Os prazeres nos parques do Rio de Janeiro na *belle époque* brasileira, 1898-1914" in: *Além do carnaval.* São Paulo: UNESP, 1999.

[71] Ver SCHETTINI, Cristiana. "Os descaminhos da localização" in: *Que tenhas teu corpo.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

[72] FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *História da maconha no Brasil.* São Paulo: Três Estrelas, 2015.

[73] KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário.* São Paulo, EDUSP: 2017.

Durante sua investigação, o jornalista Pinheiro Junior se lançava sobre três problemas centrais que estariam relacionados à juventude: o abuso de álcool, o consumo de drogas ilícitas e as chamadas "perversões sexuais". As reportagens trouxeram informações completas sobre onde e como os jovens compravam e consumiam bebidas alcoólicas, maconha e outras substâncias ilícitas, bem como descreviam com detalhes cenas de estupro coletivo que o repórter presenciou, ou relatos investigativos que faziam relação entre homossexualidade, prostituição e criminalidade.

Na matéria intitulada "Maconha, inferno do vício e da perversão sexual dos menores",[74] o jornal publicava a primeira reportagem inteiramente dedicada à questão da maconha, onde Pinheiro Júnior expunha todo o seu processo em busca da aquisição da droga, bem como descreve as sensações após o uso e as supostas características de um usuário de maconha.

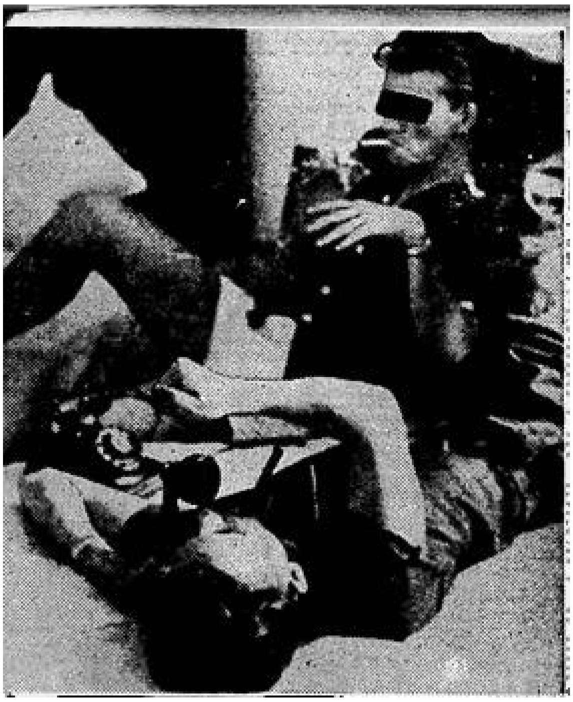


Figura 4: Jovem fumando maconha. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 13/03/1957, p. 3.

---

[74] *Última Hora.* Rio de Janeiro, 23/03/1957. p. 3.

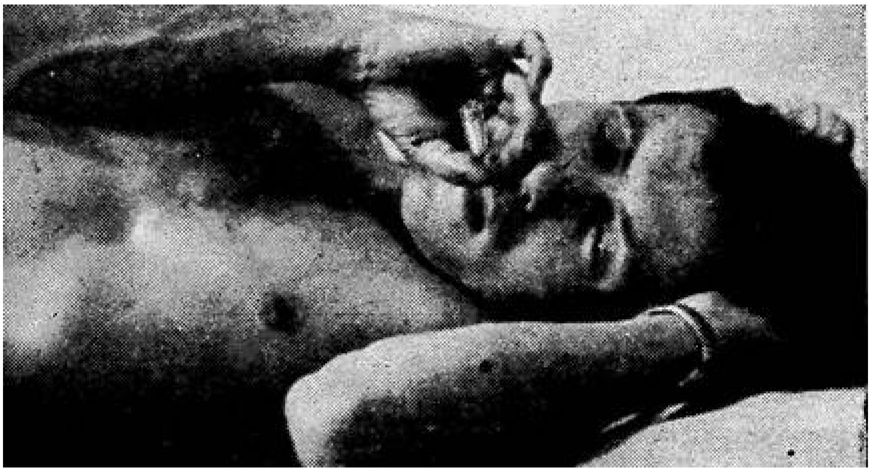


Figura 5: Jovem fumando maconha. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 20/03/57, p. 3.

Na primeira imagem destacada, o jornal faz uso da fotografia para mostrar um jovem usando maconha. É possível identificar o mesmo estilo de se vestir descrito pelo jornalista na sequência de matérias, fazendo da fotografia um mecanismo para associar os supostos "transviados" ao uso de drogas. Na imagem seguinte, parte de uma reportagem sobre os limites do vício, o fotógrafo representa um jovem sem camisa, em aparência degradante, fazendo uso da maconha.

Em sua narrativa, Pinheiro Junior descrevia como um jovem "transviado" com quem fez amizade lhe deu o caminho para a compra da droga: deveria ir ao banheiro de um bar na Praça General Osório e comprar com o traficante que estaria lá. Após isso, o repórter narrava o momento em que fumou a maconha que havia comprado, bem como suas sensações. Sobre seus motivos para comprar e consumir a droga, afirmou:

> "Conto hoje a minha primeira experiência de maconha. Primeira e última. Eu queria conhecer, por mim mesmo, o mistério da tremenda fascinação que o tóxico exerce sobre tantos transviados. Mas fiquei, como já disse, nessa vez única: Pergunto a mim mesmo o que teria acontecido se eu tivesse continuado. O trágico no problema dos tóxicos e entorpecentes é o desgaste que causa no ser. Os jovens viciados, que conheci, eram de dois tipos: - ou "gangsters" do sexo, que tendem fatalmente para a "curra[75]", ou, então, rapazes que sofrem um desvio tão grande do impulso sexual, que acabam perdendo a condição masculina. Em ambas as hipóteses sofrem deformações monstruosas. Falar na tragédia dos tóxicos e entorpecentes sem tocar no problema consequente do homossexualismo seria falsificar pungentíssima realidade, pois uma coisa está vinculada a outra. Conheci adolescentes inumeráveis que começaram nos tóxicos e entorpecentes e

---

[75] Estupros coletivos cometidos por jovens na Zona Sul do Rio de Janeiro.

> terminaram na negação da própria virilidade. Imagino a dramática perplexidade de certos pais e certas mães."[76]

O jornalista traça uma relação explícita entre o uso de drogas e o que ele chama de "perversões sexuais", representadas pela prática de estupros e a homossexualidade, que recebe notório destaque na matéria citada, criando relação entre a "perda da virilidade" e o uso de tóxicos e entorpecentes.

No entanto, a maior parte das reportagens dá ênfase significativa à prática dos estupros coletivos. O jornalista buscava, através de conversas nos bares, compreender como eram organizadas, identificar seus códigos, linguagens e funções de cada integrante da gangue, até mesmo presenciar uma cena de estupro coletivo junto a um grupo de jovens.

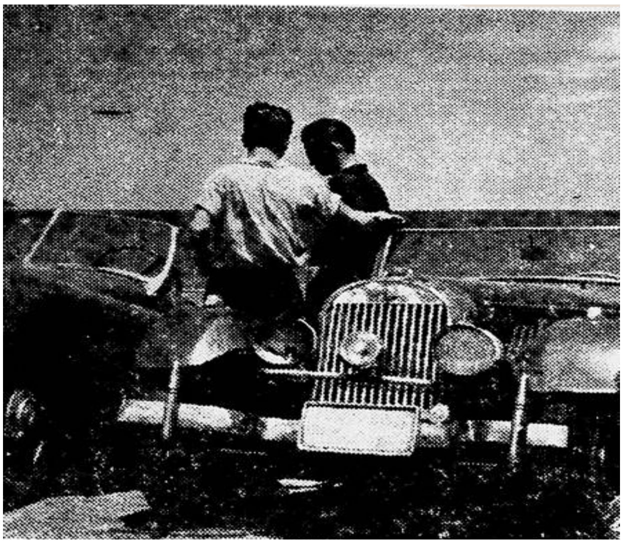


Figura 6: Jovens em um carro. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 14/03/1957, p. 3.

Na imagem destacada, o jornalista evidencia peça fundamental para a execução dos estupros coletivos: o carro. Eram os automóveis que, segundo Pinheiro Junior, possibilitaram com que as jovens fossem levadas como vítimas dos seus estupradores. Na fotografia, pode se destacar que o carro era de luxo e os rapazes que aparecem próximos ao veículo se enquadram no padrão descrito pelo jornal para os jovens transviados.

---

[76] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 21/03/1957. p. 3.

Segundo as matérias, os estupros eram idealizados quando um integrante da gangue se aproximava de uma moça previamente escolhida por todos, e a convidava para sair. No dia do encontro, o jovem buscava levar a menina para um passeio de carro em algum lugar deserto, como a Avenida Niemeyer ou a Estrada do Joá, onde o resto da gangue esperava para surpreender o casal, fingindo um assalto para estuprar a jovem. Sobre seu primeiro contato com os estupros coletivos, o jornalista afirmou:

> "Um simples encontro de namorados, que deveria ter um desfecho puramente idílico, é o primeiro movimento para a execução final da "curra". Fui testemunha ocular e auditiva da trama hedionda e de sua implacável realização. Mas quando via a menina agarrada pelos "gangsters sexuais", não tive ânimo de esperar o resto. Durante dias e noites não e saía da cabeça a cena que parecia condenar não apenas os bandidos do sexo, mas toda a condição humana. Pensei no desamparo da pequena seviciada, ao chegar em casa, sob o pavoroso traumatismo. Não poderia agarrar-se ao conselho, à solidariedade, à ternura dos pais, dos irmãos e, numa palavra, da família."[77]

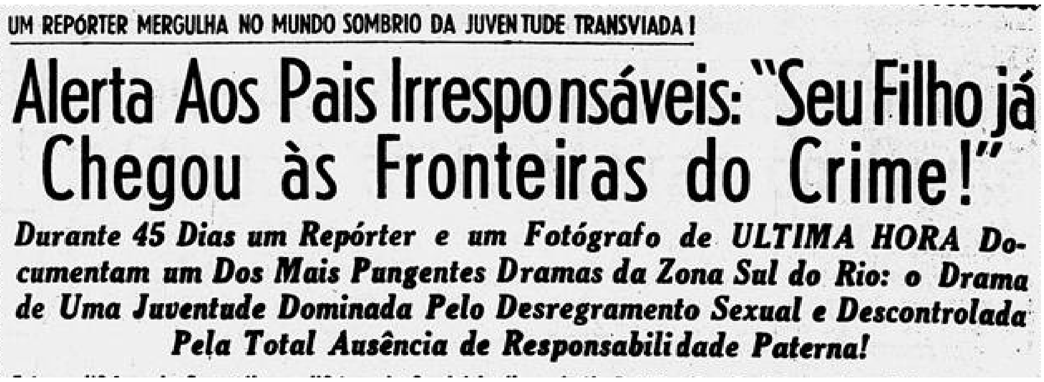
A partir dos trechos destacados referentes aos assuntos abordados, é possível notar uma comum citação aos familiares dos jovens que sofrem com o que é denunciado pelo jornal. A maconha, associada à perda da virilidade, causaria grande sofrimento aos pais de um jovem que "abre mão" de sua masculinidade. Já no caso dos estupros coletivos, a jovem estuprada, segundo o jornalista, chegaria em casa sem poder contar com a solidariedade e o afeto de sua família.

A questão familiar é central durante a produção das matérias, visto que o sofrimento dos pais e dos familiares com a situação do jovem em questão é sempre considerado durante a redação dos textos. Este é um dos motivos que me leva a crer que as reportagens estavam direcionadas aos pais desses jovens, que eram tratados pelo jornal como os responsáveis pelas atitudes de seus filhos, mas também como os que mais sofreriam as consequências de suas irresponsabilidades.

---

[77] *Última Hora*, Rio de Janeiro, 14/03/1957. p. 3.

Portanto, pela perspectiva do jornal, os progenitores eram os principais responsáveis pela situação em que se encontrava o jovem transviado, cujas atitudes espelhavam o abandono paterno. Para atingir os pais desses jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro, a série de matérias foi publicada com um forte teor sensacionalista, e agia em tom de "denúncia", se dirigindo aos responsáveis pelos rapazes e moças de classe média dos arredores de Copacabana, como deixava claro a reportagem publicada no dia 6 de março de 1957:



UM REPÓRTER MERGULHA NO MUNDO SOMBRIO DA JUVENTUDE TRANSVIADA!

Alerta Aos Pais Irresponsáveis: "Seu Filho já Chegou às Fronteiras do Crime!"

Durante 45 Dias um Repórter e um Fotógrafo de ULTIMA HORA Documentam um Dos Mais Pungentes Dramas da Zona Sul do Rio: o Drama de Uma Juventude Dominada Pelo Desregramento Sexual e Descontrolada Pela Total Ausência de Responsabilidade Paterna!

Figura 7: Manchete do *Última Hora.* Rio de Janeiro. 06/03/1957, p. 6.

A manchete destacada foi a primeira publicada antes da estreia da coletânea de matérias sobre a "juventude transviada", e tinha como objetivo fazer divulgação para o grupo de reportagens que começaria a ser publicado em breve. Sem abrir mão de seu caráter sensacionalista, o texto visava sensibilizar ou preocupar de maneira direta os pais que tinham filhos jovens na Zona Sul do Rio de Janeiro. Primeiramente, a matéria trazia – em um título anterior ao principal – a informação de que "um repórter mergulha no mundo sombrio da juventude transviada", carregando a ideia de submersão em um mundo desconhecido[78], que seria apresentado pelas matérias. Logo em seguida, com grande destaque, a manchete alerta: "seu filho já chegou às fronteiras do crime". Pela perspectiva do jornal, os pais eram os principais responsáveis pelo desvio dessa juventude, e a construção narrativa das reportagens tinha como objetivo central atingir os pais de classe média da área mais aristocrática do Rio de Janeiro.

---

[78] KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário.* São Paulo, EDUSP: 2017,

Para isso, o jornal lançava mão do imaginário referente ao papel social que cumpririam os rapazes e as moças na sociedade. Segundo as matérias publicadas, o uso de drogas seria o responsável pelo que o repórter chama de “perversão sexual”, que pode atingir os jovens de diferentes maneiras de acordo com o seu gênero. No caso dos homens, através da homossexualidade, ou formando grupos de estupradores intitulados “*gangsters* sexuais”.

No caso das mulheres, a falta de cuidado dos pais unida ao hábito de frequentar bares e lanchonetes desacompanhadas, poderia torná-las alvo de um estupro coletivo, como os denunciados pelo jornal.

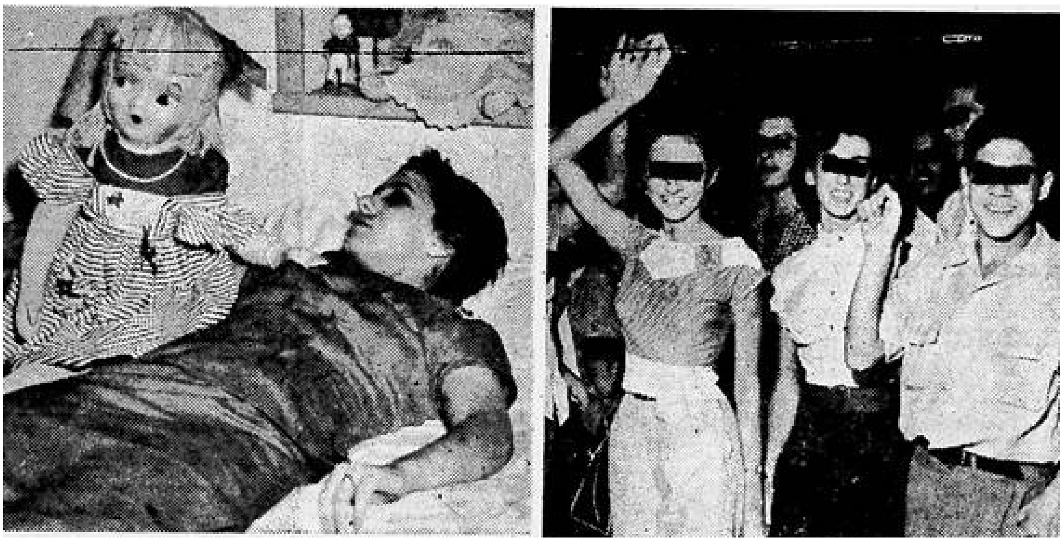


Figura 8: Moça em casa; Imagem 9: Moças se divertindo. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 25/03/1957, p. 3.

Uma das reportagens publicadas sobre os estupros trouxe lado a lado essas imagens destacadas. Em uma delas, uma jovem aparece deitada em uma cama com feições tristes, ao lado de uma boneca. Na outra, destacam-se jovens não identificadas em um ambiente de diversão noturna, acompanhadas de um rapaz. As duas imagens geram, entre si, um contraste. Pela localização das fotos, lado a lado, o jornalista parece buscar dar a ideia de que as jovens da foto da direita, estariam sujeitas a se submeterem a um estupro coletivo por não estarem em seu ambiente familiar

Segundo a historiadora Carla Bassanezzi, era socialmente esperado que homens e mulheres cumprissem distintos papéis na sociedade brasileira nos anos 1950. Enquanto o exercício da virilidade e da masculinidade eram esperadas dos homens, das mulheres era cobrada a preservação da virgindade até o casamento. Portanto, era com essa mentalidade que a classe-média carioca olhava para a sua juventude, e foi esse o ponto explorado pelo jornal *Última Hora* para desenvolver as reportagens e obter sucesso de vendas no período.[79]

O conjunto de matérias toca nas situações que os pais de classe-média mais temem que ocorram com seus filhos e filhas: se tornem homossexuais, no caso masculino, ou não tenham sua virgindade preservada até o casamento, no caso feminino. Portanto, em reportagens dirigidas aos pais dos jovens investigados, com o objetivo de gerar comoção entre os mesmos, o jornal se apropria da mentalidade conservadora das famílias de classe média e, a partir dos seus medos, desenvolve uma série de reportagens sobre o que pode acontecer com seus filhos longe da supervisão paterna.

Essa construção discursiva buscava estabelecer diálogo com os setores médios cariocas, e pode estar relacionada com a necessidade do jornal de recuperar os números perdidos de sua tiragem. Pinheiro Junior afirma em seu livro de memórias que Samuel Wainer buscava um furo jornalístico para recuperar as vendas do jornal.[80]

Visto que esse conjunto de reportagens estava, de maneira geral, direcionado à população carioca mais abastada, essa pode ter sido uma forma encontrada para um jornal frequentemente associado às classes trabalhadoras conquistar um público leitor dos setores médios e altos da Zona Sul, aumentando as suas vendas do jornal no período.

---

[79] BASSANEZI, Carla. "Mulheres nos anos dourados" in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997. p. 609.

[80] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 77.

Há dois elementos que podem embasar a afirmação de que as vendas foram mais lucrativas com a publicação do conjunto de reportagens. Primeiramente, a grande repercussão das mesmas, visto que a partir da sua divulgação, outros jornais de grande circulação no Rio de Janeiro produziram matérias sobre as reportagens do *Última Hora*, bem como houve grande apelo popular por investigação policial das questões denunciadas pelo jornal. Esse apelo por investigações chegou, inclusive, a gerar declarações do então presidente da República, Juscelino Kubitscheck, exigindo investigação e punição dos crimes denunciados.[81] Em segundo lugar, ao analisar o conjunto das reportagens, é possível perceber um certo alargamento excessivo das publicações, que depois de um tempo passavam a se repetir nos temas, trazendo informações requentadas pela redação do jornal, como por exemplo, a questão dos estupros coletivos, que foram abordadas diversas vezes de maneiras quase idênticas pelas reportagens.

Portanto, a partir dos elementos em questão, é possível concluir que a redação do jornal *Última Hora* encontrou na abordagem sensacionalista do que passava a se chamar "juventude transviada", um possível caminho para gerar lucros com a ampliação da venda de exemplares para um setor da sociedade mais distante do estereótipo de público leitor do jornal. A partir disso, foram explorados temas que sensibilizem esses grupos e os mobilizem em uma narrativa, mais próxima de sua realidade.

2.3 - O impacto das reportagens pela perspectiva do *Última Hora*

> "Foi então que se desencadeou uma caçada às bruxas.
> Perseguição policial que escapou às intenções dos repórteres:
> - Prendam esses transviados! - gritaram uns.
> - Fechem esses bares! - exigiram outros.

---

[81] "Doa a quem doer, fira a quem ferir, os escândalos da juventude transviada serão apurados até o fim" *Última Hora*, Rio de Janeiro, 21/03/1957. p. 8.

- Cuidem melhor de seus filhos! - bradaram editoriais"[82]

No dia 19 de março de 1957, as matérias sobre os grupos de jovens chamados de transviados entravam no nono dia sendo publicadas ininterruptamente no jornal *Última Hora.* A essa altura, já havia sido discutido o consumo excessivo de álcool, o uso drogas ilícitas, a prostituição, a homossexualidade e os estupros coletivos cometidos pelos chamados "gângsters sexuais". Nesse dia, a matéria publicada trazia o relato de uma conversa com um grupo de jovens transviados, com informações sobre suas ideias de virilidade que, segundo o jornalista, eram problemáticas por serem inspiradas na violência. No entanto, a matéria se inicia de maneira distinta de todas as outras já publicadas até então. Em um quadro separado, com destaque no canto superior esquerdo da página, o jornalista narrava o encontro com uma senhora residente no aristocrático bairro da Gávea, que o procurou na redação do jornal *Última Hora.*

> "Experimentei, na manhã de ontem, uma emoção gratíssima. Estava eu, na redação, quando Zé Miguel, chefe da portaria, chama - "Pinheiro Junior!" Vou atender e vejo-me diante de uma senhora idosa, que se apresenta como esposa de um oficial do Exército reformado, residente na Gávea. Queria conhecer o autor da reportagem sobre a "Juventude Transviada". Chama-me de "meu filho" e de "você". Por fim, com sua grave doçura, diz-me: - Meu filho, estou guardando suas reportagens. Tenho uma neta de 12 anos. Quero que, aos 15 anos, minha neta leia sua reportagem."[83]

Na sequência do mesmo texto, o jornalista relata uma outra manifestação referente à disseminação de sua reportagem em um grupo social provavelmente de classe-média da Zona Sul do Rio de Janeiro.

> "À generosa e compreensiva simpatia de tão nobre visitante, veio juntar-se uma outra manifestação não menos comovente. A esposa de um grande pintor patrício conta-me que adquire, diariamente, três exemplares de Última Hora, que remete a três amigas que têm filhas de 12, 14 e 16 anos. Testemunhos tão expressivos dão-me a certeza de que minha reportagem encontrou, no seio da família brasileira, a receptividade necessária."[84]

---

[82] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 91.

[83] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 19/03/1957. p. 3.

[84] *Última Hora*. Rio de Janeiro, 19/03/1957. p. 3.

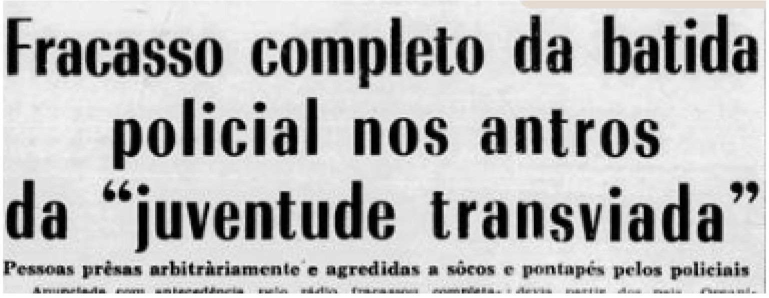
Que família era essa? No primeiro relato, o jornalista Pinheiro Junior fala de seu encontro com a esposa de um Oficial do Exército residente na Gávea. Tratando-se de uma família abastada e próxima de grandes quadros militares, pode-se supor que a senhora descrita pelo jornalista vivia em meio a um grupo social conservador e de classe média alta. Tal senhora manifestou para o jornalista sua preocupação com a neta de doze anos, mesmo estando ela com alguns anos a menos que os jovens descritos na página do *Última Hora*, a senhora diz que guardaria a reportagem para que a neta pudesse ler aos quinze.

No segundo relato, Pinheiro Junior fala da esposa de um artista que remete diariamente um exemplar do jornal para três amigas que possuem filhas adolescentes. Além disso, o jornalista revela satisfação com o conjunto das reportagens publicadas que, segundo ele, atingem a receptividade necessária no seio da "família brasileira".

Esses dois relatos destacados revelam indícios de que o jornal atingiu, ao menos parcialmente, seus pretensos objetivos de alcançar grupos sociais pertencentes aos setores médios em torno dos dramas de uma suposta juventude transviada. Ao que indicam os depoimentos, o jornal *Última Hora* consegue fazer com que parte de seus leitores se sentissem preocupados com os jovens que poderiam vir a construir algum tipo de relação com o que era publicado. Portanto, com a publicação das matérias em questão, o jornal conseguiu atingir pais e mães que poderiam ter seus filhos, netos e conhecidos envolvidos nos acontecimentos relatados pelo jornalista. Se observado que, em ambos os casos das senhoras citadas, Pinheiro Junior fala de mulheres preocupadas com adolescentes próximos que poderiam vir a frequentar os lugares descritos nas matérias. Isso revela que, pelo menos de alguma maneira, havia indivíduos provenientes dos setores médios sensibilizados ou intimidados com as reportagens publicadas pelo *Última Hora.*

Tendo isso em mente, é possível afirmar que os jornalistas que trabalharam na publicação das matérias em questão conseguiram impactar uma expressiva parcela da sociedade carioca durante o final da década de 1950. Com isso, pode-se pensar que o grupo de reportagens do *Última Hora,* após sua divulgação, gerou uma ebulição, com diversos efeitos na sociedade.

O jornalista Pinheiro Junior afirma em seu livro de memórias que alguns efeitos significativos foram quase imediatos: no ano de 1957 e 1958, bares foram vasculhados em toda Zona Sul, boates foram interditadas ou impedidas de receber menores de idade, bem como batidas policiais levavam pessoas presas por estarem frequentando um bar, ou uma discoteca.[85] Em meados de 1958, o jornal *Tribuna da Imprensa,* tradicional opositor do *Última Hora,* estampava em sua segunda página uma crítica à atuação policial nos bares da Zona Sul do Rio de Janeiro.



Fracasso completo da batida policial nos antros da "juventude transviada"

Pessoas prêsas arbitràriamente e agredidas a sôcos e pontapés pelos policiais

Figura 9: Manchete da *Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro. 01/08/1958, p. 2

No corpo da matéria, o jornal afirma que as operações resultaram em um desastre decorrente dos relatos de espancamentos e prisões arbitrárias de estudantes e trabalhadores que estavam no bar no momento da batida policial.

Esses e outros efeitos, podem ser observados em diversos grupos e instituições políticas da sociedade carioca dos anos 1950. Eles podem estar na vida cotidiana daqueles que se envolveram com a reportagem pela sua proximidade geográfica ou etária com os fatos narrados, bem como nas reações de instituições como o Estado, a Polícia e a Igreja. Podem ser observados, ainda, os efeitos que foram despertados em grupos de profissionais que poderiam apresentar explicações referentes aos problemas da "juventude transviada".

---

[85] JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro, Mauad X: 2011. p. 91.

No que diz respeito aos efeitos mais imediatos das reportagens, Pinheiro Junior fala de uma grande movimentação social entre os residentes do bairro de Copacabana e dos outros bairros da Zona Sul carioca. Essa campanha contra a "juventude transviada" foi feita de maneira informal por grupos de classe-média que agiam pedindo prisões de jovens e fechamento de bares, e eram, de certa maneira, insuflados por setores da imprensa que encontrou no episódio uma forma de aumentar as tiragens de jornais e revistas.[86]

Além disso, o autor também fala de retaliações que sofreu por parte dos jovens denunciados nas matérias, após a publicação das mesmas.

> "O próprio repórter autor das denúncias (...) viu-se proibido de andar pelas ruas de Copacabana e Ipanema sob ameaça de agressão (ou morte) por parte de quem achou que os jornalistas cometeram exageros ou injustiças. Os jornalistas chegaram a ser alvo de um atentado a bala na Rua Raul Pompéia."[87]

Segundo o relato do jornalista, houve retaliações à sua presença nos bairros citados pela reportagem publicada. O mesmo fala na sequência, sobre um atentado a tiros que ele e o fotógrafo Estrella teriam sofrido no *Snack Bar*, em Copacabana, que foi um dos bares que teve seu cotidiano narrado pelo conjunto de matérias.

Além disso, Pinheiro Júnior destaca que teve algum contato com jovens "transviados" após a publicação das reportagens. Um deles, o Carlos Imperial, conseguiria grande destaque no meio artístico alguns anos mais tarde, trabalhando com importantes artistas da música popular brasileira. Apontado como um jovem bem relacionado e responsável por levar o jornalista à cena de um estupro coletivo, Imperial foi um dos principais indivíduos citados pelo jornalista. Em sua entrevista, Pinheiro Junior relata sua relação com o jovem após a publicação das matérias:

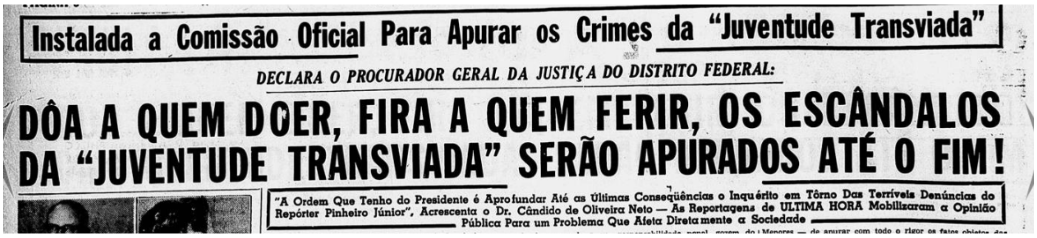
---

[86] Após o jornal *Última Hora,* a Revista *O Cruzeiro* também dedicou diversas páginas para tratar da questão da juventude transviada, principalmente após o assassinado da jovem Aída Curi, em 1958.
[87] Ibid, p.92.

> “Então o Procurador-Geral da República instalou uma comissão e eu encontrei com o Imperial. Nessas alturas as reportagens já estavam saindo, já estava pela décima reportagem, não sei… Ele não estava zangado comigo, pelo contrário… O nome dele eu botei C.I. de Carlos Imperial, aí eu perguntei se ele prestaria um depoimento na comissão da PGR. Então eu levei ele lá, ele prestou um depoimento que fez um sucesso, contou coisa até que eu nem sabia. Depois levei também o Paulo Silvino, sabe quem é?” [88]

No relato de seu encontro posterior com Carlos Imperial, Pinheiro Junior diz que o jovem não ficou aborrecido com a publicação de tudo que havia sido contado por ele nas páginas do *Última Hora*. Pelo contrário: Imperial se mostrou solícito a depor na comissão instaurada para apurar os crimes denunciados pelo jornal. Além de Carlos Imperial, pelo menos outros dois jovens também aceitaram prestar depoimento na comissão instaurada. Eram eles: Paulo Silvino, citado pelo jornalista no trecho da entrevista destacado, e a jovem identificada como “Maria”, citada diversas vezes durante a publicação das matérias como uma jovem “transviada” arrependida.[89]

A referida comissão que colheu depoimento dos jovens apresentados pelo jornalista, foi instalada pela Procuradoria-Geral da República algumas semanas após o início da divulgação das reportagens e, segundo discurso do Procurador-Geral, foi instaurada por ordem do então Presidente da República, Juscelino Kubitscheck, com o objetivo de apurar até o fim os crimes denunciados pela redação do jornal *Última Hora.*



Instalada a Comissão Oficial Para Apurar os Crimes da “Juventude Transviada”

DECLARA O PROCURADOR GERAL DA JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL:

DÔA A QUEM DOER, FIRA A QUEM FERIR, OS ESCÂNDALOS DA “JUVENTUDE TRANSVIADA” SERÃO APURADOS ATÉ O FIM!

“A Ordem Que Tenho do Presidente é Aprofundar Até as Últimas Conseqüências o Inquérito em Tôrno Das Terríveis Denúncias do Repórter Pinheiro Júnior”, Acrescenta o Dr. Cândido de Oliveira Neto — As Reportagens de ULTIMA HORA Mobilizaram a Opinião Pública Para um Problema Que Afeta Diretamente a Sociedade

Figura 10: Manchete da *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21/03/1957, p. 3

---

[88] Ver anexo I.

[89] Ver anexo I.

O texto da reportagem que sucede a manchete destacada trata da instauração da comissão por parte da Procuradoria-Geral da República. Segundo o Procurador-Geral, a comissão teria por objetivo avaliar diretamente os crimes denunciados na imprensa sob segredo de justiça, em nome da preservação dos nomes daqueles que fossem menores de idade.[90]

Em contrapartida, o procurador afirma que "nada deterá a comissão" e que a mesma "não terá dúvidas em apontar para execração pública os verdadeiros delinquentes". Além da determinação presidencial, o procurador afirma ter recebido da União todos os recursos necessários para seguir com a investigação, que contaria com o apoio da polícia para auxiliar na investigação que deveria responsabilizar e punir os culpados pelos crimes denunciados na imprensa, mesmo que os acusados fossem integrantes de famílias com pessoas de grande prestígio social.

Esse posicionamento duro assumido pelo Procurador-Geral, poderia soar à sociedade como uma providência enérgica tomada pelo Estado por duas questões centrais: primeiramente, o presidente e as instituições como a procuradoria-geral e a polícia, não se mostravam inertes ao que era denunciado na imprensa, visto que rapidamente foi instaurada uma comissão para investigação do fato denunciado. Em segundo lugar, o procurador assumia o compromisso de apurar os crimes até o fim, bem como o de punir os indivíduos culpados independente de quem fossem. Tal comentário serviria de resposta ao teor das reportagens, que constantemente informava nas matérias que os jovens cometiam seus delitos por saberem que não seriam punidos.[91]

Além disso, na mesma reportagem, o *Última Hora* destacava certo prestígio institucional adquirido pela redação com a publicação das reportagens sobre a "juventude transviada". Apesar da linguagem sensacionalista empregada pelo jornal, o material publicado foi chamado de “impressionante” pelo curador de menores Eudoro Magalhães, que segundo o jornal, tratou o conjunto de matérias como um relevante serviço prestado à população carioca. O jornal também forneceu testemunhas para depor na comissão. Pinheiro Júnior cita o caso do depoimento de Carlos Imperial[92], assim como as reportagens relataram com riqueza de detalhes os depoimentos de uma suposta jovem transviada arrependida. Durante a série publicada, foram utilizadas, inclusive, imagens de seu depoimento à Procuradoria-Geral da República, como pode-se perceber na imagem destacada abaixo:

---

[90] Segundo Pinheiro Junior, em entrevista, a grande maioria dos denunciados era menor de idade, o que gerou a proteção de seus nomes também na publicação das reportagens.
[91] "A alma da "curra" é a certeza da impunidade". *Última Hora.* Rio de Janeiro. 25/03/1957. p. 8.

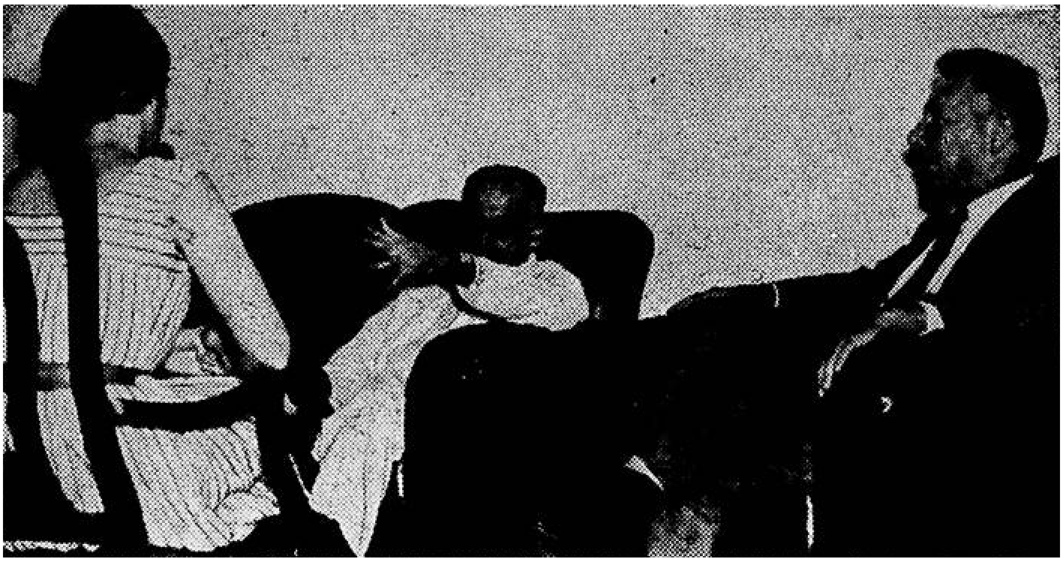


Figura 11: Jovem depõe a procuradores. *Última Hora.* Rio de Janeiro, 23/03/57, p. 5

No entanto, além da instalação de uma comissão de investigação, outros efeitos institucionais foram sentidos após a campanha de parte da imprensa contra o que se chamava “juventude transviada”. Pinheiro Junior fala sobre sugestões dadas por ele à comissão da Procuradoria-Geral, como a abertura de novas delegacias em Copacabana e na Barra da Tijuca. Segundo o jornalista, a criação desses novos distritos policiais foi incorporada ao plano de ação do governo como uma das providências contra as recentes denúncias de delinquência juvenil, como afirmou o jornalista:

---

[92] Ver Anexo I

> “Em suma, eu não sei o que a comissão concluiu, mas algumas sugestões que eu fiz, eles atenderam. Por exemplo: eu propus que tivesse mais um distrito policial em Copacabana. Porque tinha a décima delegacia em Botafogo, depois tinha a décima primeira que eu não me lembro onde era. A décima segunda era na Hilário de Gouveia. Ai eu falei “Bota mais uma, pô, tá muito longe uma delegacia da outra, não dá conta”. Aí eles criaram a décima terceira delegacia que existe até hoje, e criaram a delegacia da Barra da Tijuca. Foi proposta minha, que eu falei: como pode um lugar grande daquele como a Barra da Tijuca, onde acontecem coisas como aconteceu o crime do lambretista que eu te contei… Aí eles criaram também a décima sexta delegacia. Tudo isso foi consequência das reportagens.”[93]

Os jornais da época mostram que, de fato, foi criado um distrito policial na Barra da Tijuca na segunda metade dos anos 1950, porém, sua fundação ocorreu cerca de quatro meses antes do início da publicação das matérias pelo *Última Hora,* em dezembro de 1956. Todavia, é necessário considerar que a instalação de novos postos policiais em Copacabana e na Barra da Tijuca no mesmo período do início da publicação da série de matérias, foi narrada por esses periódicos como uma estratégia fundamental para a repressão aos delitos cometidos pelos jovens “transviados” nas Zonas Sul e Oeste do Rio de Janeiro.

Em publicação feita no mês de dezembro de 1957[94], *O Jornal* comemorava o aniversário de um ano do posto policial da Barra da Tijuca, localizado na antiga Avenida Sernambetiba, via de frente para a praia do bairro. Dentre a área atendida pelo posto da Barra, estava a região de São Conrado, na qual segundo o jornalista Pinheiro Junior, ocorria a maior parte dos estupros coletivos da Avenida Niemeyer. A própria reportagem mencionava que os agentes baseados nesse posto policial atuaram na coerção à malandragem que ficava na “Toca do Julião”, um dos lugares onde esteve o jornalista Pinheiro Junior durante o período que investigou os crimes da “juventude transviada”.

Portanto, além da mobilização do alto escalão da República, visto que deram declarações sobre o caso o presidente e o Procurador-Geral, é possível também destacar uma considerável mobilização de grupos de policiais que atuavam nas áreas que foram citadas nas matérias do *Última Hora,* como consequência da publicação das reportagens.

---

[93] Ibid.

[94] “Posto policial da Barra: setor avançado do DFSP”. *O Jornal.* Rio de Janeiro. 14/12/1957. Capa.

Além disso, também outro efeito institucional, gerado dentro do poder público, foi a retomada da questão da redução da maioridade penal. Ao reproduzir o voto de um magistrado no ano de 1958, o jornal *Tribuna da Imprensa* destacou:

> "O ministro Luiz Gallotti foi relator do recurso, diz ele em seu voto: Os excessos da chamada "juventude transviada" vem alarmando ultimamente o país, a ponto de aconselharem o reexame do problema do início da responsabilidade penal aos 18 anos, a ver se não deverá ser reduzida esta idade limite."[95]

Mesmo que na data da publicação da reportagem destacada já houvesse passado mais de um ano do início da publicação das reportagens do *Última Hora,* a fala do ministro sobre a possibilidade de responsabilizar penalmente jovens menores de 18 anos foi uma demanda reacendida pela cobertura da imprensa ao que se referia como "juventude transviada", bem como aos setores da sociedade que pediam punição aos seus crimes.

Uma outra instituição a se destacar no debate sobre os desvios de uma juventude foi a Igreja Católica. Após o início da reportagem sobre a "juventude transviada", tornou-se mais comum na imprensa, a presença de artigos e entrevistas de padres e religiosos abordando o problema que estaria em torno dos jovens. No dia 26 de março de 1957, ainda durante a publicação da série de matérias, o *Última Hora* publicou uma reportagem[96] contendo depoimentos de diversos padres sobre as denúncias feitas no jornal. Dentre as declarações dos religiosos, destacam-se questões morais nos delitos da juventude, parabeniza-se o *Última Hora* pelas denúncias, bem como são traçados planos para a recuperação dos jovens nas situações descritas pelo jornal.

Tendo tudo isso em mente, é possível destacar que as reportagens publicadas em março de 1957 pelo jornal *Última Hora* tiveram forte impacto na sociedade carioca, a ponto de mobilizar a partir das questões denunciadas nas reportagens: políticos, policiais, religiosos, educadores e psicólogos para darem respostas e soluções aos fatos relatados nas publicações do jornal. As implicações do conjunto de reportagens começaram a acontecer imediatamente após a divulgação de seus primeiros números, mas se estenderam por alguns meses após o término da publicação da última reportagem da série.

---

[95] *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24/07/1958, p. 2.
[96] *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26/03/1957, p. 7.

O jornal *Última Hora,* com sua série de matérias, reforçou estereótipos acerca de um tipo de juventude cujos traços já existiam desde o lançamento do filme de James Dean, e acabou por se tornar um problema recorrente na imprensa da segunda metade dos anos 1950, bem como das décadas posteriores.

CAPÍTULO 3 - "Crime de todos nós": associação entre "juventude transviada" e a criminalidade

Em meados de 1958, a juventude transviada carioca parecia quase esquecida. Os principais jornais pouco citavam as aventuras de moços e moças pela Zona Sul carioca após mais de um ano da série de reportagens do jornalista Pinheiro Junior. No entanto, um acontecimento viria a mudar essa aparente calmaria: no dia 14 de julho, o corpo de Aída Jacob Curi foi encontrado na Avenida Atlântica, com sinais de violência sexual. Os acusados pelo crime eram dois jovens abonados com dezessete e dezenove anos cada.

Tal episódio foi suficiente para que fosse reacendido na sociedade carioca o debate sobre o cotidiano noturno da juventude proveniente da mais valorizada região da cidade. A pouca idade dos acusados e a associação a crimes "sexuais" foi o necessário para que a discussão sobre os transviados voltasse à tona.

A revolta foi pública e latente, demandando trabalho para a imprensa do Distrito Federal. Pelo jornal *Última Hora,* o jornalista Pinheiro Júnior, que possuía experiência e reconhecimento no que se refere à juventude transviada, foi o responsável por fazer a cobertura do caso. Havia outros jornais e periódicos que embarcaram na discussão, como a revista *O Cruzeiro*[97] e o jornal *O Globo.*[98]

O caso de Aída Curi, conforme visto, não foi o primeiro a ser diretamente associado à criminalidade, mas foi o mais emblemático, ficando permanentemente marcado na memória dos brasileiros, da época, de maneira geral.

No presente capítulo, pretendo analisar a forma como, durante a segunda metade da década de 1950, juventude e criminalidade foram relacionados em episódios como no assassinato da jovem Aída Curi, colaborando para a criação de "rótulos" para determinados grupos sociais que não necessariamente se identificavam como um grupo homogêneo mas carregavam características em comum, como ocorreu com a disseminação da ideia de uma suposta juventude transviada no início de 1957, quando alguns jovens residentes em uma mesma região da cidade do Rio de Janeiro, que partilhavam costumes noturnos, estilo e gostos musicais, passaram a ser associados a um grupo social específico: o dos transviados.

---

[97] Revista semanal fundada no Rio de Janeiro em 1928. A última edição circulou em 1975.
[98] Jornal diário fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1925.

3.1 - Juventude e criminalidade

3.1.1 - Uma perspectiva sociológica

Não apenas jornalistas do Rio de Janeiro demonstraram preocupação com os rumos da juventude e suas supostas propensões à criminalidade durante a segunda metade do século passado: diversos pesquisadores, educadores, psicólogos e religiosos das mais diversas localidades do mundo se debruçaram sobre o tema. Encontrando forte respaldo no universo cultural, como o cinema, a literatura e o teatro, na década de 1950, as associações a respeito da delinquência juvenil e o cotidiano de muitos jovens foram motor de debates sociológicos em torno da questão.

No ano de 1990, o sociólogo americano David Matza publicou o livro *Delinquency and Drift,* onde busca compreender a questão da criminalidade juvenil, questionando os dados presentes no debate até então. O autor busca desassociar a ideia do jovem criminoso como alguém que não compartilha da chamada "cultura convencional", demonstrando que moços e moças que cometem crimes compartilham dos valores da cultura hegemônica em que estão inseridos sendo, inclusive, um produto desta cultura. Assim, jovens criminosos podem dividir seu tempo entre a delinquência e atividades consideradas normais como o trabalho, a escola e a convivência social e familiar.[99]

---

[99] MATZA, David. *Delincuencia y deriva: Cómo y por qué algunos jóvenes llegan a quebrantar la ley.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014, p. 15.

Segundo o autor, após a Segunda Guerra Mundial, a preocupação com a juventude nos Estados Unidos era comparável à preocupação com o "fantasma" do comunismo que rondava a Europa. Em muitos pontos, a questão da delinquência juvenil americana no pós-Guerra está relacionada ao episódio utilizado como fonte para esta dissertação. A indicada ausência dos pais, que trabalhavam por muitas horas sem poder cuidar de seus filhos, foi identificada por Matza como uma razão indicada no período para o comportamento inadequado de determinados jovens americanos no pós-Guerra.[100] Tal associação se assimila com a afirmação feita em 1957 pelo jornalista Pinheiro Junior que, em tom de denúncia, afirmava que adolescentes cariocas não supervisionados pelos pais estariam "nas fronteiras do crime".[101]

Para explicar a forma pela qual alguns jovens podem vir a quebrar a lei, David Matza usa o conceito de "*deriva",[102]* que segundo desenvolve em seu estudo, seria um estágio no qual o jovem pode descumprir determinadas leis em determinados momentos sem estar condicionado a fazê-lo, ou a fazê-lo a todo o tempo. Tal conceito pode ser usado como referencial metodológico para analisar a questão dos crimes cometidos por determinados grupos de jovens da Zona Sul carioca na década de 1957.

Sempre que, socialmente, se discute a questão da criminalidade, o criminoso é tratado como uma figura distante, "o outro". Por mais vago que seja, tal conceito não costuma envolver jovens brancos, de classe média-alta, residentes em bairros abastados da cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1957, o que se esperava desses jovens não era a criminalidade, visto que, para seus familiares, o criminoso seria sempre "o outro": pobre, negro e residente em outras regiões da cidade, como os subúrbios ou favelas.

"O outro" nunca estaria próximo da realidade autodefinida daqueles que, a partir das reportagens do jornal *Última Hora,* passariam a conhecer o cotidiano dos crimes cometidos nos arredores de suas casas, possivelmente por seus filhos e sobrinhos. Tais jovens, conforme observado, mantinham vidas rotineiras com suas famílias, entre a praia, os clubes e eventos sociais. Suas práticas delitivas estavam associadas ao ambiente público, onde se reuniam com seus amigos para usar drogas ilícitas, cometer roubos e estupros. Para isso, o conceito de *"deriva"* utilizado por Matza, se adequa à realidade de uma mocidade que pode vir a cometer delitos, mas não necessariamente pertence a uma "subcultura da criminalidade".

---

[100] Ibid, p. 25.
[101] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 23/03/1957, p. 3.
[102] *Deriva* na edição argentina de 2014. No original, *drift.*

Existe, além da "*deriva*", outro conceito fundamental para se analisar a questão da criminalidade entre a juventude: as "técnicas de neutralização", que seriam formas de aliviar o peso do delito cometido. As "técnicas de neutralização" podem ser a negação, ou diminuição do delito, a diminuição do dano gerado, a inversão da culpa ou a responsabilização da vítima. Tais técnicas seriam fundamentais para que determinados jovens chegassem à condição de "deriva", que seria a possibilidade de determinados jovens quebrarem a lei sem necessariamente estarem condicionados a fazê-lo.

David Matza propõe, em seu estudo, argumentos que coadunam com o que foi narrado pelas reportagens do *Última Hora* sobre a juventude transviada em 1957. A partir das matérias, grupos de jovens foram associados à criminalidade. Em tom de denúncia, o periódico fala aos pais de moços e moças da zona sul carioca sobre seus hábitos noturnos condenáveis que "poderiam chegar" - e chegavam - às fronteiras do crime.

Sobre tais conceitos em questão, Matza afirma:

> La ruptura periódica del vínculo moral con la ley, que es producto de la neutralización y que resulta en deriva, no asegura la perpetración de un acto delictivo. La deriva hace posible o permisible la delincuencia al remover temporariamente las restricciones que controlan a los miembros de la sociedad, pero en sí misma no aporta el compromiso o la compulsión irreversibles y suficientes para empujar a una persona a cometer delitos.[103]

---

[103] MATZA, David. *Delincuencia y deriva: Cómo y por qué algunos jóvenes llegan a quebrantar la ley.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014, p. 255.

Ou seja, conforme percebido no caso das reportagens sobre uma suposta "juventude transviada" carioca, as técnicas de neutralização são responsáveis por produzir o ato delitivo, e a deriva é o resultado do referido processo.

Como observa o sociólogo David Matza, determinados jovens provenientes da elite carioca poderiam cometer alguns crimes possibilitados pelo que chama de "neutralização", como a redução do dano e a responsabilização da vítima, conforme ocorria nos casos dos estupros coletivos. A partir disso, tais indivíduos entravam no que Matza chama de "deriva": o estado em que podem vir a cometer crimes, sem necessariamente estar condicionado a fazê-lo sempre, ou a compartilhar uma "subcultura" do delito ou da criminalidade. Em suas denúncias aos pais e responsáveis de moços e moças cariocas, Pinheiro Júnior demonstra que os mesmos poderiam estar em uma noite, a jantar com os responsáveis, e em outra, a cometer crimes caracterizados como "perversões sexuais".

Isso seria, precisamente, a condição de "*deriva*" desenvolvida pelo sociólogo David Matza. Eventualmente, o crime estava no cotidiano de determinados jovens que, na maior parte do tempo, mantinha práticas adequadas ao que seus familiares esperavam de moços e moças da Zona Sul carioca, da década de 50.

3.1.2 - Rotulação de corpos desviantes e a juventude transviada carioca em 1957

A série de reportagens do jornal *Última Hora*, publicada em março de 1957, parece carregar a certeza da existência de um grupo homogêneo identificado pelo jargão extremamente lucrativo da "juventude transviada".

Ao denunciar os hábitos noturnos de moços e moças da região de Copacabana, o jornalista Pinheiro Junior se baseava nas similaridades do estilo, dos trejeitos e das práticas condenáveis de determinados jovens para afirmar havia um grupo social bem organizado e articulado em torno do uso de drogas ilícitas, do estupro e das chamadas "perversões sexuais".

No entanto, a existência do grupo homogêneo divulgado na imprensa, mais parece fruto da construção sensacionalista do periódico que elemento da realidade. Ao buscar, na Zona Sul do Rio de Janeiro, uma juventude transviada como a encenada por James Dean, Pinheiro Junior enxergou mais do que moços e moças americanizados copiando o estilo de seus ídolos: viu grupos articulados de jovens que passariam, após as reportagens publicadas, ser caracterizados como "transviados", primeiramente na cidade do Rio de Janeiro, posteriormente em todo o Brasil.

Além do estilo, o que parecia unir os sujeitos descritos pelo jornalista era a questão do "transvio", que estaria muito associado ao "desvio" em si. Howard Becker, em seu livro intitulado *Outsiders* traça uma concepção sociológica de "desvio", que não seria o ato em si cometido pelo indivíduo, mas as consequências socialmente impostas a partir do momento em que se comete o ato em questão. Ou seja: para Becker, a reação de terceiros para com determinadas atitudes criminosas ou imorais é fundamental para a criação do ser "desviante" que passa, a partir de então, a ser visto como um indivíduo desviante de fato. Para tal rotulação eficaz, seria indispensável a força de terceiros reagindo ao ato de desviante em questão,[104] o peso da opinião pública que caracterizaria o indivíduo a partir de suas atitudes desviantes, conforme se pode observar no trecho destacado abaixo:

> Tal pressuposto parece-me ignorar o fato central acerca do desvio: ele é criado pela sociedade. Não digo isso no sentido em que é comumente compreendido, de que as causas do desvio estão localizadas na situação social do desviante ou em "fatores sociais" que incitam sua ação. Quero dizer, isto sim, que grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um "infrator". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal.[105]

---

[104] BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 22.

[105] Ibid.

Sendo a definição sociológica de desvio diretamente relacionada à reação de terceiros perante ao ato cometido, os "desviantes" podem acabar por ser compreendidos, perante a percepção de terceiros, como grupos homogêneos e articulados que possuem mais em comum do que simplesmente o ato desviante cometido.

Exemplos evidentes disso são os estereótipos construídos em torno de pessoas não heterossexuais, usuários de drogas ilícitas e prostitutas, que, por muitas vezes, têm de lidar com acusações distintas associadas às suas práticas cotidianas e/ou escolhas. No entanto, não se pode afirmar que todas essas pessoas possuem condutas associadas, nem ao menos que sejam de fato o que foi atribuído a elas. Homens "não viris", com trejeitos socialmente lidos como femininos, tendem a ser associados à homossexualidade, mesmo que nem sempre a afirmação tenha conexão com a realidade. O ato desviante, no caso, é o comportamento inadequado ao padrão de gênero que deve ser seguido. O rótulo de desvio, para tal caso, é a homossexualidade.[106]

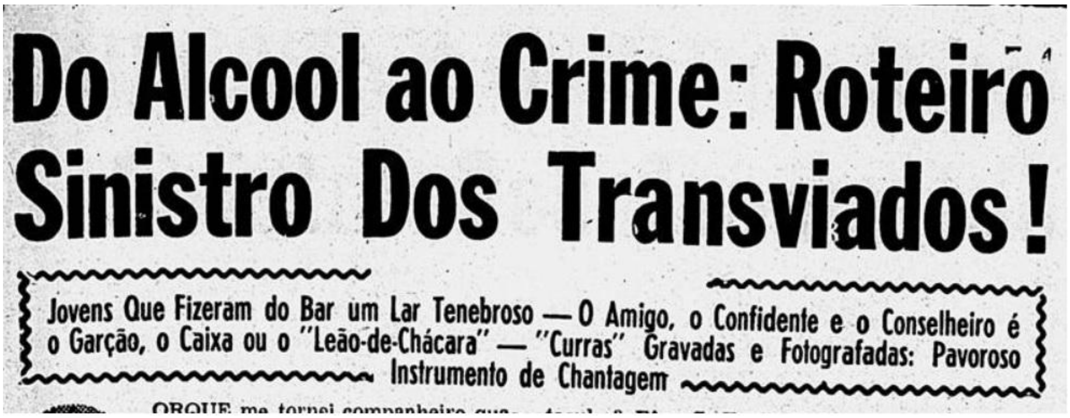
O exemplo da "rotulação" de corpos desviantes, tal como foi desenvolvido por Howard Becker, pode ser observado e utilizado como chave de leitura no episódio da repercussão gerada pela série do repórter Pinheiro Junior em 1957.

A partir das denúncias feitas pelo jornal, a Zona Sul carioca foi tomada por uma campanha contra jovens transviados, que eram reconhecidos pelo jeito que se vestiam ou pelos lugares que frequentavam, mas não necessariamente estavam associados aos crimes cometidos e denunciados pelo jornal. A ideia de "juventude transviada" caracteriza como criminosos, ou como potenciais criminosos, um tipo específico de jovem carioca na segunda metade da década de 1950: o que dispunha de um estilo americanizado.

O conjunto de reportagens de Pinheiro Júnior busca, de maneira pouco sutil, associar hábitos corriqueiros da juventude carioca como o início do caminho para a "perversão sexual" ou o crime. O álcool, uma droga lícita, é recorrentemente associado como o princípio de um caminho que passaria pelas demais drogas ilícitas, perversões sexuais e, por fim, chegaria à criminalidade. Tal afirmação pode-se observar na manchete destacada abaixo:

---

[106] Ibid.



Do Alcool ao Crime: Roteiro Sinistro Dos Transviados!

Jovens Que Fizeram do Bar um Lar Tenebroso — O Amigo, o Confidente e o Conselheiro é o Garção, o Caixa ou o "Leão-de-Chácara" — "Curras" Gravadas e Fotografadas: Pavoroso Instrumento de Chantagem

Figura 12: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 12/03/1957. p. 3.

O trabalho feito pelo jornal *Última Hora,* buscou descrever grupos jovens em seus estilos e lugares frequentados, associando-os aos crimes de estupro e tráfico de drogas. Ao ser publicada, a série de reportagens parece ter tido o efeito de "rotular" ou "fixar um rótulo" de determinada maneira em grupos de jovens não homogêneos e auto-identificados. Foi caracterizado, a partir de 1957, mais um "estilo desviante" associado ao jeito de se vestir de jovens de classe média e classe alta na cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, Howard Becker destaca que, por ser o desvio uma consequência da reação de terceiros após o ato considerado desviante, não é adequado tratar essas pessoas enquanto uma categoria específica, nem supor que todas as pessoas "rotuladas" pelo desvio cometeram as mesmas infrações das quais são acusadas.[107] Portanto, determinados jovens da década de 1950 foram marcados pelo estigma da juventude transviada, mas tudo que se pode dizer que tais jovens possuem em comum é, além de um jeito de vestir-se característico, o fato de terem sido identificados da mesma maneira: como jovens transviados.

---

[107] BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 22.

3.1.3 - A construção do "jovem transviado" como exploração sensacionalista de um "submundo do crime"

De todos os crimes trazidos à tona pelas reportagens do jornal *Última Hora,* os estupros coletivos foram os episódios mais explorados por Pinheiro Junior. Conforme observado no segundo capítulo, os estupros coletivos foram usados pelo jornalista Pinheiro Junior de forma sensacionalista para explorar o medo nas classes média e alta da Zona Sul do Rio de Janeiro. Os crimes em questão seriam, para as reportagens, um dos perigos aos quais seriam expostas as jovens que viviam o cotidiano noturno dos bares e boates da região de Copacabana.

O sensacionalismo das reportagens buscava demarcar que, ao expor-se aos perigos da vida noturna carioca, jovens poderiam estar expostos a violações sexuais, se tornando vítimas de homossexuais ou do que chamavam de "*gângsters* sexuais". No entanto, a forma pela qual o jornalista busca construir a relação entre jovens da Zona Sul e os estupros ocorridos na região está, em muitos aspectos, relacionada com o imaginário popular sobre a imagem de um "criminoso viril" ao longo do século XX.

Em seu capítulo no livro *História da virilidade*[108]*,* o historiador francês Dominique Kalifa disserta sobre as características mais comuns do imaginário coletivo sobre criminosos ou como o próprio se refere, busca traçar um retrato dos chamados "garotos maus". Sobre o "submundo" da criminalidade, o autor afirma que as "especificidades criminosas" que caracterizam pessoas como tal, são impostas pelo exterior e não experimentadas por um grupo assumido e legitimado.[109] Segundo o autor:

> (...) o mundo do crime e da delinquência é composto principalmente por seres débeis e ordinários, por bandidos caricatos, por uma acumulação de atos simples e criminosos, muitas vezes banais ou miseráveis, ditados pela contingência de uma vida sem relevo. Qualificá-los de criminosos procede de uma deformação da realidade, que tende a endurecer, profissionalizar e

---

[108] KALIFA, Dominique. "Virilidades criminosas?" In: CORBIN Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da virilidade (A virilidade em crise? vol. 3).* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

[109] Ibid. p. 320.

> estigmatizar comportamentos que com frequência são muito mais imprecisos.[110]

Segundo Dominique Kalifa, o submundo da criminalidade não encontra, na realidade, o que o imaginário tende a divulgar sobre ele. Nesse caso, ao qualificar determinados jovens que acumulavam “atos simples e criminosos” como integrantes de um “submundo da criminalidade", o jornal *Última Hora* produz o que o historiador chama de “deformação da realidade”. Na sequência de reportagens publicadas, foram cristalizadas em torno de um grupo específico de moços e moças, as ações de criminosos eventuais.

Ao destacar a dificuldade de se acessar o mundo da criminalidade por meio das fontes históricas, Dominique Kalifa observa que criminosos escrevem pouco. Suas recordações, em geral, são feitas por relatos de jornalistas e romancistas que “descem” ao “submundo” do crime para descrever o que encontram por lá. Assim, tais profissionais desenvolvem um imaginário dos “submundos” que surgem como uma “representação” ou “construção” social gerada pela literatura, mobilizando o desejo de moralização na população como um todo. Com isso, nos textos escritos por pessoas que, tal qual Pinheiro Júnior, “desciam ao abismo” para relatar o que foi visto, se dava a exploração das emoções dos que tivessem acesso ao relato, bem como se dava a construção de imagem de um criminoso, ou de um jovem transviado.[111]

Este tipo de reportagens, entretanto, não foi uma novidade inaugurada pelo *Última Hora* na década de 1950. Há, na verdade, diversos registros de reportagens do gênero, onde o jornalista “desce” para investigar um mundo “subterrâneo”, seja do crime, dos vícios ou do sexo, capaz de despertar a curiosidade da população de maneira geral. Tal submundo a ser investigado pode se apresentar de diversas maneiras nos relatos jornalísticos: podem ser prostíbulos, presídios, espeluncas, terreiros, pontos de consumo de drogas, ou quaisquer outros lugares que despertam medo, fascínio e curiosidade na população como um todo.

---

[110] Ibid.

[111] KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário.* São Paulo, EDUSP: 2017. p. 17.

Já nos primeiros anos do século XX, o célebre cronista João do Rio[112] publicou nos jornais seus relatos sobre rituais de religiões de matriz africana realizados nas áreas mais periféricas do centro do Rio de Janeiro. Um outro escritor, Elísio de Carvalho, publicou nos anos 1910 diversos relatos em uma série intitulada "As neuroses e os vícios da cidade", onde trazia relatos de usos de drogas ilícitas como ópio, morfina e cocaína obtidos em visitas a pontos de consumo de drogas na cidade do Rio de Janeiro. Em um outro caso, no mês de maio de 1924, o escritor Benjamin Costallat publicou no *Jornal do Brasil* a série "Mistérios do Rio", abordando temáticas de apelo social, trazendo relatos de episódios relacionados ao crime, à prostituição, à malandragem e aos vícios de maneira geral.

Além disso, em episódios mais próximos temporalmente da publicação das reportagens sobre a "juventude transviada" no *Última Hora,* estão dois casos citados pelo jornalista Pinheiro Junior em seu livro de memórias. O primeiro trata-se da experiência de Nelson Rodrigues em um presídio feminino de Bangu, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Já na segunda ocasião, o jornalista Léo Monteiro se internou no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro com o objetivo de relatar o cotidiano dentro do hospital.

Todas essas reportagens, desde João do Rio nos primeiros anos do século XX, até Pinheiro Junior na década de 1950, possuem em comum o fato de estarem adentrando um submundo desconhecido abordando diferentes assuntos como o consumo de drogas ilícitas, vícios, prostituição e crime. Além disso, essas reportagens costumavam atingir uma considerável repercussão, por estarem revelando por meio do repórter, algo desconhecido e capaz de gerar curiosidade nos cidadãos comuns. Pela repercussão que conseguem atingir, pode-se afirmar que reportagens do gênero podem ser muito lucrativas[113] e, por vezes, incentivadas por editores das redações de jornais brasileiros durante todo o século passado.

---

[112] Pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão Coelho dos Santos Barreto.

Apesar de terem traços e características em comum, todas as reportagens citadas possuem suas especificidades em diferentes "submundos" que são procurados. No caso do conjunto de relatos redigidos por Pinheiro Junior, a juventude e seus lugares de sociabilidade foram o objeto escolhido e, com base em uma expressão proveniente de um filme de *Hollywood*, colaborou com o processo para designar e identificar como "transviados" jovens que cometeram eventuais crimes, delitos ou atitudes reprováveis para os padrões morais do período.

3.2 - Recuperação de crimes anteriores e associação com a "juventude transviada"

Durante a publicação do conjunto de reportagens do *Última Hora* em março de 1957, dois crimes acontecidos anteriormente foram relembrados pelo jornalista Pinheiro Junior e associados à suposta juventude transviada que o jornalista denunciava. Eram eles, o "Crime da Sacopã" ocorrido em 1952, e o "crime do castiçal", ocorrido 1954, ambos na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Em abril de 1952, os jornais e revistas cariocas envolveram-se na discussão de um notório crime ocorrido nas redondezas da Lagoa Rodrigo de Freitas, região nobre da capital federal. No dia 7 de abril, o corpo de um bancário foi encontrado com marcas de tiros dentro de um automóvel na pacata Rua Sacopã. A cobertura da imprensa repercutiu o mistério do assassinato em detalhes, reconstruindo os passos da vítima e até mesmo criando especulações a respeito dos objetos que foram encontrados dentro de seu carro ou de seus bolsos. As matérias giravam em torno da possibilidade de um crime passional e as histórias de amor envolvendo a vítima.

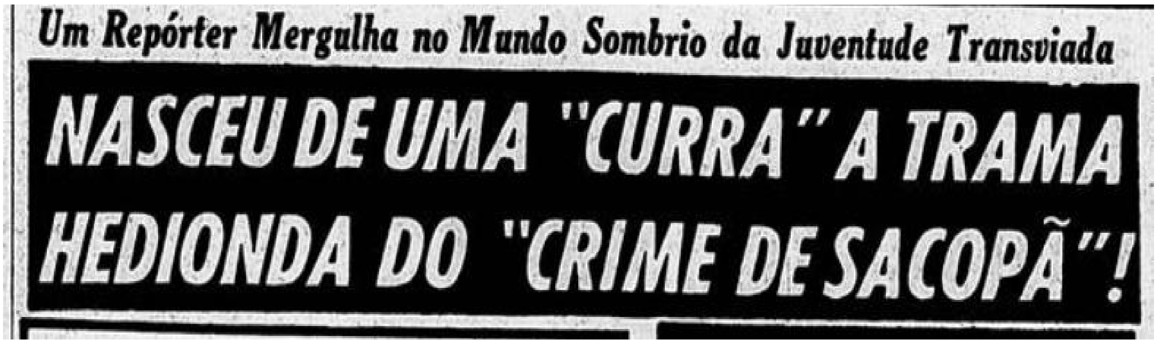
---

[113] SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

O crime teve grande repercussão na imprensa, não apenas no período em que ocorreu, mas também nas décadas seguintes, chegando a ser reconstituído pelo programa *Linha Direta,*[114] produzido pela TV Globo em 2004.[115] O episódio se desenrolou em um extenso processo judicial que perdurou por quase toda a década de 1950.

Eventualmente, o crime voltava às páginas da imprensa carioca que estava sempre a postos para comentar um novo episódio do crime. No entanto, há uma rememoração que se faz notável para o presente trabalho: a elaborada pelo jornalista Pinheiro Junior em março de 1957. Na sequência de matérias sobre a juventude transviada, o jornal *Última Hora* traz relatos do "crime da Sacopã" associados às práticas da "juventude transviada" denunciada pelo periódico.

Após já ter feito grande exploração e descrição dos estupros coletivos ocorridos na Zona Sul da cidade, a edição do *Última Hora* de 8 de março de 1957 estampa em sua capa:



Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

NASCEU DE UMA "CURRA" A TRAMA HEDIONDA DO "CRIME DE SACOPÃ"!

Figura 13: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 08/03/1957, p. 1.

Com tal chamada, o jornalista Pinheiro Júnior traça relação direta entre o que estava sendo denunciado pelo jornal a respeito do cotidiano noturno de determinados jovens, e um crime que havia ocorrido há cerca de cinco anos antes da publicação da sequência de reportagens em questão. Com isso, as matérias dão a ideia de continuidade de um problema maior, existente há anos e intimamente associado aos perigos representados pela “juventude transviada” à sociedade carioca.

---

[114] Linha Direta foi um programa de televisão produzido pela TV Globo. Ficou no ar entre 1990 e 2007, apresentando crimes ocorridos no Brasil.

[115] *Crime do Sacopã.* Linha Direta. Rio de Janeiro: TV Globo, 2004.

Na edição do dia 16 de março de 1957, o jornal *Última Hora* publica uma matéria rica em detalhes sobre o que ocorreu no dia do crime na Ladeira do Sacopã em 1952. Na reportagem, o episódio é tratado como fruto de uma “chantagem sexual” e diretamente associado aos estupros coletivos já descritos pelo jornalista Pinheiro Junior em edições anteriores. Segundo o jornalista:

> Será utilíssimo reviver Sacopã, que nos mostra a juventude transviada já atravessando as fronteiras do crime. Existe no terrível enigma desse homicídio uma advertência terrível que devemos assimilar. Porque o culpado ou a vítima poderia ter sido, ou vir a ser, um filho ou a filha de qualquer um.[116]

Com isso, o próprio jornalista deixa evidente sua pretensão: rememorar e ressignificar o crime em questão, trazendo para o centro da questão a “juventude transviada” e seus hábitos condenáveis que, segundo a matéria, já estavam relacionados com o crime na ladeira da Rua Sacopã. Pinheiro Junior deixa, ainda, um alerta: a “juventude transviada” já em 1952 atravessava as fronteiras do crime, e a vítima ou o autor, poderiam ser os filhos de qualquer um dos leitores.

No texto da matéria, o jornalista narra o diálogo com integrantes de gangues de estupradores da Zona Sul carioca que afirmam, categoricamente, estar o episódio do assassinato na Rua Sacopã relacionado com episódios de estupros coletivos já abordados pelo jornal. Segundo uma primeira fonte, a vítima do crime teria traído um suposto “pacto de honra” entre grupos de “gângsters sexuais”. Uma segunda fonte, no entanto, afirma que a questão do “pacto de honra” é falsa, sem se alongar sobre o tema.

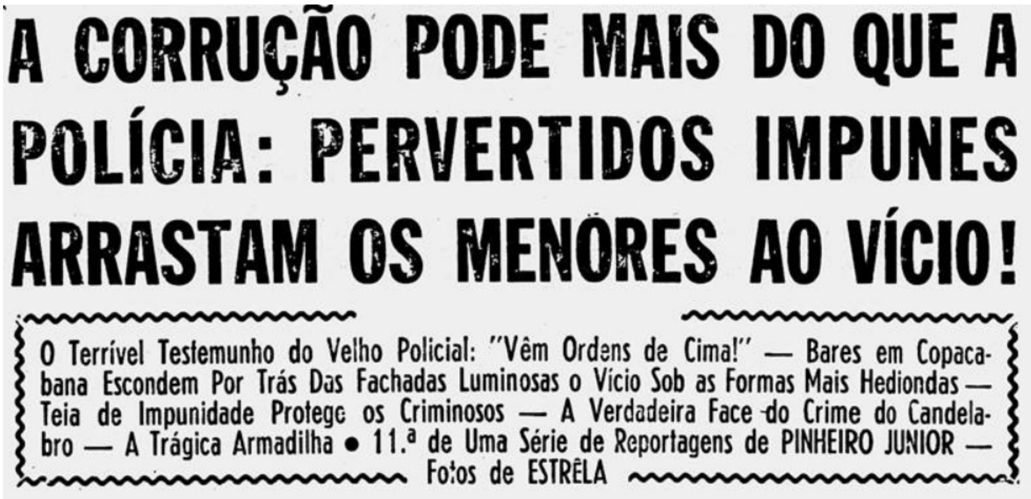
No outro caso em questão, o chamado “crime do candelabro” ou “crime do castiçal”, também é recuperado nas reportagens. Ocorrido em 1954, o episódio reverberou menos que o caso anterior, mas houve ampla divulgação nas páginas policiais no período em que ocorreu.

---

[116] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 16/03/1957. p. 3.

No dia 14 de junho de 1954, o *Diário da Noite* noticiou o começo da elucidação de um crime que havia chocado o Rio de Janeiro dias antes: o assassino do advogado Wilson de Assis Pereira, morto a golpes de castiçal, fora identificado.[117] O jovem Luiz Eduardo Souto, de 21 anos, seria o responsável pelo crime. Segundo depoimento apurado pelos jornalistas, Luiz e Wilson haviam se conhecido no Beco das Garrafas, em Copacabana, tradicional reduto boêmio do Rio de Janeiro na década de 1950. Ao voltarem juntos, o advogado ofereceu seu apartamento para a continuidade da festa. Já no apartamento de Wilson, o jovem de 21 anos teria reagido a uma tentativa de assédio com golpes de castiçal, que foram fatais para o advogado. Em meados de 1954, essa era a versão que circulava na imprensa carioca sobre o crime em questão. Em 1957, cerca de três anos depois, o crime foi recuperado por Pinheiro Júnior, que o assimilou às denúncias relacionadas à "juventude transviada".

Em 22 de março de 1957, o *Última Hora* estampava no topo de uma página a seguinte chamada:



A CORRUÇÃO PODE MAIS DO QUE A POLÍCIA: PERVERTIDOS IMPUNES ARRASTAM OS MENORES AO VÍCIO!

O Terrível Testemunho do Velho Policial: "Vêm Ordens de Cima!" — Bares em Copacabana Escondem Por Trás Das Fachadas Luminosas o Vício Sob as Formas Mais Hediondas — Teia de Impunidade Protege os Criminosos — A Verdadeira Face do Crime do Candelabro — A Trágica Armadilha ● 11.ª de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR — Fotos de ESTRÊLA

Figura 14: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 22/03/1957. p. 3.

A versão requentada pelo jornalista Pinheiro Júnior é, em muito, similar à versão do depoimento de Luiz Eduardo Souto: a de que um jovem quase inocente era levado ao crime por um pervertido mais velho que feriu sua honra. Em conversa com uma fonte, a reportagem destaca que Wilson de Assis Pereira era uma figura conhecida da noite de Copacabana, que perambulava pelos bares para "desviar e perverter" meninos.[118] Sobre a noite do crime, a matéria diz que ao ver Luiz Eduardo Souto, Wilson aproximou-se com a "ideia sinistra da sedução anormal", referindo-se à homossexualidade, uma das perversões sexuais citadas pelo *Última Hora*. Na reportagem, Luiz é identificado como um jovem ingênuo, pouco acostumado à vida noturna de Copacabana e suscetível a tornar-se vítima de Wilson, que o teria embebedado para facilitar sua tentativa de assédio. Até aqui, Pinheiro Junior combina a inocência de um jovem, com a perversão característica da noite carioca, em tom de alerta. Após isso, o jornalista relaciona o consumo de álcool e outros entorpecentes com a exposição a crimes conforme estava sendo descrito. Em seu relato sobre o episódio, pode-se destacar:

---

[117] *Diário da Noite.* Rio de Janeiro. 14/06/1954, p. 6.

> Interrompo aqui a narrativa para, mais uma vez, no curso destas reportagens, reafirmar que os jovens são levados a transpor as fronteiras do crime estimulados pelo clima de álcool e entorpecentes que faz do ambiente de certos bares autênticas estufas, onde proliferam sementes da violência. Não vou recapitular um crime do domínio público desde a sua execução na madrugada fria de 1º de junho de 1954. Pretendo, exclusivamente, mostrar os fatos que levam a moçada transviada a violar as fronteiras do crime.[119]

Para Pinheiro Júnior, portanto, o que mais importava do crime que era recuperado em 1957, era a forma pela qual ele poderia ser associado com os episódios referentes à "juventude transviada". Ao trazer novamente tal crime à tona, o jornal *Última Hora* busca utilizar um episódio presente no imaginário carioca para reforçar a ideia dos perigos do álcool e de drogas ilícitas no cotidiano da vida noturna da Zona Sul da cidade.

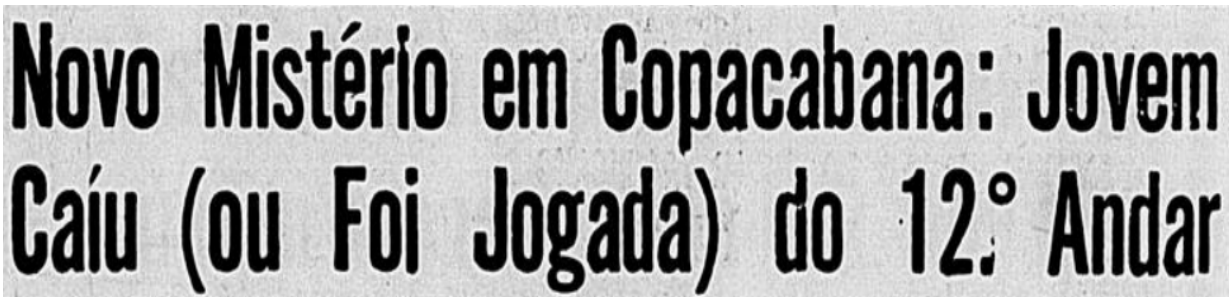
A questão central, em ambos os crimes citados, trata-se da intenção do jornalista ao recuperar crimes de grande repercussão ocorridos na cidade do Rio de Janeiro em anos anteriores a 1957. O que se buscava era, diretamente, reforçar o estigma que surgia da associação entre determinados grupos de jovens da Zona Sul carioca com crimes de cunho sexual que eram fartamente explorados pelas reportagens. Ao relembrar episódios passados, o jornalista passa com clareza a ideia de que a "juventude transviada" não é um problema que surge naquele momento, mas que já vinham causando problemas sérios nos anos anteriores, todos relacionados às "perversões sexuais", como nos casos em questão.

---

[118] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 22/03/1957, p. 3.
[119] Ibid.

3.3 - O Caso Aída Curi e a "juventude transviada"

No dia 15 de julho de 1958, o jornal *Última Hora* anunciou, sem grande destaque, a morte de uma jovem na noite anterior. No canto inferior da sexta página do periódico, a notícia foi publicada com espaço para a permanência de uma dúvida:



Novo Mistério em Copacabana: Jovem
Caíu (ou Foi Jogada) do 12.° Andar

Figura 15: Manchete do jornal *Última Hora.* Rio de Janeiro. 15/07/1958. p. 6.

Ainda que sem ênfase no corpo da matéria, a reportagem deixa em aberto a possibilidade de um "crime passional" por um motivo citado: a jovem havia sido encontrada com arranhões na região dos seios. O texto, ainda no campo das especulações, indica fortes suspeitas para o zelador do prédio, João Teles, e cita também o porteiro do edifício, Antônio Souza. Até então, na manhã seguinte ao assassinato, o crime não estava relacionado com a chamada "juventude transviada" que ganhou fama no ano anterior. No dia 15 de julho, o caso era tratado apenas como um mistério em torno da morte de uma jovem, com algumas especulações sobre as causas da queda: os jornalistas questionavam se o que houve foi suicídio, acidente ou assassinato. Não há, na reportagem, nenhuma citação à chamada "juventude transviada".

A jovem morta era Aída Curi. Com 18 anos, natural de Belo Horizonte e filha de imigrantes sírios, Aída levava uma vida ordinária no Rio de Janeiro. Como diversas jovens da sua idade, ela estudava inglês e trabalhava com seu irmão, o comerciante Nelson Curi, também citado pela reportagem.

No dia 16 de julho, dois dias após o ocorrido, o *Última Hora* segue publicando sobre o episódio e amplia a sua cobertura. Com destaque maior que no dia anterior, o jornal começa a, gradualmente, perceber as possíveis relações entre o que havia acontecido e os hábitos condenáveis de parte dos jovens da Zona Sul carioca. A manchete no topo da página indicava uma pista para a elucidação do caso: Carlinhos *play-boy,* suposto namorado da jovem morta. Na reportagem, ainda que não diretamente, há vestígios de associações dos jovens a uma suposta "juventude transviada", conforme pode-se observar no seguinte trecho:

> (...) visando o esclarecimento da morte trágica da jovem Aída Curi, concentraram-se, na manhã de hoje na localização de um tal Carlos que (...) era o namorado da moça que caiu (ou foi projetada) do Edifício Rio-Norte e que ia buscá-la, diariamente, na Cultura Inglêsa. Informou a menina que Carlos tem um automóvel "Cadillac" conversível, vermelho e com capota branca. Apurando que a jovem fez sua última prova na "Cultura Inglêsa" no dia 9 e que estava de férias, só devendo regressar às aulas no dia 5 de agôsto, concluiu a polícia que ela enganava a mãe e seu irmão para sair com o namorado. Por outro lado, êsse recurso de Aída para encontrar-se com o namorado já vinha de há muito sendo aplicado, uma vez que as aulas na "Cultura Inglêsa" eram dadas às terças e quintas-feiras, iniciando-se às 14:45 e finalizando às 15:40. Segundo o Sr. Nelson Curi, Aída chegava em casa, na Rua Marquês de São Vicente, cerca de 19 horas diariamente, tempo demasiado longo para se deslocar do colégio para casa.[120]

O trecho destacado da reportagem não cita diretamente grupos de jovens transviados que foram descritos pelo jornal no ano anterior. Mas, de maneira velada, o jornalista faz insinuações nesse sentido. Tal como nos episódios ocorridos em 1957, o suspeito do crime era um *play-boy* que dirigia um carro de luxo e poderia ser o responsável pela tragédia ocorrida com uma moça de boa família. Além disso, o fato dos responsáveis pela jovem desconhecerem seu trajeto do colégio até a casa é destacado como uma causa possível para a morte da jovem. Mesmo que indiretamente e em um caso pouco elucidado, Aída Curi é retratada pelo jornal *Última Hora* como uma vítima dos perigos noturnos da Zona Sul carioca que, ao enganar seus familiares, teria condenado seu destino junto a seu namorado, Carlinhos "*play-boy".*

---

[120] *Última Hora.* Rio de Janeiro. 16/07/1958. p. 10.

No dia 17 de julho, três dias após a morte, o mistério aparecia resolvido na manchete do periódico: Aída Curi havia "buscado a morte para escapar das mãos de transviados" que eram citados pela primeira vez no jornal desde o falecimento da jovem. Tratada como um "símbolo vivo" da sociedade na época, a "juventude transviada" como um grupo hegemônico é, no dia 17 de julho, diretamente acusada pelo *Última Hora* do assassinado da jovem.[121]

Os assassinos também foram apontados pelo jornal: Cássio Murilo, menor de idade em 1958, foi identificado apenas pelas iniciais. Já Ronaldo Castro, com 19 anos, foi apresentado com nome e sobrenome. Carlos, o suposto namorado de Aída Curi, que havia sido declarado maior suspeito no dia anterior, não foi citado novamente. No entanto, o pano de fundo do argumento construído pelos jornalistas seguia o mesmo: a jovem havia sido vítima dos perigos da vida noturna carioca.

A partir do dia 17 de julho, as palavras utilizadas no *Última Hora* remetem às expressões usadas por Pinheiro Junior, em março de 1957. A rápida narrativa do crime feita pelo jornal diz que Cássio e Ronaldo abordaram Aída Curi na Avenida Atlântica e a levaram para a cobertura do Edifício Rio-Nobre, na mesma via. A reportagem não esclarece a dúvida estabelecida desde o dia seguinte ao crime: não se sabe se Aída Curi foi jogada, caiu por acidente ou se jogou do décimo segundo andar do prédio. No entanto, para o que pretendiam os jornalistas, essa informação era secundária.

Após narrar as cenas anteriores ao crime, o jornalista recorre aos mesmos recursos retóricos que usou no ano anterior, como pode-se observar abaixo:

---

[121] Ibid.

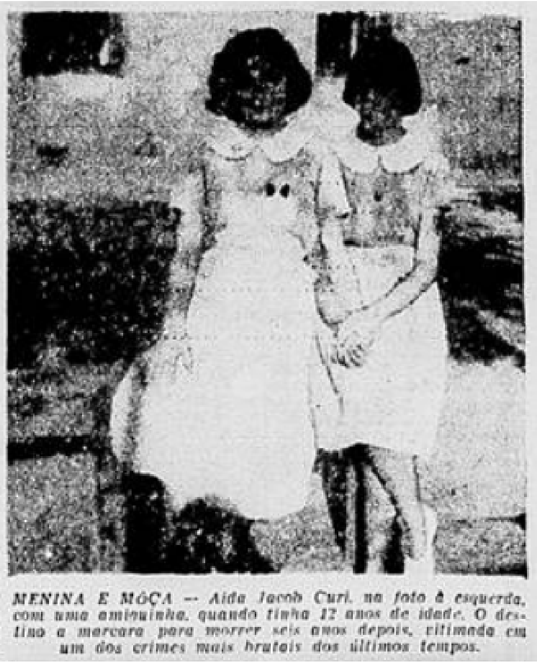
> Aída Curi, moça de um passado ilibado, ingênua mesmo, foi atraída de maneira horrenda para uma das costumeiras "curras" que se verificam constantemente em Copacabana. O principal, C. M. é filho adotivo do coronel Adauto Esmeraldo, que é casado com a senhora Cacilda Soares Ferreira, sendo fruto do primeiro matrimônio desta. Apesar de ser aluno aplicado, cursando o 4º ano ginasial do colégio Malet Soares, C. M. sempre viveu metido em turmas, amigo de lambretas com as quais passeia pela Zona Sul em busca de garotas. Juntamente com seus amigos levava costumeiramente mulheres para o apartamento 1102, no edifício em que é síndico seu pai de criação. Algumas vezes chegou mesmo a retirar da garagem o automóvel do padrasto e com ele percorrer tôda Copacabana.[122]

No trecho destacado acima, o jornalista destaca primeiro a inocência da jovem que se tornou vítima do que o jornal denunciava há um grande tempo: os estupros coletivos. Após isso, o texto observa a vida do jovem que não dava indícios da sua participação em delitos: era de família respeitável e aluno aplicado. No entanto, escondido de seus pais, levava um cotidiano próprio daquilo que se entendia por "juventude transviada": sem permissão, dirigia o carro de seu padrasto e andava com turmas de jovens pelo bairro de Copacabana. Na sequência, Cássio Murilo é apontado como "figura expressiva" do mundo da "juventude transviada", geração que, segundo o jornal, atravessou as fronteiras do sexo para adentrar no mundo brutal do crime.[123] Tal descrição é nitidamente semelhante à utilizada pela sequência de reportagens do jornalista Pinheiro Junior em março de 1957.

Além da sua descrição como uma jovem honrada, tímida e ingênua, uma amiga de infância de Aída Curi foi entrevistada pelo jornal, falando sobre a jovem.[124] Das falas de Yolanda Nicolau[125], o *Última Hora* destacou a sua aplicação aos estudos que, segundo a própria, lhe rendia sempre as primeiras colocações no período da escola. No canto superior da página dedicada à moça, um retrato dela aos doze anos de idade serve como ilustração da sua inocência. Em companhia de uma amiga, usando um vestido abaixo dos joelhos e com uma legenda que tratava seu assassinato como um dos crimes mais brutais dos últimos tempos: um crime contra a própria inocência da jovem.

---

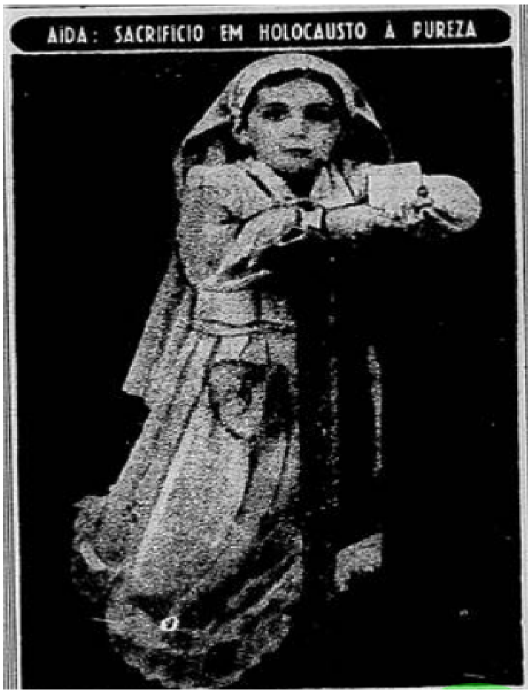
[122] Ibid.
[123] Ibid.
[124] Ibid.
[125] Amiga de Aída Curi.



MENINA E MÓÇA — Aida Jacob Curi, na foto à esquerda, com uma amiguinha, quando tinha 12 anos de idade. O destino a marcara para morrer seis anos depois, vitimada em um dos crimes mais brutais dos últimos tempos.

Figura 16: Aída Curi e uma amiga na adolescência. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 17/07/1958. p. 10.

Em outra ocasião, a jovem aparece em uma fotografia no dia da sua primeira comunhão. Ao lado, duas fotografias de Ronaldo de Castro, fumando, ilustram o que o jornal mais buscou explorar nos dias que se sucederam à morte de Aída Curi: a sua pureza em contraste com a vida transgressora de seus algozes.



AIDA: SACRIFICIO EM HOLOCAUSTO À PUREZA

Figura 17: Aída Curi em sua primeira comunhão. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 24/07/1958. p. 1.

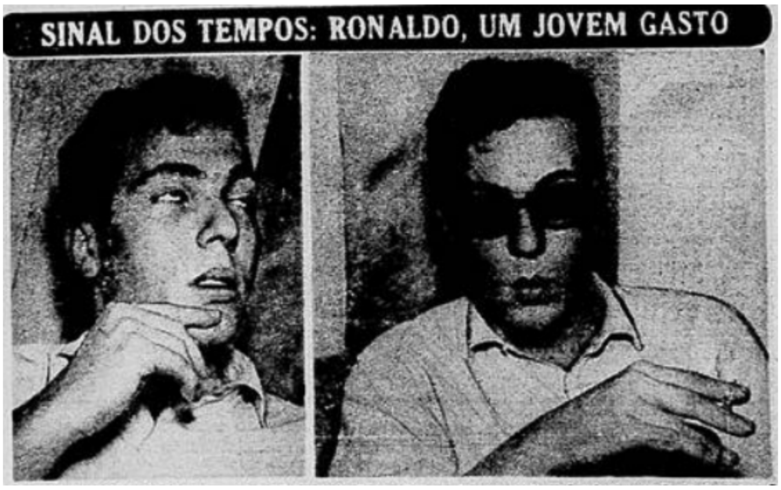

SINAL DOS TEMPOS: RONALDO, UM JOVEM GASTO

Figura 18: Ronaldo de Castro fumando. *Última Hora.* Rio de Janeiro. 24/07/1958. p. 1.

Durante todo o resto do ano de 1958, os desdobramentos do caso Aída Curi apareciam quase semanalmente nas páginas do *Última Hora.* Foram chamados para comentar o caso educadores, políticos e psicólogos. O então arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, afirmou para a imprensa que a jovem, ao morrer em Copacabana, havia se tornado santa.

Com o passar dos meses, a cobertura do caso perde destaque nas páginas do *Última Hora*. Quando volta ao tema, o jornal noticia algum desdobramento do processo contra Cássio Murilo e Ronaldo de Castro que, segundo o periódico, resultou em acusações mútuas entre os jovens a respeito do assassinato de Aída.

Apesar de suas citações ficarem cada vez mais raras nas páginas policiais da imprensa carioca, o caso repercutiu em todas as décadas seguintes, e repercute até os dias de hoje.[126] De maneira geral, sempre que é lembrado, o crime aparece associado ao comportamento inadequado de grupos de jovens que, naquele período, foram associados aos tais jovens transviados.

---

[126] No dia 11/02/2021 o Supremo Tribunal Federal julgou o recurso referente à aplicabilidade do *direito ao esquecimento* no episódio da morte de Aída Curi. O recurso foi interposto pelos irmãos da jovem assassinada que, a partir do programa *Linha Direta* sobre o caso, passaram a pleitear na justiça que o caso não fosse mais explorado na mídia.

Nos três dias que sucederam a morte de Aída Curi, o destaque das notícias referentes ao episódio ficou cada vez maior. Conforme dito anteriormente, no primeiro dia, a notícia foi dada no canto inferior de uma página no jornal. No dia seguinte, a morte de Aída Curi ocupou o topo da página. Dois dias depois, continuou no topo da página, mas com textos maiores e fotografias de Aída enquanto criança e dos envolvidos no caso.

O aumento do destaque que o caso recebeu nas páginas do jornal pode indicar um aumento do interesse da opinião pública sobre o mesmo. O episódio, no início, atrai menos atenção do que quando começa a ser relacionado com os moços transviados da Zona Sul da capital federal. Conforme observa a historiadora Lídia dos Santos em sua tese de doutorado,[127] a ideia de uma "juventude transviada" surge como uma expressão midiática extremamente lucrativa para a época e, tal qual em março de 1957, após a morte de Aída Curi, em junho de 1958, houve na redação do *Última Hora,* uma exploração sensacionalista do crime a partir da sua relação com moços transviados do Rio de Janeiro.

---

[127] SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado na introdução da presente dissertação, quando se pensa em “juventude transviada”, a geração dos nossos pais e avós recorre a um tipo específico de jovens, com um estilo americanizado das décadas de 1950 e 1960. Se falarmos com pessoas de outras localidades do Rio de Janeiro, descobriremos que esses grupos de jovens não estavam restritos à região da Zona Sul da cidade: seu estilo poderia ser percebido em grupos de moças e rapazes que frequentavam o Café Palheta, na Tijuca ou o cinema Imperator, no Méier. Em ambos os casos, assim como em Copacabana, as “turmas” eram mal vistas e associadas a episódios de assédio e estupro.

No entanto, se os jovens “transviados” de outras regiões do Rio de Janeiro estavam relacionados com os de Copacabana, acredito que seja apenas pelo estilo de vestir-se, pelo abuso de álcool, pelo consumo de drogas ilícitas e pelos eventuais crimes cometidos. Como observado no terceiro capítulo, moças e rapazes caracterizados pelo “transvio”, não tinham, necessariamente, algo em comum além da “etiqueta” que os caracterizava como “transviados”.

Se o “transvio” é o “ato de desviar-se”, pode-se afirmar que determinados grupos de jovens foram estigmatizados dessa maneira por não cumprir o “protocolo” de uma juventude ideal para a época. Há razões específicas para que isso tenha se observado primeiramente na região mais aristocrática da, então, Capital Federal. Uma delas, certamente, envolve a questão de serem os “transviados”, jovens brancos, ricos e moradores do bairro de Copacabana. O que era retratado pelos jornais não era o que se esperava das moças e rapazes de um bairro que se orgulhava de sua distinção em comparação com outras regiões do Rio de Janeiro. O que chocou as classes média e alta no Rio de Janeiro entre os anos de 1957 e 1958, talvez não tivesse a mesma repercussão se fosse noticiado em favelas e subúrbios mais afastados da área nobre da cidade.

Pela repercussão das reportagens e pela gravidade dos crimes cometidos, mesmo protegidos por seus pais e parentes próximos, as turmas de jovens que não cumpriram com o protocolo esperado da "juventude ideal" acabaram estigmatizadas pelo "transvio" e como grupos criminosos que deveriam ser combatidos. No entanto, de maneira pouco semelhante ao tratamento dispensado aos jovens pobres que cometem delitos, sempre houve uma movimentação de se discutir os "problemas" de uma "juventude perdida". No conjunto de reportagens, psicólogos, educadores, padres e políticos deram a sua opinião sobre as reais soluções para o caso dos "transviados".

Apesar de possuir a intuição de que o jornal *Última Hora,* por meio da sua intensa cobertura, ajudou a caracterizar esses determinados grupo com a "etiqueta" do transvio, estou certo de que o periódico de Samuel Wainer não foi a única instituição responsável pela criação de tal estigma: Estado, Igreja Católica, polícias e outros tantos agentes sociais também tiveram papel significativo neste processo de "etiquetação de corpos".

O jornalista Pinheiro Júnior e o jornal *Última Hora* tiveram, certamente, uma ampla participação neste processo. Como visto, o periódico foi o segundo veículo de imprensa a tratar determinados grupos de jovens da Zona Sul carioca como "transviados", atrás apenas da revista *Manchete.* Ao se assemelhar em estilo e linguagem com os jovens em questão e ao divulgar seus códigos e cotidiano para a população brasileira, o *Última Hora* e Pinheiro Júnior colaboraram para a construção do estigma do "transvio" para determinada mocidade.

Por fim, cabe sinalizar que o conceito de "juventude transviada", popularizado nos anos 1950, viveu em constante transformação e disputa durante as décadas seguintes. Entretanto, sempre em oposição aos modelos "ideais" de juventudes. Para que existam "jovens transviados" é estritamente necessário que existam jovens comprometidos com os padrões morais e estéticos da época em questão. Por isso, o episódio analisado até aqui foi uma das muito frequentes disputas entre modelos distintos de juventudes que, conforme observado, já existiam no Brasil, desde a Era Vargas, e continuaram existindo nas décadas seguintes, do século XX. Diferentes instituições buscam, rotineiramente, estabelecer seus padrões comportamentais considerados “adequados” para determinados jovens de determinados períodos.

Na presente dissertação, busquei analisar a forma como, em março de 1957, grupos de jornalistas se valeram de uma expressão lucrativa e já presente no imaginário da população carioca, para redigir suas críticas ao comportamento de determinados rapazes e moças que seria contrário ao modelo de juventude considerado, pelos jornalistas, o ideal para a época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BAECQUE, Antoine. “Projeções: a virilidade na tela.” In: CORBIN Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da virilidade (A virilidade em crise? vol. 3).* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados” in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. Três decretos e um ministério a propósito da educação no Estado Novo. in: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: FGV, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A ‘juventude’ é apenas uma palavra? In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CALDAS, Waldenyr. A Cultura da Juventude de 1950 a 1970. São Paulo: Musa Editora 2008.

CORDEIRO DE FARIAS, Roberval. “Uso da maconha (*Cannabis sativa L,)* no Brasil. in: MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros.* 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1958

COSTA, Mariana B.C. A Rocinha em construção:a história social de uma favela na primeira metade do século XX. Tese de doutorado em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2019.

DARNTON, Robert. “Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: O Beijo de Lamourrete. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: BASSANEZI, Carla (org). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2008.

FERRAZ, Talitha. *A Segunda Cinelândia Carioca.* Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes; *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada.* São Paulo: Hucitec, 1998.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *História da maconha no Brasil.* São Paulo: Três Estrelas, 2015.

FRANCISCHETT, Leandra. 50 anos do assassinato de Aída Curi – o foto-jornalismo fazendo escola na revista O Cruzeiro. Revista Fazendo Gênero, n. 8.

GOMES, Angela de Castro. (org.) *O Brasil de JK.* Rio de Janeiro: FGV, 1991.

GREEN, James. "Novas palavras, novos espaços, novas identidades" in: *Além do carnaval.* São Paulo: UNESP, 1999.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. *Artcultura.* v. 16, 2014.

JÚNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner.* Rio de Janeiro, Mauad X: 2011.

KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário.* São Paulo, EDUSP: 2017.

KALIFA, Dominique. "Virilidades criminosas?" In: CORBIN Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da virilidade (A virilidade em crise? vol. 3).* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

KELLY, Gerald. *Juventude, sexo e moral.* Rio de Janeiro: Agir, 1956.

LENHARO, Alcir. "A militarização do corpo" In: *Sacralização da política.* Campinas: UNICAMP, 1986.

MARQUES, Raisa. *Do espontâneo ao organizado. O papel da Juventude Comunista no processo de construção da União Nacional dos Estudantes (1935 - 1938).* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Luís. *Noturno da Lapa.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MATZA, David. *Delincuencia y deriva: Cómo y por qué algunos jóvenes llegan a quebrantar la ley.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil; 4.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros.* 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1958.

MONTEIRO, Karla. *Samuel Wainer: O homem que estava lá.* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. *Aos 100, Edgar Morin fala sobre juventude*. (Entrevista concedida a Guillaume Erner.) Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/aos-100-edgar-morin-fala-sobre-a-juventude/>. Acesso em: 06/04/2021.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana.* São Paulo, Brasiliense: 1984.

MULLER, Angélica. *Entre o Estado e a sociedade: A política de juventude de Vargas e a fundação e atuação da UNE durante o Estado Novo.* Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

MULLER, Angélica. “Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (org). *História dos homens no Brasil.* São Paulo: Unesp, 2013.

O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940).* Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORY, Pascal. “Virilidade ilustrada e literatura de juventude”.In: CORBIN Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da virilidade (A virilidade em crise? vol. 3).* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PAIS, José Machado. “A construção sociológica da juventude - alguns atributos.” In: *Análise Social.* v. XXV (105-106), 1990.

PAIS, José Machado. “Busca de si: expressividades e identidades juvenis.” In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo.* Rio de Janeiro. Editora PUC Rio; Apicuri, 2009.

PEREIRA, Carlos Alberto M. O que é contracultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Cristiana Schettini. "Que tenhas teu corpo": uma historia social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. 2002. 329p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

PEREIRA, Simone Luci. “Imprensa e Juventude nos Anos 50”. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande/MS, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50.* Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ROCHA, Glauber. *O século do cinema.* São Paulo: Cosac Naify, 2006.

ROQUE, Tatiana. Pesquisa matemática e instituições científicas no Brasil do pós-guerra. *Cienc. Cult.*, Jan 2018, vol.70, no.1, p.26-31.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970).* Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades.* São Paulo: Boitempo, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena M. B. COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema.* Rio de Janeiro: FGV e Paz e Terra, 2000.

SOUZA, Sérgio Muniz. *Delinquência juvenil.* Rio de Janeiro: Agir, 1959.

TAMAGNE, Florence. "Mutações homossexuais". In: CORBIN Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da virilidade (A virilidade em crise? vol. 3).* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade.* São Paulo: Objetiva, 2018.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VELHO, Gilberto. "Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea." In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. "Os mundos de Copacabana" In: VELHO, Gilberto (org). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VICENTIN, Maria Cristina. *A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei.* São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2005

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. "Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. In*: Psicologia & Sociedade.* v.9, n.2, 2012.

ANEXO I - Entrevista com Pinheiro Júnior

João Condé - *Eu vou pedir pra você falar brevemente sobre a sua trajetória profissional...*

Pinheiro Junior - Bom, antes de eu ingressar no jornalismo profissional, eu fazia Faculdade Nacional de Filosofia, que tinha um curso de comunicação naquela época. Eu fazia jornalismo estudantil. Estudei nessa escola aqui do lado, Liceu Nilo Peçanha e eu fundei e dirigi alguns jornais mimeografados, que como eu dizia, foram a minha base jornalística. Quando eu já estava no segundo ano, eu fui trabalhar no Última Hora, comecei a trabalhar como repórter, fiquei um tempo como repórter. Eu comecei a trabalhar em 1955 no Última Hora e, em 1957 eu fiz essa reportagem que é do seu interesse, a juventude transviada. E mais ou menos em 1960, por volta de 1964, ou 1962, eu fui chefiar a reportagem do Última Hora. Depois do golpe eu continuei, não mais como chefe de reportagem, eu voltei a ser repórter. Depois passei a ser editor, e eu fui finalmente em 1972, depois de uma carreira mais ou menos atribulada e tumultuada, eu passei a diretor do jornal. O jornal já estava nas últimas e eles precisavam de alguém que conhecesse bem a estrutura do jornal, então eu fiquei como diretor até quando o jornal foi vendido.

JC - *E voltando pra 1957, você lembra quais eram as suas referências jornalísticas quando você estava prestes a escrever aquela matéria?*

PJ - Você diz os jornalistas que eu admirava?

JC - *Sim. Você era um repórter jovem, então você devia ter...*

PJ - Isso. Eu tinha admiração por Joel Silveira, que era mais velho do que eu. E pelo Nelson Rodrigues, que era grande amigo meu. Como repórter o Joel Silveira, e como escritor propriamente dito, o Nelson Rodrigues, com quem eu travei grande contato e fiquei sendo grande amigo dele, e foi a pessoa que me levou pro Globo. Eu acabei fazendo várias entrevistas com ele, numa ocasião que ele estava muito mal, como se fosse a última entrevista que ele fosse dar, mas na verdade depois eu descobri que ele não estava tão mal assim. Bom, as minhas influências foram essas. E os livros que eu lia, não é? E Samuel Wainer, com quem afinal eu fui trabalhar, era uma pessoa que eu tinha admiração por ele, porque era um grande diretor de jornal, era um diretor de jornal que não ficava no gabinete. Ele ia pra redação e tomava o jornal nas mãos, dirigia e reportagem, editava... Acabei trabalhando 17 anos com ele.

JC - *E você lembra como era a sua relação com o cinema? Você lembra quando você assistiu o filme do James Dean, da Juventude Transviada, e quais foram as suas impressões quando você assistiu?*

PJ - Ah, eu era um cinéfilo. Por exemplo, “Sem novidades do front”, eu vi oito vezes, e “Depois da tormenta”, eu vi sete vezes. Todas as vezes que passava no cinema perto de casa, o cinema Icaraí, eu ia. Era como se tivesse batendo ponto, gostava muito de cinema. Mas o fato de eu gostar muito de cinema, pra essa reportagem, eu acredito que não teve muita importância, porque quem escolheu o título da reportagem da juventude transviada foi o Samuel Wainer, foi ele que disse: “vamos colocar esse nome porque esse nome já está no imaginário da população, dos leitores. Quando nós pusermos no jornal uma reportagem sobre a juventude transviada, eles vão se remeter aquele filme que fez sucesso com o James Dean, que era o “Rebels without a cause”. Tá contado isso aqui, não tá?

JC - *Sim, sim*

PJ - E o Samuel também era uma pessoa que gostava muito de cinema. Ele produziu um filme, né, “Os pastores da desordem”. Foi pra Grécia, aproveitou o exílio dele e dirigiu um filme. É isso.

JC - *Mas você quando assistiu “Juventude Transviada”? Você assistiu antes de trabalhar na matéria?*

PJ - Antes da matéria…

JC - *Você lembra de ter traçado algum paralelo com…*

PJ - Não. Eu não sei se eu conto neste livro como é que surgiu a ideia da reportagem... O jornal estava precisando recuperar uma tiragem que tava meio baixa, e todo mundo fazia sugestão de reportagem. Eu sugeri que eu fosse fazer uma reportagem frequentando as boates da Zona Sul, onde eu achava que devia ter histórias sensacionais, e realmente tinha. Aí ninguém respondeu. Eu acredito que eles acharam que seria uma reportagem muito cara, e que o jornal talvez não pudesse bancar um repórter durante tanto tempo gastando dinheiro em boate, etc e tal. Aí, logo depois o Luiz Costa propôs que eu fosse fazer uma reportagem, que eu fosse passar uma temporada no presídio da Frei Caneca. Eu falei: “pô, vou dormir com aqueles caras lá?” “É, você vai pra lá como se fosse preso, ninguém vai saber que você é repórter”. Ai eu disse “Ah… E que tal aquela reportagem nas boates?”

Será que eu estou contando essa história direito? Eu tenho a impressão de que até esse momento eu não tinha proposto a história das boates. Eu propus fazer essa reportagem das boates depois que eles me propuseram fazer a reportagem dentro do presídio.

Aí, uns dias depois, ou no dia seguinte, o Luiz Costa me chamou e falou o seguinte: “Olha, tem uma história sensacional pra você. Você já viu aqueles garotos andando de lambreta? O Alderaban Cavalcanti, que mora lá na Rua Raul Pompéia, contou que essa garotada se reúne lá num bar chamado Bar Bico.”

Era Bar Bico? Bom, não tem importância… Se reuniam num bar, e tramavam, fumavam maconha… Naquele tempo fumar maconha era um absurdo. E usavam outras drogas, faziam a maior balbúrdia. Aí ele me perguntou: “você viu aquele filme “juventude transviada”? Pois é, é a juventude transviada de Copacabana.”

Foi nesse momento que nasceu o nome “juventude transviada”. Ele falou: “você vai pra lá, traça um roteiro e volta que nós vamos fazer essa reportagem”. Acabou que eu fui fazer essa reportagem. O Samuel achou sensacional, porque ele era um cara que tinha mentalidade cinematográfica. É aquela história que ele diz, que ele podia usar o mito do repórter que vira bandido pra escrever sobre bandidagem, e que ele pela primeira vez ouviu uma pessoa usar a palavra de reportagem investigativa, até então não conhecia ninguém, embora outros repórteres já tivessem feito reportagens que eu poderia chamar de investigativas, de jornalismo investigativo.

O José Montenegro foi um repórter que se internou no Hospital Pedro II de alienados mentais, aquele hospital do Bispo, da Nise da Silveira, você já ouviu falar na Nise da Silveira? Pois é, ela era diretora desse hospital, e ele se internou como louco, pra contar como era lá dentro. E tinha o Bispo do Rosário, que nesse tempo era um dos internos. Você já ouviu falar no Bispo do Rosário?

JC - *Não.*

PJ - O Bispo do Rosário era um artista que usava remendos dentro do presídio, fiapos de roupa, pedaços de rejeitos de tecido. E uma das obras de arte dele se chama “O manto da apresentação". Na passagem do milênio, foi a única obra de arte representante da arte brasileira que foi exposta numa exposição lá na Europa. Esse Bispo do Rosário era um dos internos, então o José Montenegro, que eu acredito que nesse tempo ele fez um tipo de jornalismo investigativo, ele contou um pouco… Mas o mais interessante do José Montenegro é que ele entrou no presídio, e quando foi num domingo, ele quis sair do presídio. Não deixaram, porque acharam que ele era maluco mesmo. Aí ele dizia "eu sou jornalista, me internei aqui voluntariamente". Aí diziam "Ah, tá cheio de jornalista aqui dentro, tudo falso jornalista que se diz jornalista e dá esse golpe pra ir embora pra casa". Então ele ficou lá forçadamente mais um dia, e o engraçado dessa história é que ele só pode sair na segunda-feira, quando foi alguém do jornal lá soltar ele. José Montenegro, foi um grande repórter. Esse era um dos meus parâmetros também, na reportagem, porque quando eu entrei pra lá o José Montenegro já tinha feito essa reportagem, me lembrei outro nome.

Bom, o que mais que a gente pode falar?

JC - *E antes da reportagem, você já tinha algum contato com esses jovens?*

PJ - Eu morava em Niterói mas a maior parte do meu tempo eu passava no Rio. Eu tinha na minha cabeça que o repórter era aquele cara que morava no jornal praticamente. Eu ficava no jornal, era um full time, ficava o tempo todo no jornal. Nesse tempo tinha esse tipo de repórter, mas eu era um full time voluntário. Nunca me passou pela cabeça pedir pra ganhar mais porque eu ficava o dia inteiro à disposição do jornal. E por isso que eu fiz uma porção de reportagens interessantes, porque sempre eu tava ali a disposição, como uma espécie de repórter residente. Qual era a pergunta mesmo?

JC - *Se você tinha algum tipo de contato com aqueles jovens*

PJ - Não. Nunca tinha tido. Eu fui pra lá como uma pessoa completamente desconhecida e isso me ajudou, porque eu fiz contato com diversas pessoas, e uma delas era o Carlos Imperial, que nesse tempo não era aquele artista, e por coincidência era da mesma cidade que eu nasci, isso foi um ponto de contato com ele.

JC - *Em qual cidade você nasceu?*

PJ - Cachoeira de Itapemirim. O Imperial também era de lá. E depois nós descobrimos outros pontos de contato, que a mãe dele tinha sido professora da minha irmã na escola. Eu vim de Cachoeira com seis anos, pra cá pra Niterói, e ele era a única pessoa que eu conhecia. As outras pessoas que constam da reportagem eu conheci no curso da reportagem, e uma das pessoas que me introduziu nesses personagens que poderiam me contar histórias diferentes foi justamente o Imperial.

JC - *E como você e preparou para a reportagem?*

PJ - Durante um ou dois dias, eu percorri e fui nesses pontos onde o Alderaban Cavalcanti, que era o repórter que morava em cima do bar onde os "transviados" se reuniam...

JC - *Snack?*

PJ - Snack Bar, exatamente. Ele morava em cima do Snack Bar. Então o Alderaban Cavalcanti me contou como era. Nos primeiros dias que fui por lá, não vi nada muito diferente daquilo que pra mim era normal, mas eles achavam que aquilo… Havia um preconceito grande contra as pessoas que andavam de lambreta, como existe até hoje… Imaginavam que aquelas pessoas deveriam estar fazendo coisas estranhas. Eu fui, por exemplo, lá pro Copa Golfe, que era uma espécie de um bar, um piano-bar, onde eu encontrei o Imperial. Ali tinha do lado de fora, onde depois se instalou o estúdio da TV

Rio, e agora atualmente é um Hotel, não me lembro mais… Mas havia um bar de dois ou três pavimentos e era tudo ocupado por um bar bacana, tinha música, bebida, e dali eu parti pra ter contato com essas pessoas, até que o Imperial me levou pra mostrar uma espécie de "quadrilhazinha" de jovens que realmente aliciava moças… Era uma espécie de diversão estranha, porque eles levavam as moças, o namorado levava a moça lá pra Avenida Niemeyer, que era um lugar muito deserto naquele tempo. Eles tinham até um lugar que… Eu falo aí da Toca do Julião? Pois é, levavam lá pra Toca do Julião que era uma espécie de lugar onde eles se reuniam no meio do mato, na beira da estrada. E ali eles fingiam que chegava uma gangue e todo mundo submetia a moça àquilo que ela não queria... Você tá gravando, vou usar uma terminologia melhorzinha. E algumas moças eram abandonadas. Elas tinham que voltar, e voltavam metade sem roupa… E eu propus eles que um dia me levassem. Aí ele, o Imperial, já tinha queda pra ações artísticas, então costumava escrever essas coisas, e ele tinha uma imaginação terrível. Ele botava o nome das pessoas: um era o amarrador, outro… Eu falo isso aí também né? Tinha aqueles nomes. Aí eu falei "pô, me leva numa dessas aí pra eu ver se é verdade mesmo". E eu fui e eu acho que na ocasião em que eu fui, eu engendrei de uma maneira que o fotógrafo Estrella fosse também. E nós marcamos, mas o Estrella não deveria de jeito nenhum aparecer, se não, tinham jovens transviado grandes. Vamos supor que um deles ficasse com raiva e me matasse, entendeu? Tinha um pequeno perigo de vida, mas tinha.

Então, tinham tantas pessoas interessadas na hora de "currar" a moça, vamos dizer assim, que virou uma espécie de tumulto. Eu me lembro que, isso eu não conto na reportagem, teve uma hora que ela caiu em cima do capô do carro do Imperial, e o Estrella fez essa foto, mas muito longe, muito escura… Depois ele reconstituiu. Depois nós voltamos no lugar, depois que já estava acabado tudo e que eu não precisava mais voltar lá.

Depois que eu terminei a reportagem, procurei descobrir onde que eles vendiam maconha. Era ali na Praça General Osório, em cima de um bar, subia por uma escadinha… Era um mistério danado pra comprar maconha naquele tempo. Nesse tempo não se falava em cocaína, era um negócio absurdamente desconhecido. Em São Paulo havia mais cocaína do que naquela região ali. Então eu vi esse tipo de coisa…

Roubo de automóvel, eu vi… Coisa que não tinha nada a ver com o Imperial, era um outro grupo. Eu conheci um rapaz que roubava carros pelo simples prazer de roubar. Nem ficava com o carro, porque ele era de boa família e se o pai dele descobrisse que ele tava roubando carro, ele estava frito, então eu falei: "você rouba carro como?" E ele me mostrou como ele fazia ligação direta. Isso tudo tá na reportagem, você foi na Biblioteca Nacional pra ver a coleção?

JC - *Sim.*

PJ - Pois é. Não tem esse roubo de automóvel?

JC - *Sim, com as moedas de dois cruzeiros, não é?*

PJ - Pra fazer a ligação direta? Eu já não me lembrava mais disso, foi bom você ter falado. 62 anos, depois disso eu fiz centenas de outras reportagens, até que eu julgava mais importantes do que essa...Você imagina, essa reportagem é cheia de defeitos de um repórter principiante, embora eu tivesse bons copy-desks na Última Hora, mas sempre tem problemas.

E uma das moças que eu conheci na reportagem, Teresa, se não me engano. Mas pra esconder o nome dela, eu chamo na reportagem de “Maria”. Ela me fez uma espécie de confissão de como ela tinha ingressado naquilo, de como a família dela era complicada, pra mostrar que tinha um ambiente familiar adverso que jogava essas pessoas num ambiente diferente. A reportagem era isso. E teve muita repercussão, o jornal queria que eu continuasse indefinidamente escrevendo sobre o assunto quando não tinha mais o que escrever. eu escrevi umas trinta reportagens porque aquilo era fator de venda do jornal, não é?

JC - *Mas você já esperava a repercussão?*

PJ - Não, eu não esperava não, mas eu tenho impressão que o pessoal que editou a reportagem, quando viu o material, eu não tinha experiência pra achar que aquilo pudesse… Quando viram do que se tratava, achou que seria uma reportagem sensacional, e me falaram isso, “pô, você fez um negócio sensacional aqui, ninguém conhece nada disso, os pais veem os filhos na rua e não sabem o que eles estão fazendo, isso aqui vai mostrar como é o filho dele...”. Tinha que tomar providência.

Moacyr Werneck de Castro foi um dos que participou da reportagem. O próprio Nelson Rodrigues também. Havia uma espécie de reuniãozinha de pauta pra debater como ia ser no dia seguinte, e participavam Moacyr Werneck de Castro, Samuel Wainer, Luiz Costa e eu, naturalmente, pra debater como seria no dia seguinte, o que podia ser publicado ou não… Em suma, acabou tendo a participação de pessoas importantes da redação pra reportagem ter boa repercussão, e acabou tendo. Eles ficavam querendo que eu repetisse esse tipo de reportagem pela vida a fora. Depois me falaram que tinham uns transviados em Porto Alegre, aí me mandaram pra lá. Tinha, mas eram de uma ingenuidade incrível, fiz lá umas três reportagens e não consegui caracterizar como sendo qualquer tipo de transgressão, entendeu?

JC - *E você trabalhou com um fotógrafo, o Estrella? Você ia com ele pros bares? Isso não levantava nenhuma suspeita?*

PJ - Não. Depois quando a reportagem terminou, eu vi que não tinha mais o que apurar, nós começamos a reconstituir os locais. Por exemplo, nós fomos pra Praia do Arpoador, e ele com uma teleobjetiva ele fotografava aquele mesmo grupo que eu tinha entrevistado porque eles frequentavam… Eu me sentia como se tivesse cometendo uma traição com eles, mas é reportagem... Afinal de contas, a reportagem mostra fotos a distância deles dançando na praia, porque era um grupo que dançava rock, o Imperial nesses tempos já gostava de rock e ensinava o pessoal a dançar. Por exemplo, eu fui nesse tempo muito na Galeria Alaska, onde eu conheci lá um homossexual que transava prostituição com pessoas que quisessem. Então nós reproduzimos essa foto na Galeria Alaska.

Levamos um carro pra Avenida Niemeyer e fizemos a reconstituição de algumas fotos que ficaram ruins, mas aparecia escrito. Na reportagem aparecia “recomposição da cena descrita e tal”. Foi mais ou menos isso. A fotografia não era muito difícil de arranjar não. Tinha muita fotografia de praia, muita fotografia de bar. Tinha fotografia também de boates né. E eu contei também a história do crime da Sacopã… Tinha fotografias de arquivo do crime da Sacopã. E depois eu tentei entrevistar o Manuel Bandeira dentro do presídio, ele tava preso ainda e não quis me receber porque ele achava que seria esculachado, como se dizia naquele tempo. E eu entrevistei o filho do prefeito João Carlos Vital, que era considerado do grupo, contanto que mudasse o nome dele… Já o

Imperial ficou numa satisfação incrível quando descobriu que era reportagem, e que aquelas histórias que ele tinha me contado iam sair todas.

Quando a reportagem começou a sair, o Juscelino Kubitschek que era presidente da República, mandou que a PGR instituísse uma comissão pra apurar até que ponto havia transgressão.

(Homem interrompe)

PJ - Então o procurador geral da república instalou uma comissão e eu encontrei com o Imperial. Nessas alturas as reportagens já estavam saindo, já estava pela décima reportagem, não sei… Ele não estava zangado comigo, pelo contrário… O nome dele eu botei C.I. de Carlos Imperial, aí eu perguntei se ele prestaria um depoimento na comissão da PGR. Então eu levei ele lá, ele prestou um depoimento que fez um sucesso, contou coisa até que eu nem sabia. Depois levei também o Paulo Silvino, sabe quem é?

JC - *Não.*

PJ - Paulo Silvino era o personagem P.S. Era filho de um grande humorista chamado Silvino Neto, era tudo gente conhecida lá de Copacabana nesse tempo. E ele também prestou um depoimento. E a própria Teresa, a "Maria", também prestou depoimento. Em suma, eu não sei o que a comissão concluiu, mas algumas sugestões que eu fiz, eles atenderam. Por exemplo: eu propus que tivesse mais um distrito policial em Copacabana. Porque tinha a décima delegacia em Botafogo, depois tinha a décima primeira que eu não me lembro onde era. A décima segunda era na Hilário de Gouveia. Ai eu falei "Bota mais uma, pô, tá muito longe uma delegacia da outra, não dá conta". Aí eles criaram a décima terceira delegacia que existe até hoje, e criaram a delegacia da Barra da Tijuca. Foi proposta minha, que eu falei: como pode um lugar grande daquele como a Barra da Tijuca, onde acontecem coisas como aconteceu o crime do lambretista que eu te contei… Aí eles criaram também a décima sexta delegacia. Tudo isso foi consequência das reportagens.

Por coincidencia ou por que havia uma ebulição nessa época, dos fatos, houve logo depois o caso da Aída Curi, não é? Que caiu lá de cima do Edifício Nobre, que teve uma repercussão muito grande. E eu não cobri o fato criminal, eu fiz o fato paralelo, entrevistar as pessoas envolvidas naquilo. E é isso.

JC - *Depois da repercussão, o jornal toma a decisão de proteger os nomes…*

PJ - Isso, foi difícil… Uma vez eu estava na… Eu por exemplo fui proibido de voltar em Copacabana.

JC - *Por quem?*

PJ - Mandavam parar os jipes de reportagem e falavam: "Fala pra aquele Pinheiro que se ele aparecer aqui ele vai levar uma surra, que ele não pode vir aqui não, que ele é um dedo duro". Eu achava aquilo muito estranho. Uma vez eu fui até o Snack Bar e saiu um tiroteio, disseram que os caras tavam querendo me atingir com um tiro. Uma moça foi ferida com um tiro na perna, isso foi manchete do jornal, até a Tribuna da Imprensa deu. E um delegado, Valdir de Matos Dias, da décima segunda delegacia, quando eu fui prestar depoimento, ele não gostava da Última Hora, ele era, vamos dizer assim, do grupo do Carlos Lacerda e aí ele indiciou a mim e ao fotógrafo por tentativa de homicídio. Mas por coincidência, logo assim que aconteceram os primeiro tiros, eu corri e fui chamar um PM, e eu arrolei o PM como minha testemunha e fui inocentado completamente. Então dessa eu escapei, mas o Estrella não estava comigo, e o delegado insistiu em indiciar o Estrella. Bom, se tinha era porque o Estrella queria, certo ou errado, ele queria proteger a gente, você tá entendendo? Mas como eu vi pela situação que o Estrella poderia ser condenado por tentativa de homicídio e por vingança do delegado, ele podia pegar um xadrez a qualquer momento, o Evaristo Moraes, era o nosso advogado, e ele falou o seguinte: "Olha, vocÊ como repórter, tem autoridade de jornalista que publicou a matéria, vai lá e procura o promotor do caso e conta pra ele a verdade." Aí eu procurei saber quem era o promotor. Ele morava aqui em Niterói. Aí eu fui na casa dele e ele veio de calção de banho me atender na portaria e eu contei o que tinha acontecido. Ele ouviu e me disse "Olha, vai pra casa e fala pro seu amigo ficar tranquilo que eu vou mandar arquivar o inquérito por falta de provas". Mas alguém atirou, não é verdade? Mas o processo dependia do delegado, nesse tempo delegado era uma figura importantíssima. Então a reportagem foi tendo essas consequências, e eu levei muito tempo sem poder aparecer em Copacabana. E eu falei "então não vou mais lá, qual problema? Eu moro em Niterói"

JC - *Mas porque o Última Hora toma a decisão de proteger os nomes?*

PJ - Olha só, era a lei. Você não podia usar nomes de menores, não é verdade? Todos eram menores de 18 anos. Acho que o Paulo Silvino tinha 16, Imperial tinha 16... Todos menores de 18 anos. A primeira questão era essa. A segunda questão, eu que insisti que se usasse só as iniciais, pra não dar a impressão que eu tava fazendo uma denúncia policialesca. Eu não queria parecer que eu era um policial, e as pessoas que eram contra a reportagem queriam me caracterizar de dedo duro. A prova disso é que ninguém foi perseguido, a não ser depois disso, o Cássio Murilo e o Ronaldo do caso Aída Curi, mas aí não tinha mais nada a ver com a reportagem que eu tinha feito.

JC - *Na matéria você fala sobre a experiência do "transvio", você não era colocado como mero observador. O Jornal falava "Pinheiro Junior transviou-se"*

PJ - Não, não. Não tinha essa palavra não. Transviou-se, não. Eu até participei do grupo da juventude transviada, agora me transviei, não... Acho que não tinha essa palavra não.

JC - *E sobre a expressão do "mergulho no mundo sombrio da Juventude Transviada"?*

PJ - Ah, sim. Mergulho era a ideia da pesquisa, de investigação.

JC - *E fala sobre o uso de maconha?*

PJ - Nesse tempo todo mundo experimentava maconha, eu experimentei, não uma vez só. Várias vezes, não uma só. Qual o problema?

JC - *Não, nenhum.*

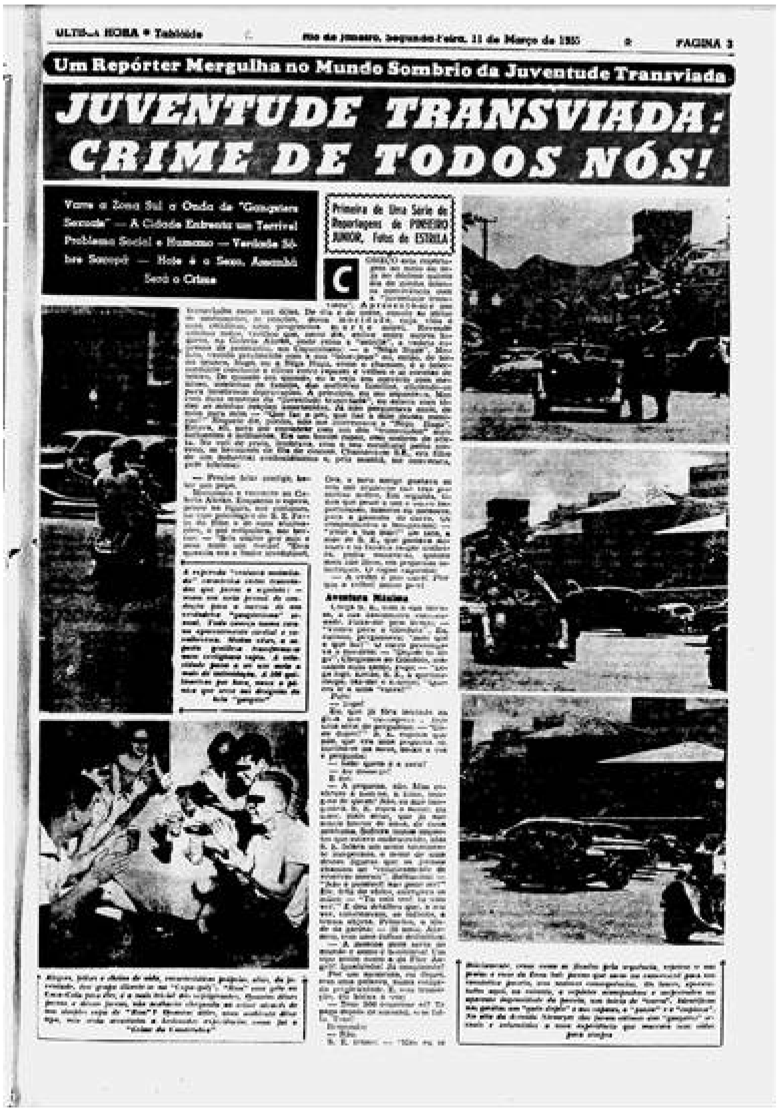
PJ - Pois é, mas nesse tempo era uma transgressão. Eu comprei a maconha, e disseram que era boa, e eu me fiz fotografar. Puxei a maconha e me fiz fotografar. Parece que o jornal publicou na primeira página uma fotografia minha com... Eu caprichei no... Depois disso eu não tive mais nenhuma experiência.

JC - *E hoje em dia, qual é o seu olhar sobre esse conjunto de matérias que você publicou?*

PJ - Eu fico satisfeito de saber que eu ingressei por esse caminho social, de ajuda no jornalismo. Era uma coisa que parecia não acabar nunca e não teve o menor resultado, pelo contrário, cresceu, não é? Cresceu e nós chegamos a esse ponto. Mas eu fico satisfeito. Eu fiz o que era possível e eu acho que eu cumpri minha missão de jornalista. Teria feito de novo, talvez com a cabeça que eu tenho atualmente, teria me protegido mais. Talvez não tivesse feito o que eu fiz porque a grande dose de ingenuidade que eu tive me facilitou. Por exemplo, entrar nesses grupos, achando que não poderia acontecer nada comigo era muita ingenuidade. Hoje eu fico me perguntando, se os caras descobrissem que eu tava ali pra fazer uma reportagem, pra denunciar todo mundo, ninguém ia imaginar que eu ia botar só iniciais. Os caras poderiam me matar… Então hoje talvez eu não teria coragem pra fazer essa reportagem, a ingenuidade ajuda muito, né. É isso.

ANEXO II - Série de reportagens do *Última Hora*

De 11 de março a 1 de abril de 1957.



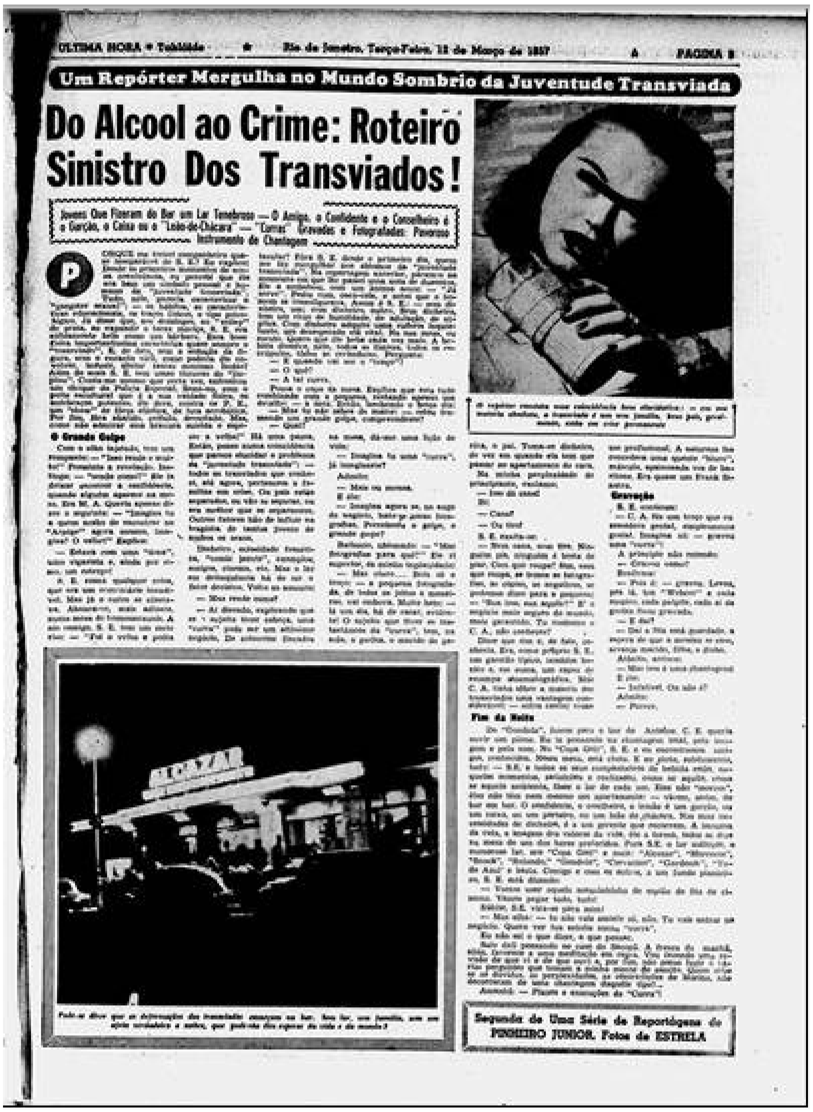
ULTIMA HORA • Tablóide — Rio de Janeiro, segunda-feira, 11 de Março de 1957 — PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

JUVENTUDE TRANSVIADA: CRIME DE TODOS NÓS!

Varre a Zona Sul a Onda de "Gangsters Sexuais" — A Cidade Enfrenta um Terrível Problema Social e Humano — Verdade Sôbre Sacopã — Hoje é o Sexo, Amanhã Será o Crime

Primeira de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR. Fotos de ESTRELA



ULTIMA HORA • Tablóide ★ Rio de Janeiro, Terça-Feira, 12 de Março de 1957 A PAGINA 8

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Do Alcool ao Crime: Roteiro Sinistro Dos Transviados!

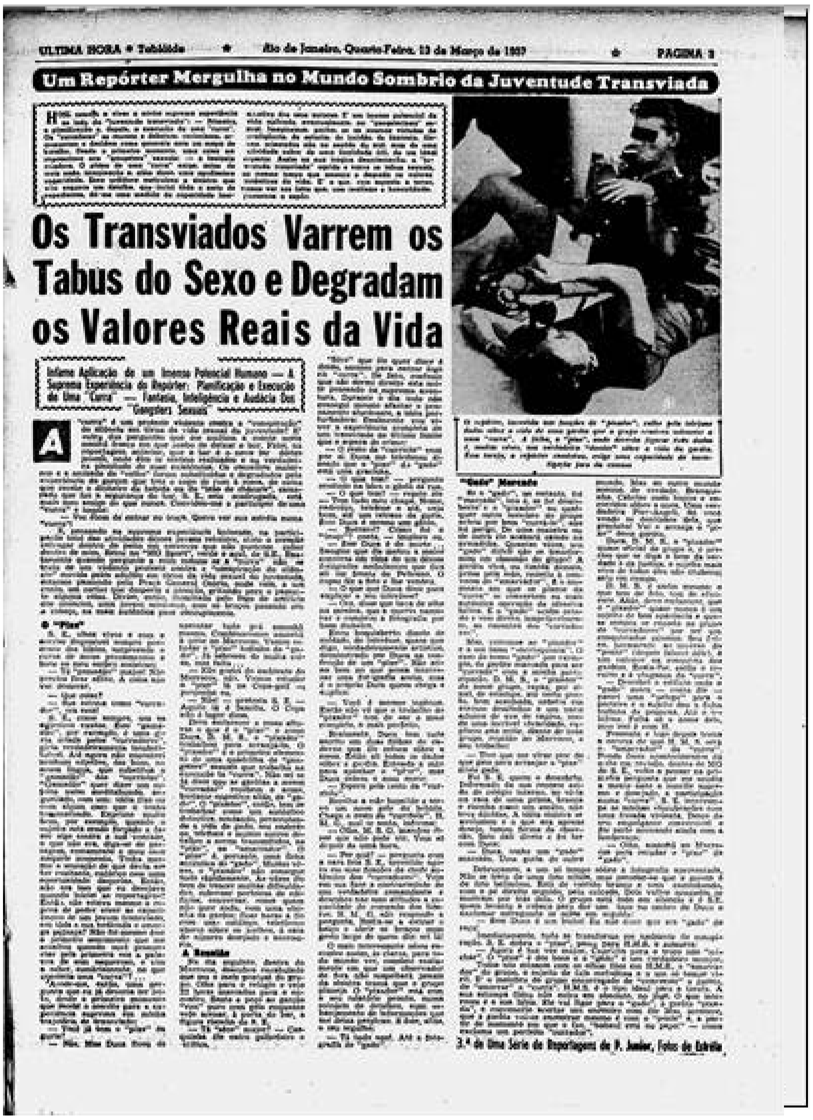
Jovens Que Fizeram do Bar um Lar Tenebroso — O Amigo, o Confidente e o Conselheiro é o Garçon, o Caixa ou o "Leão-de-Chácara" — "Curras" Gravadas e Fotografadas: Poderoso Instrumento de Chantagem

O Grande Golpe

Gravação

Fim da Noite

Segunda de Uma Série de Reportágens de PINHEIRO JUNIOR, Fotos de ESTRELA



ULTIMA HORA ✶ Tablóide ✶ Rio de Janeiro, Quarta-Feira, 13 de Março de 1957 ✶ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Os Transviados Varrem os Tabus do Sexo e Degradam os Valores Reais da Vida

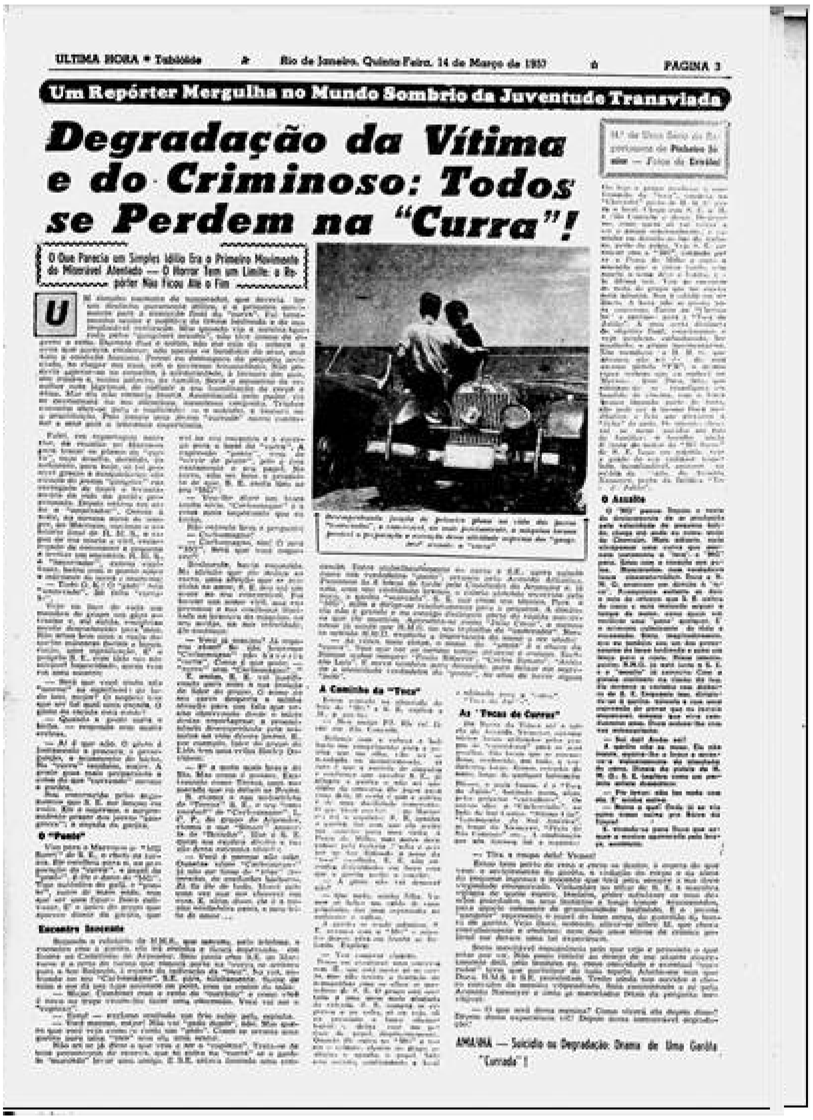
Infame Aplicação de um Imenso Potencial Humano — A Suprema Experiência do Repórter: Planificação e Execução de Uma "Curra" — Fantasia, Inteligência e Audácia Dos "Gangsters Sexuais"

● "Pixe"

A Reunião

"Gado" Marcado

3.ª de Uma Série de Reportagens de P. Junior, Fotos de Estrêla

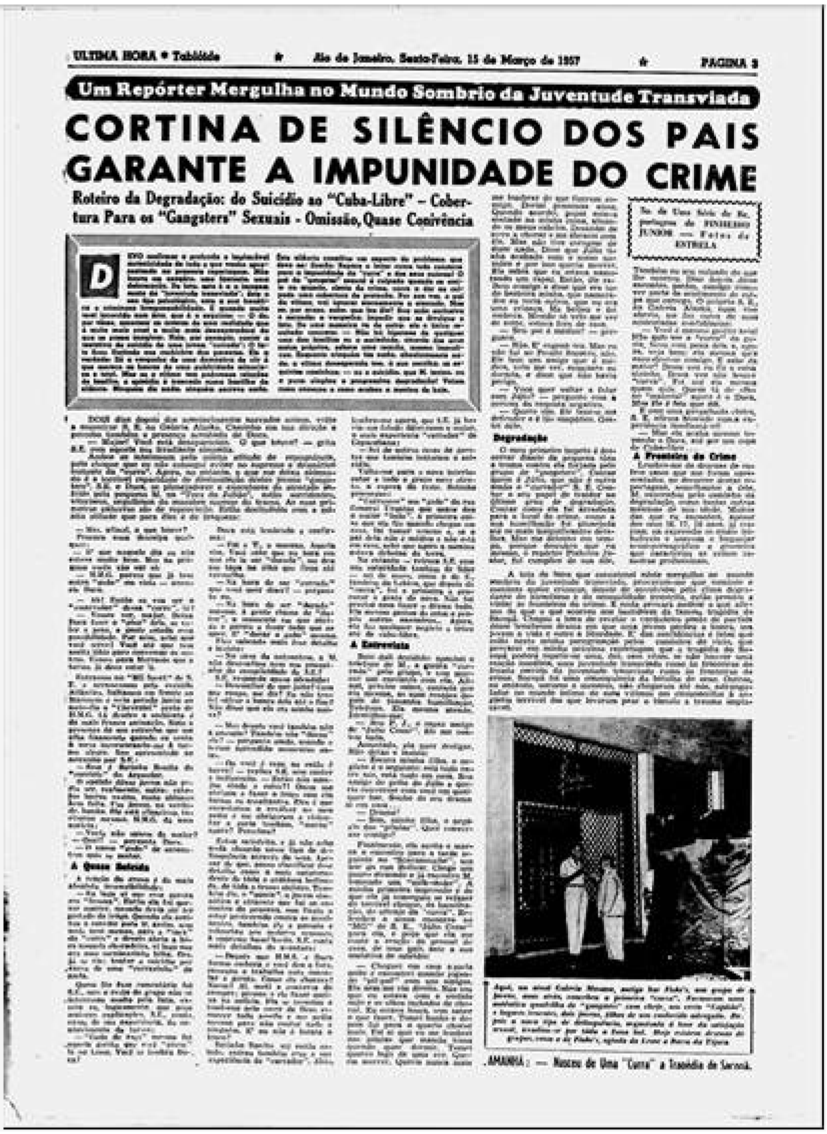


ULTIMA HORA * Tablóide ☆ Rio de Janeiro, Quinta-Feira, 14 de Março de 1957 ☆ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Degradação da Vítima e do Criminoso: Todos se Perdem na "Curra"!

O Que Parecia um Simples Idílio Era o Primeiro Movimento do Miserável Atentado — O Horror Tem um Limite: o Repórter Não Ficou Até o Fim

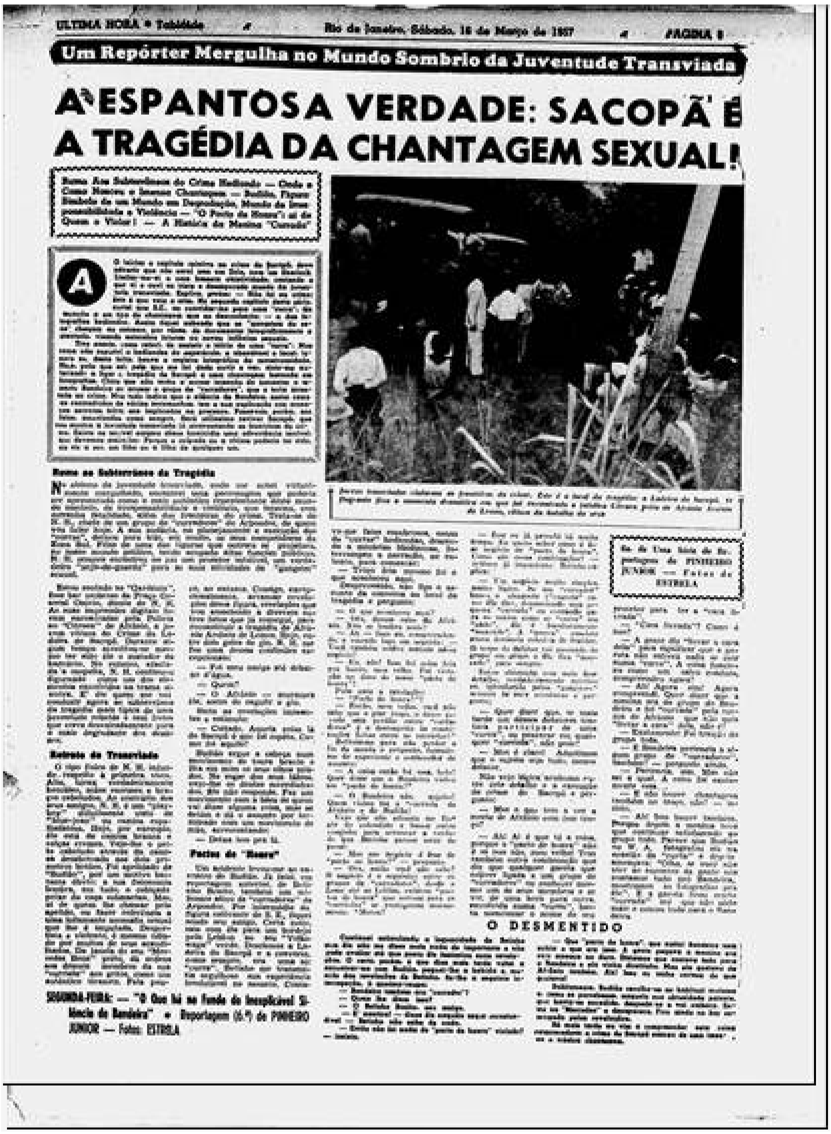


ULTIMA HORA • Tablóide ★ Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 15 de Março de 1957 ★ PÁGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

CORTINA DE SILÊNCIO DOS PAIS GARANTE A IMPUNIDADE DO CRIME

Roteiro da Degradação: do Suicídio ao "Cuba-Libre" – Cobertura Para os "Gangsters" Sexuais - Omissão, Quase Conivência



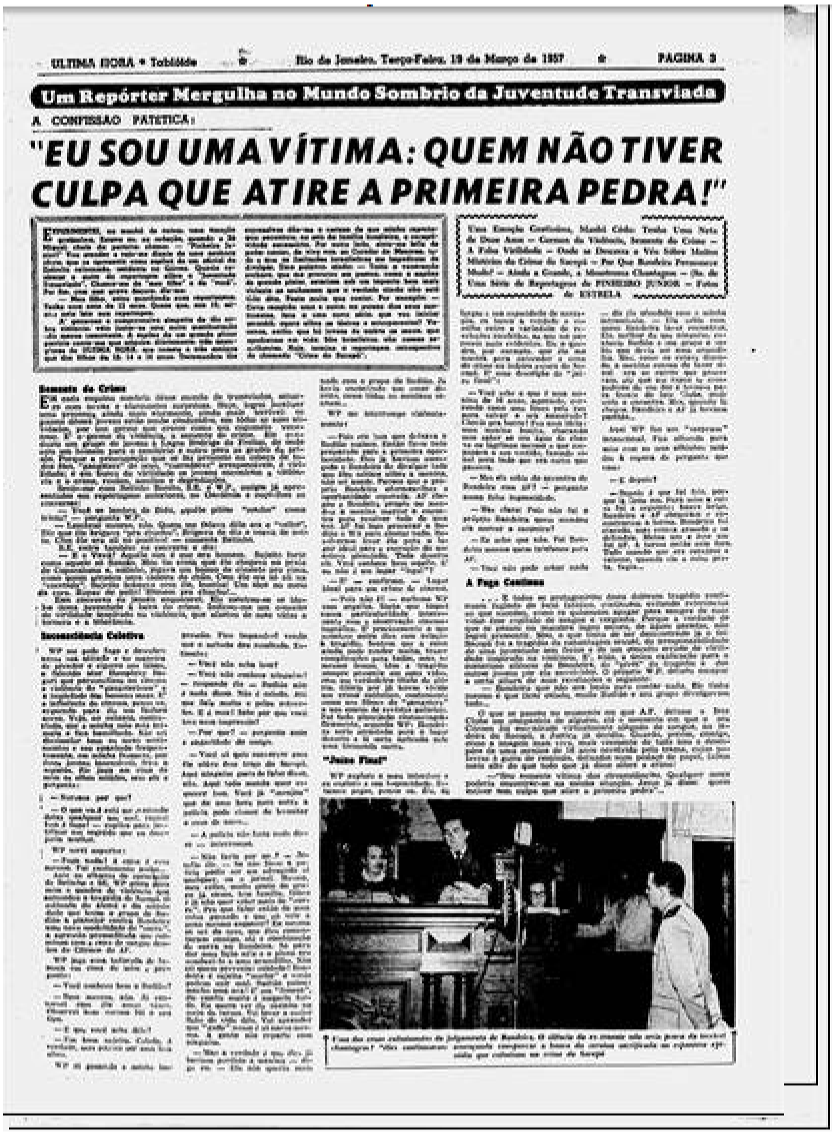
ULTIMA HORA • Tablóide — Rio de Janeiro, Sábado, 16 de Março de 1957 — PAGINA 8

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A ESPANTOSA VERDADE: SACOPÃ É A TRAGÉDIA DA CHANTAGEM SEXUAL!

O DESMENTIDO

SEGUNDA-FEIRA: — "O Que há no Fundo do Inexplicável Silêncio de Bandeira" • Reportagem (6.ª) de PINHEIRO JUNIOR — Fotos: ESTRELA

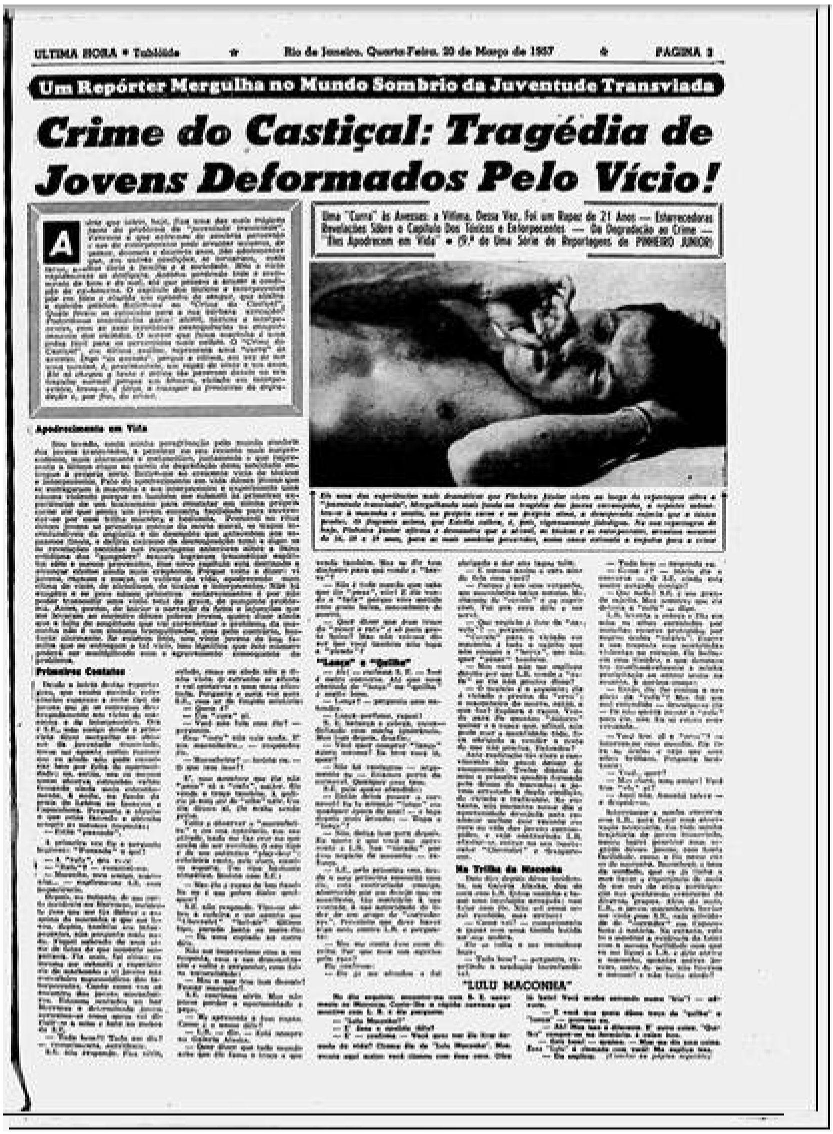


ULTIMA HORA • Tablóide ★ Rio de Janeiro, Terça-Feira, 19 de Março de 1957 ★ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A CONFISSÃO PATÉTICA:

"EU SOU UMA VÍTIMA: QUEM NÃO TIVER CULPA QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!"



ULTIMA HORA • Tablóide ★ Rio de Janeiro, Quarta-Feira, 20 de Março de 1957 ★ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Crime do Castiçal: Tragédia de Jovens Deformados Pelo Vício!

Uma "Curra" às Avessas: a Vítima, Dessa Vez, Foi um Rapaz de 21 Anos — Estarrecedoras Revelações Sôbre o Capítulo Dos Tóxicos e Entorpecentes — Da Degradação ao Crime — "Eles Apodrecem em Vida" • (9.ª de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR)

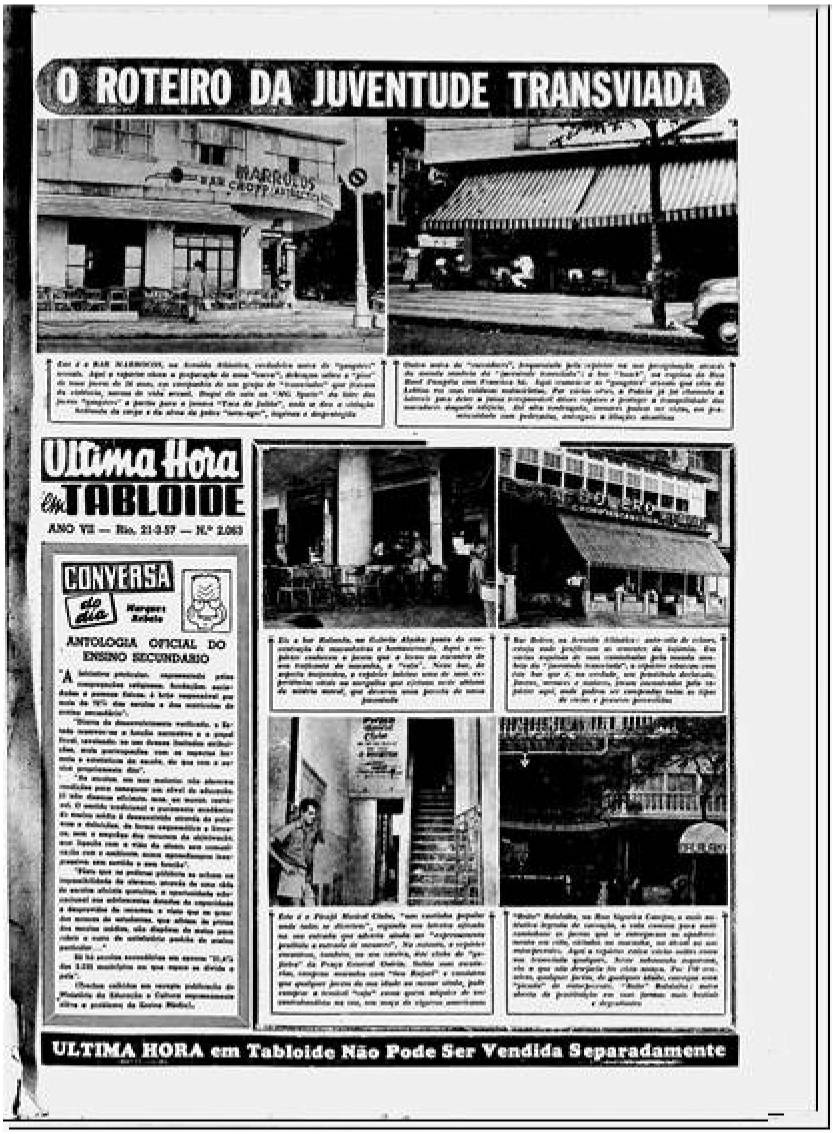
Apodrecimento em Vida

Primeiros Contatos

"Lança" e "Quilha"

Na Trilha da Maconha

"LULU MACONHA"



O ROTEIRO DA JUVENTUDE TRANSVIADA

Ultima Hora em TABLOIDE

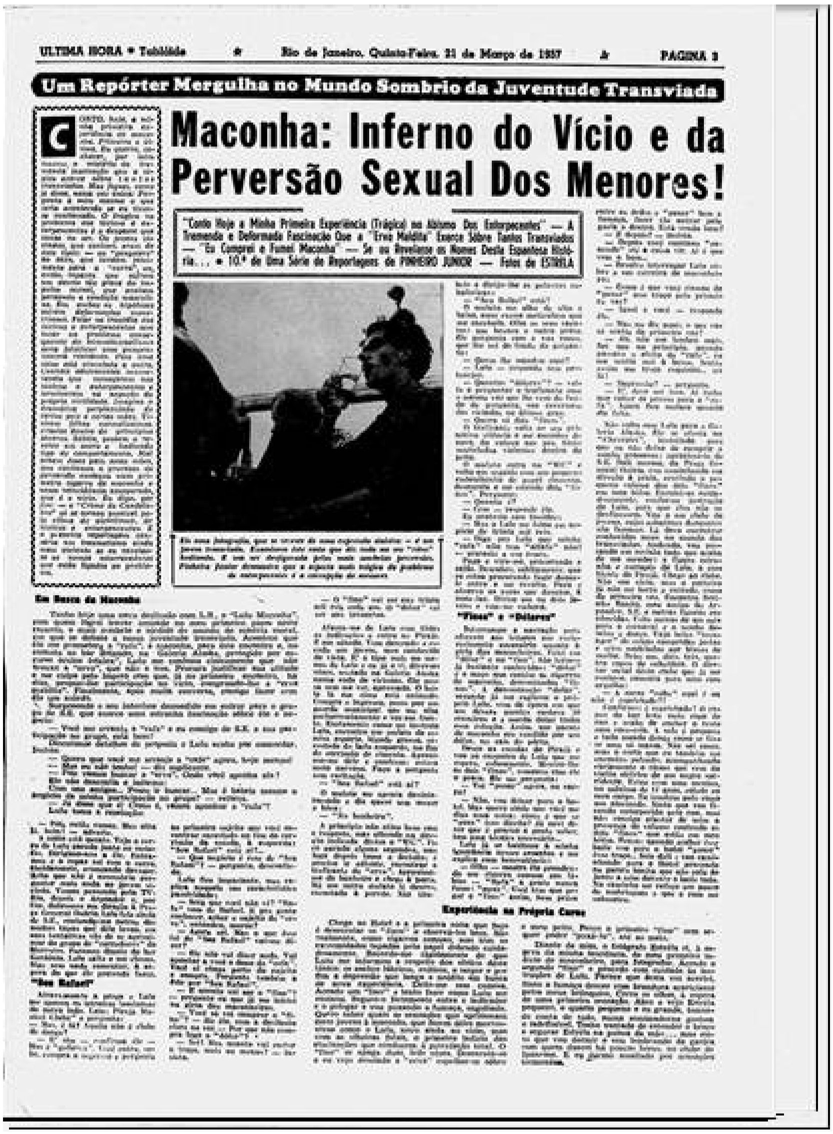
ANO VII — Rio, 21-3-57 — N.º 2.060

CONVERSA do dia

Marques Rebelo

ANTOLOGIA OFICIAL DO ENSINO SECUNDARIO

ULTIMA HORA em Tabloide Não Pode Ser Vendida Separadamente



ULTIMA HORA • Tablóide ★ Rio de Janeiro, Quinta-Feira, 21 de Março de 1957 ★ PAGINA 3

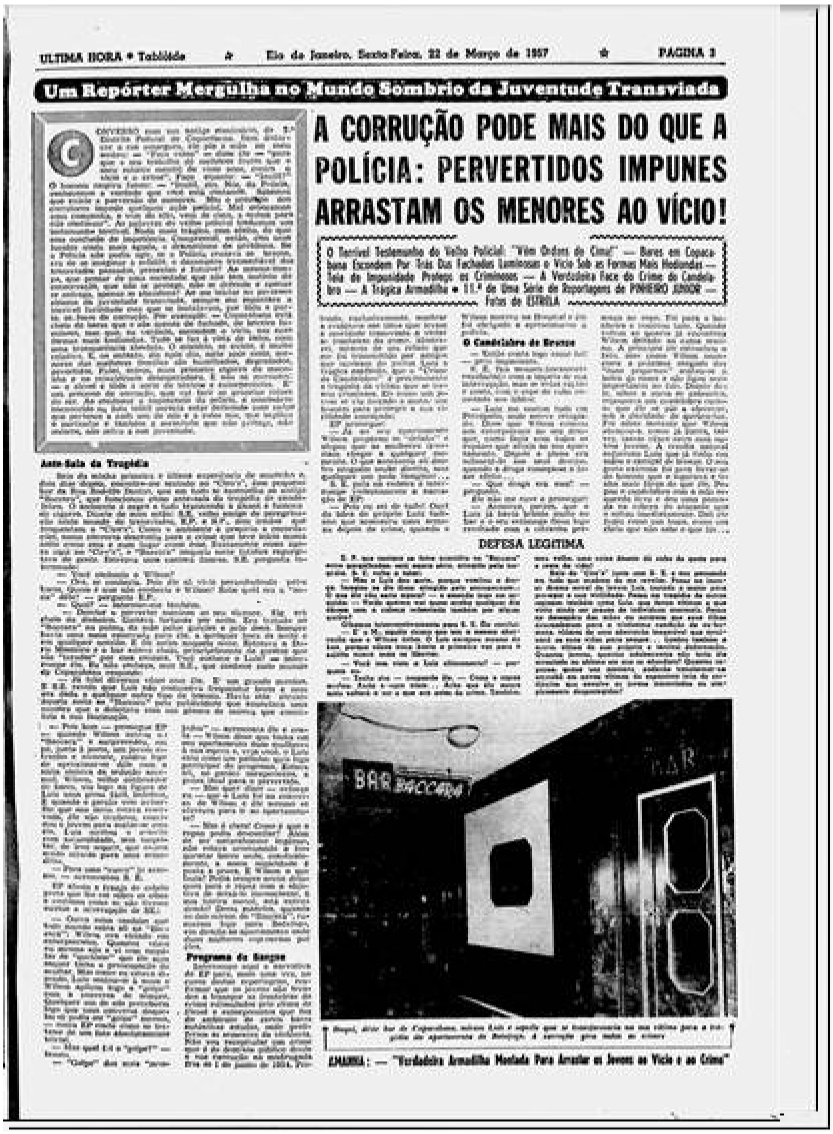
Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Maconha: Inferno do Vício e da Perversão Sexual Dos Menores!

"Conto Hoje a Minha Primeira Experiência (Trágica) no Abismo Dos Entorpecentes" — A Tremenda e Deformada Fascinação Que a "Erva Maldita" Exerce Sôbre Tantos Transviados — "Eu Comprei e Fumei Maconha" — Se eu Revelasse os Nomes Desta Espantosa História... • 10.ª de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR — Fotos de ESTRELA

Em Busca da Maconha

Experiência na Própria Carne



ULTIMA HORA • Tablóide ☆ Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 22 de Março de 1957 ☆ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A CORRUÇÃO PODE MAIS DO QUE A POLÍCIA: PERVERTIDOS IMPUNES ARRASTAM OS MENORES AO VÍCIO!

O Terrível Testemunho do Velho Policial: "Vêm Ordens de Cima!" — Bares em Copacabana Escondem Por Trás Das Fachadas Luminosas o Vício Sob as Formas Mais Hediondas — Teia de Impunidade Protege os Criminosos — A Verdadeira Face do Crime do Candelabro — A Trágica Armadilha • 11.ª de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR — Fotos de ESTRELA

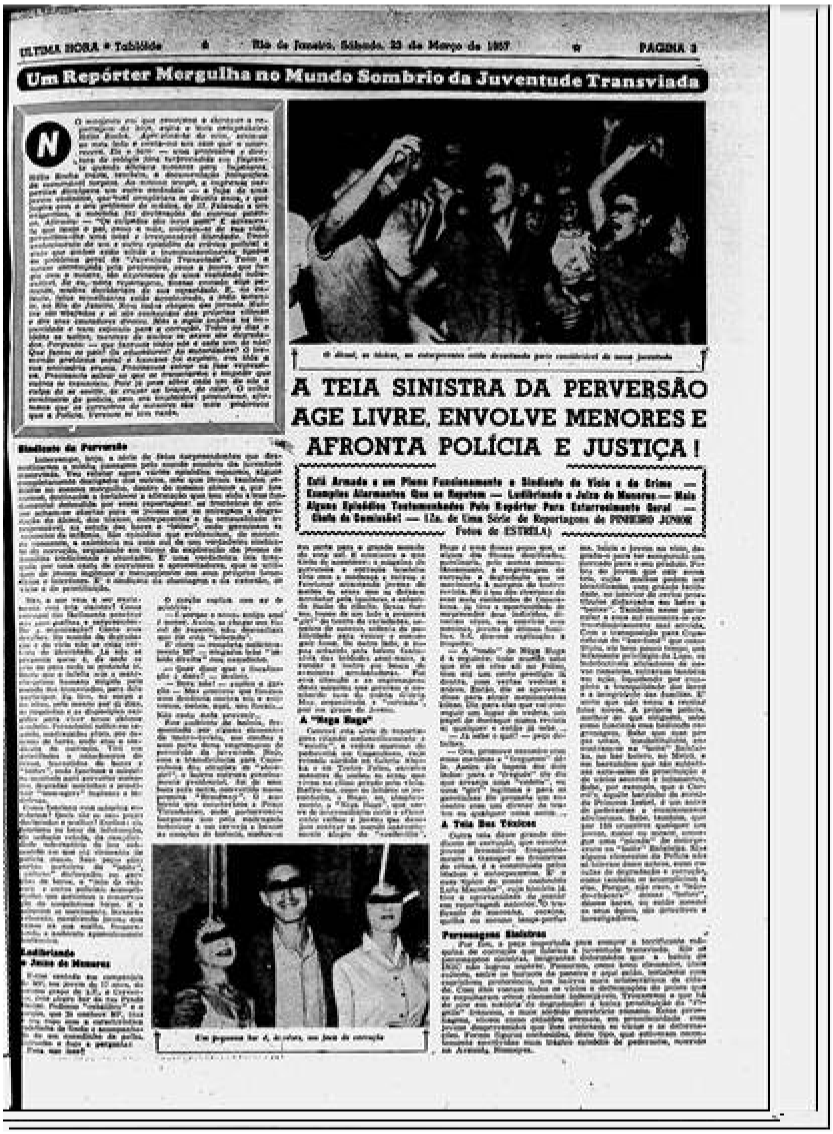
Ante-Sala da Tragédia

O Candelabro de Bronze

DEFESA LEGITIMA

Programa de Sangue

AMANHÃ: — "Verdadeira Armadilha Montada Para Arrastar os Jovens ao Vício e ao Crime"



ULTIMA HORA • Tablóide ✱ Rio de Janeiro, Sábado, 23 de Março de 1957 ✱ PAGINA 3

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A TEIA SINISTRA DA PERVERSÃO AGE LIVRE, ENVOLVE MENORES E AFRONTA POLÍCIA E JUSTIÇA!

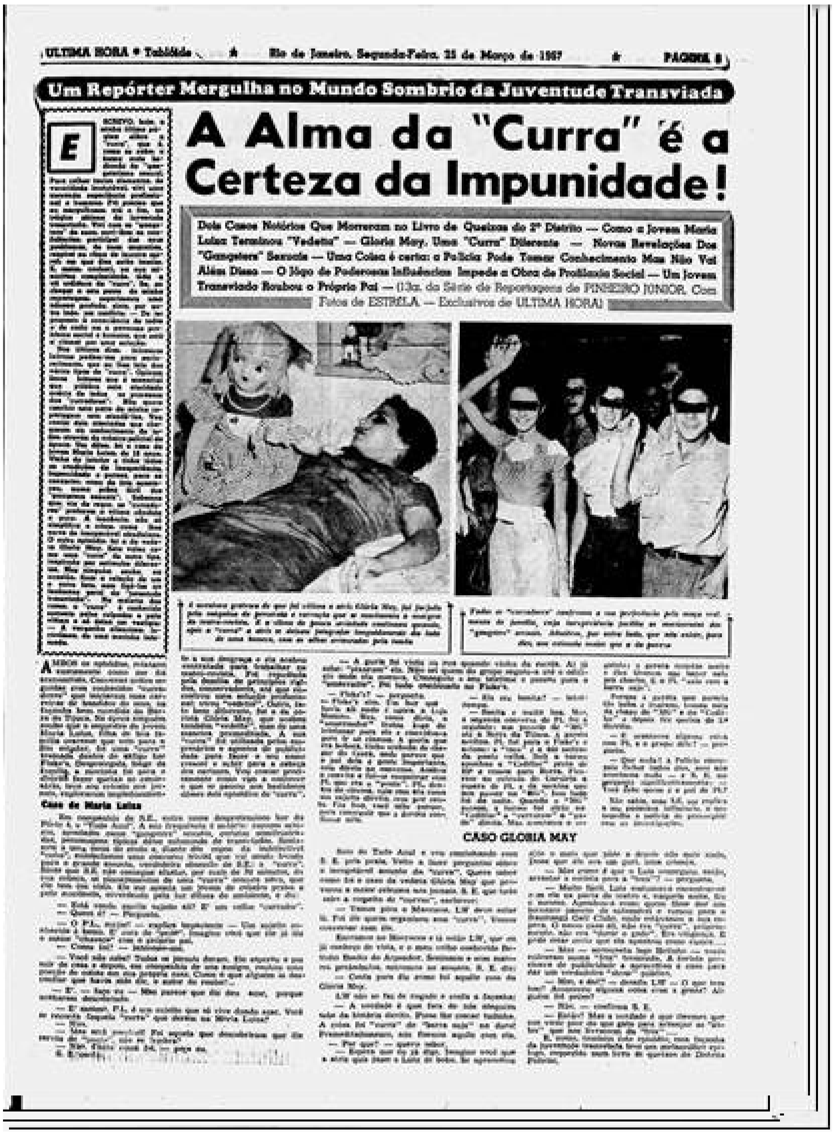
Está Armado e em Pleno Funcionamento o Sindicato do Vício e do Crime — Exemplos Alarmantes Que se Repetem — Ludibriando o Juiz de Menores — Mais Alguns Episódios Testemunhados Pelo Repórter Para Estarrecimento Geral — Chefe da Comissão! — (2a. de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR Fotos de ESTRELA)

Sindicato da Perversão

A Teia Dos Tóxicos

Personagens Sinistras

Ludibriando o Juiz de Menores



ULTIMA HORA * Tablóide ★ Rio de Janeiro, Segunda-Feira, 25 de Março de 1957 ★ PAGINA 8

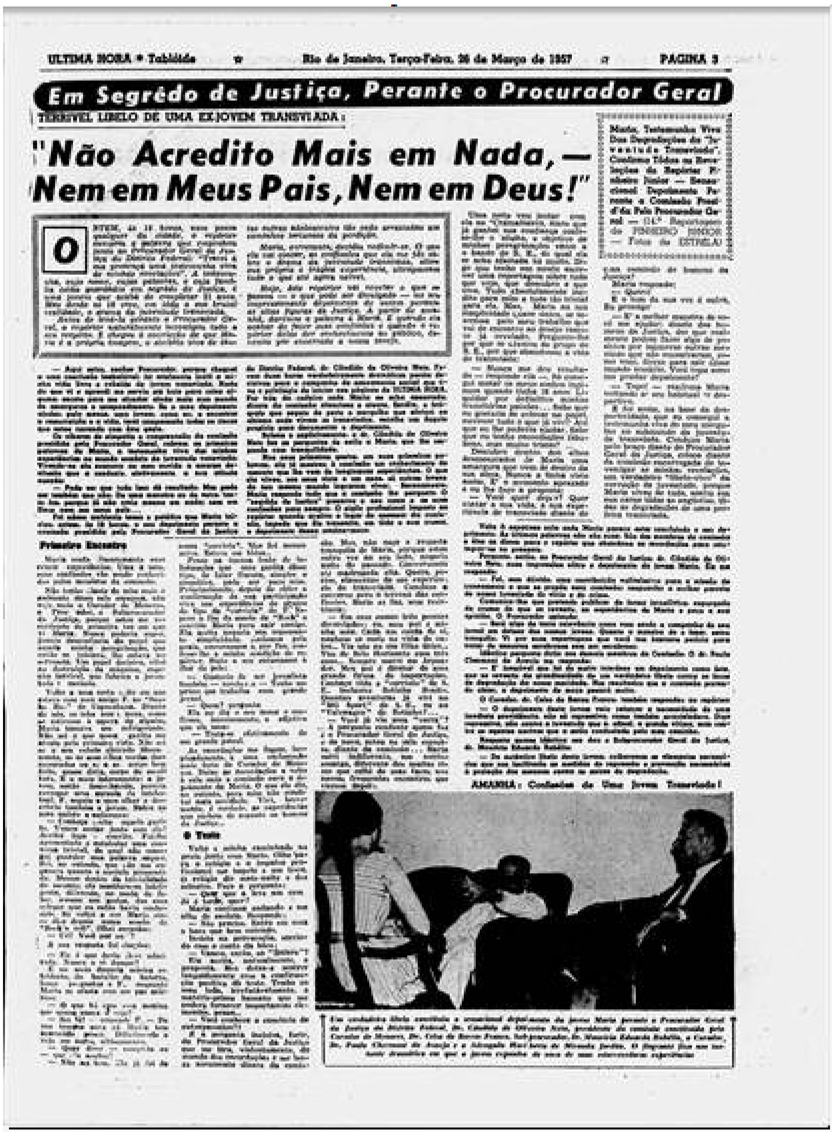
Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A Alma da "Curra" é a Certeza da Impunidade!

Dois Casos Notórios Que Morreram no Livro de Queixas do 2º Distrito — Como a Jovem Maria Luiza Terminou "Vedette" — Gloria May, Uma "Curra" Diferente — Novas Revelações Dos "Gangsters" Sexuais — Uma Coisa é certa: a Polícia Pode Tomar Conhecimento Mas Não Vai Além Disso — O Jôgo de Poderosas Influências Impede a Obra de Profilaxia Social — Um Jovem Transviado Roubou o Próprio Pai — (13a. da Série de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR. Com Fotos de ESTRÊLA — Exclusivos de ULTIMA HORA)

Caso de Maria Luiza

CASO GLORIA MAY



ULTIMA HORA • Tablóide ☆ Rio de Janeiro, Terça-Feira, 26 de Março de 1957 ☆ PAGINA 3

Em Segrêdo de Justiça, Perante o Procurador Geral

TERRÍVEL LIBELO DE UMA EX-JOVEM TRANSVIADA:

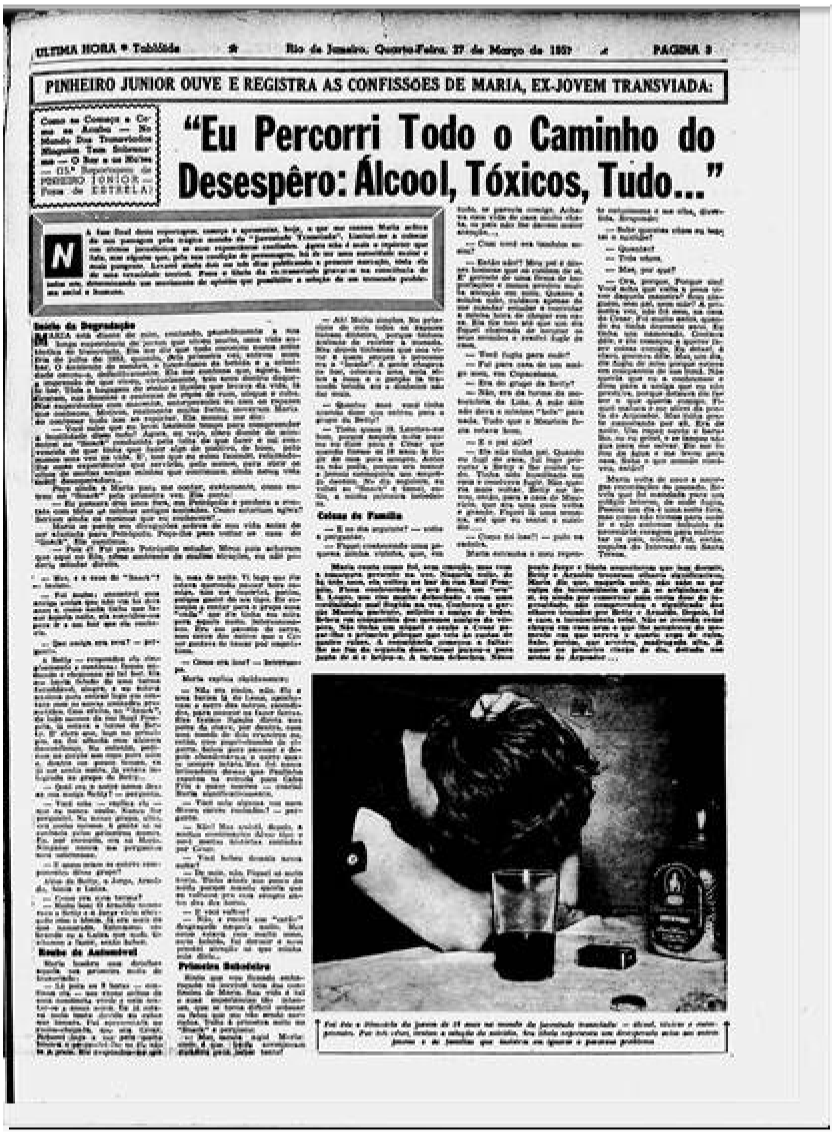
"Não Acredito Mais em Nada, — Nem em Meus Pais, Nem em Deus!"

Maria, Testemunho Vivo Das Degradações da "Juventude Transviada", Confirma Tôdas as Revelações do Repórter Pinheiro Junior — Sensacional Depoimento Perante a Comissão Presidida Pelo Procurador Geral — 11ª Reportagem de PINHEIRO JÚNIOR — Fotos de ESTRELA

Primeiro Encontro

O Teste

AMANHÃ: Confissões de Uma Jovem Transviada!

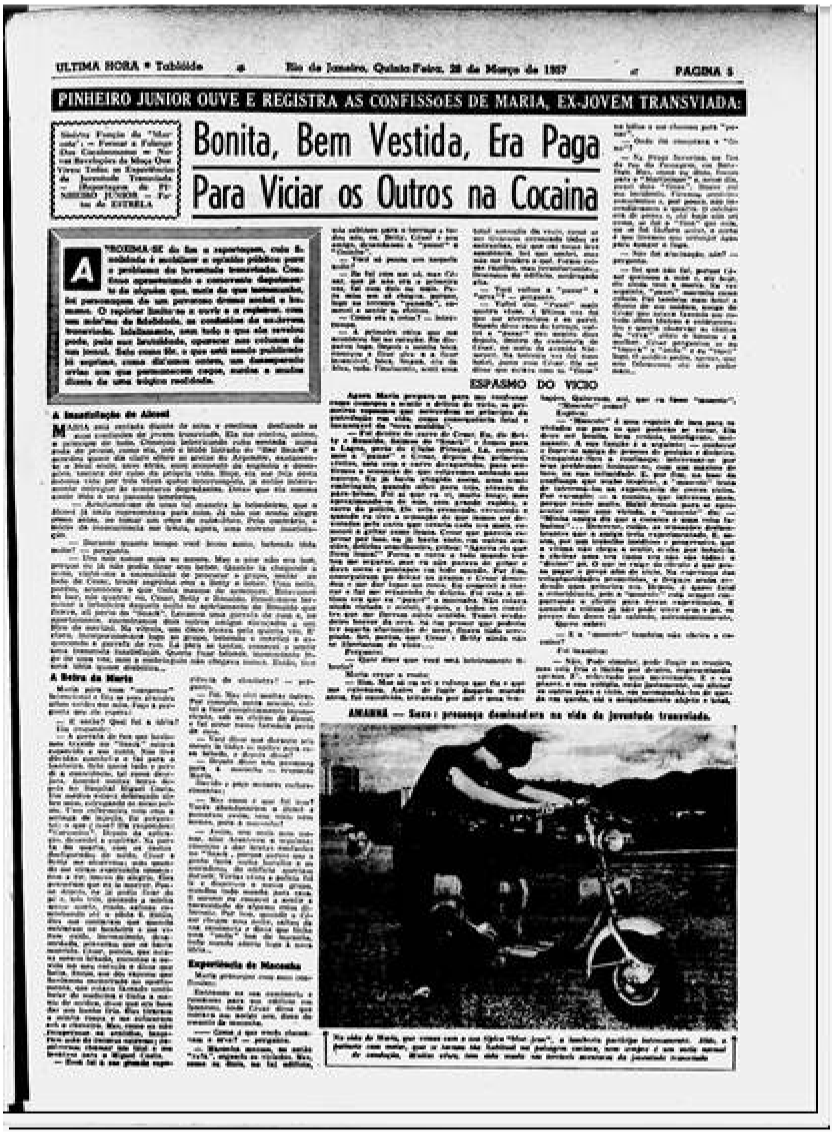


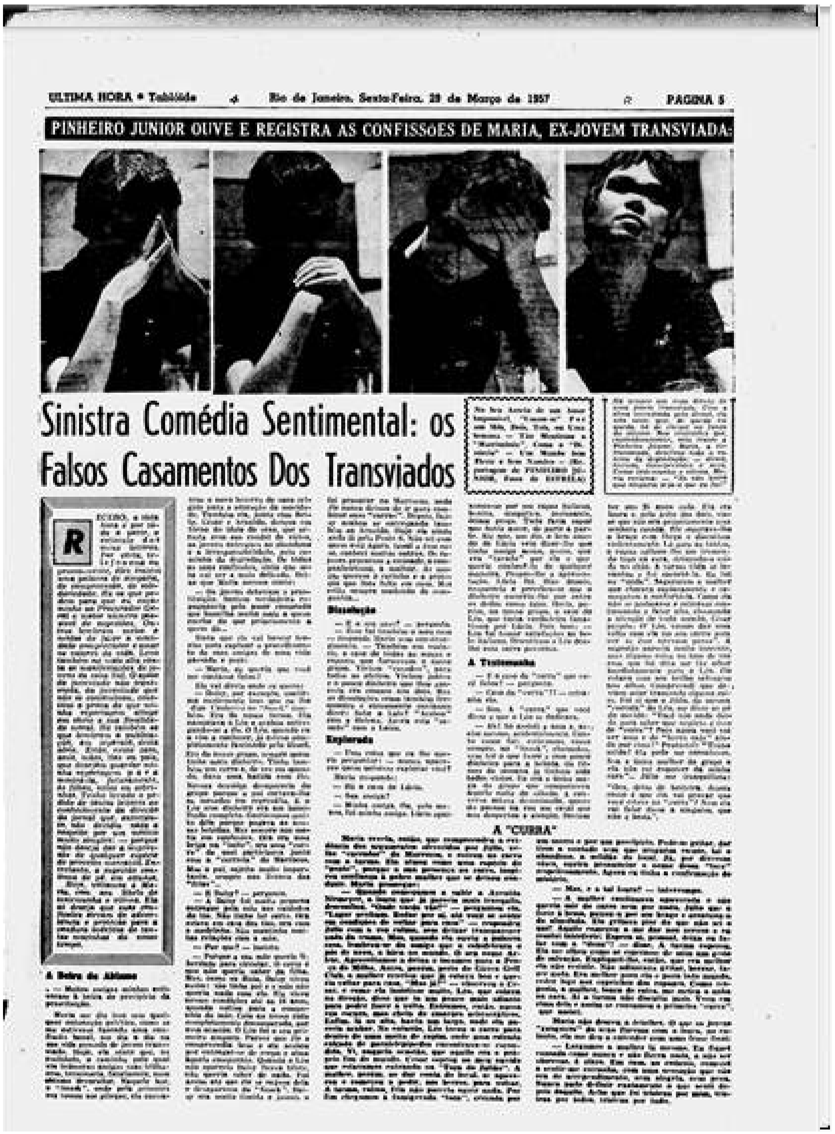
ULTIMA HORA * Tablóide ★ Rio de Janeiro, Quarta-Feira, 27 de Março de 1957 PAGINA 9

PINHEIRO JUNIOR OUVE E REGISTRA AS CONFISSÕES DE MARIA, EX-JOVEM TRANSVIADA:

"Eu Percorri Todo o Caminho do Desespêro: Álcool, Tóxicos, Tudo..."

Início da Degradação

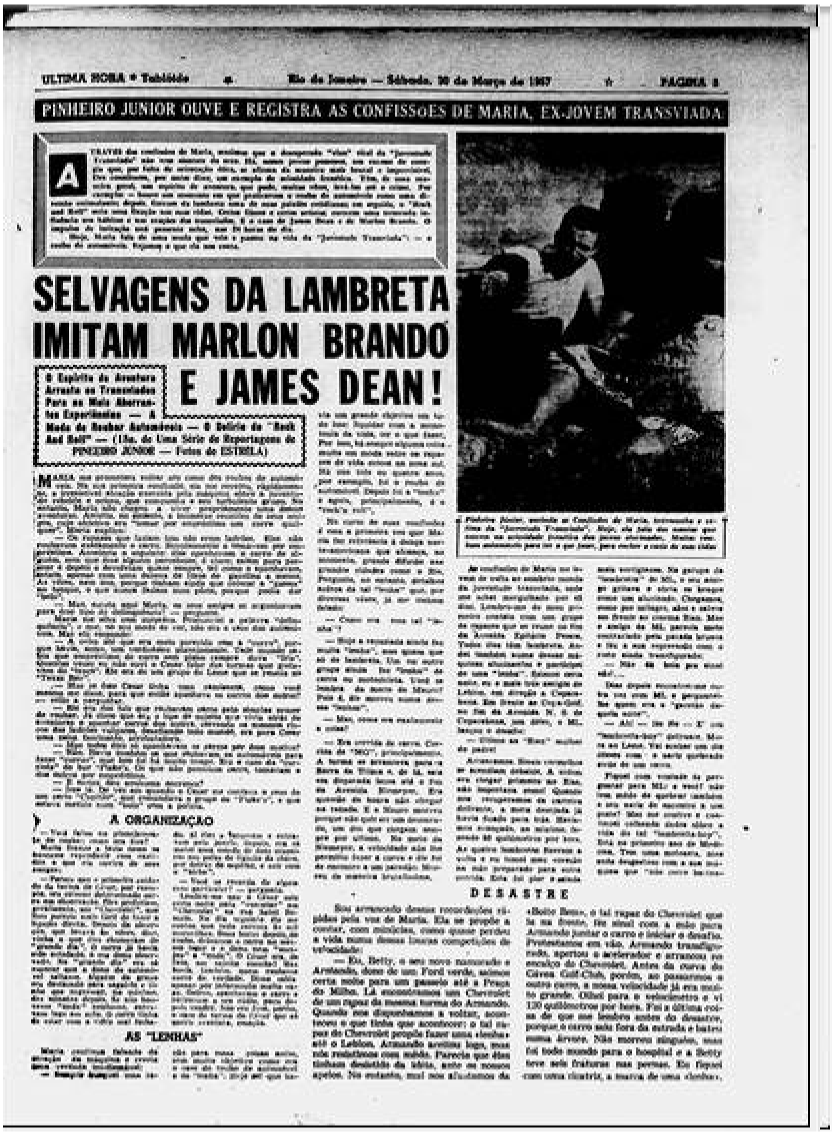




ULTIMA HORA • Tablóide Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 29 de Março de 1957 PAGINA 5

PINHEIRO JUNIOR OUVE E REGISTRA AS CONFISSÕES DE MARIA, EX-JOVEM TRANSVIADA:

Sinistra Comédia Sentimental: os Falsos Casamentos Dos Transviados



ULTIMA HORA • Tablóide — Rio de Janeiro — Sábado, 30 de Março de 1957 — PÁGINA 3

PINHEIRO JUNIOR OUVE E REGISTRA AS CONFISSOES DE MARIA, EX-JOVEM TRANSVIADA

SELVAGENS DA LAMBRETA IMITAM MARLON BRANDO E JAMES DEAN!

O Espírito de Aventura Arrasta os Transviados Para as Mais Aberrantes Experiências — A Moda de Roubar Automóveis — O Delírio do "Rock And Roll" — (13a. de Uma Série de Reportagens de PINHEIRO JÚNIOR — Fotos de ESTRÊLA)

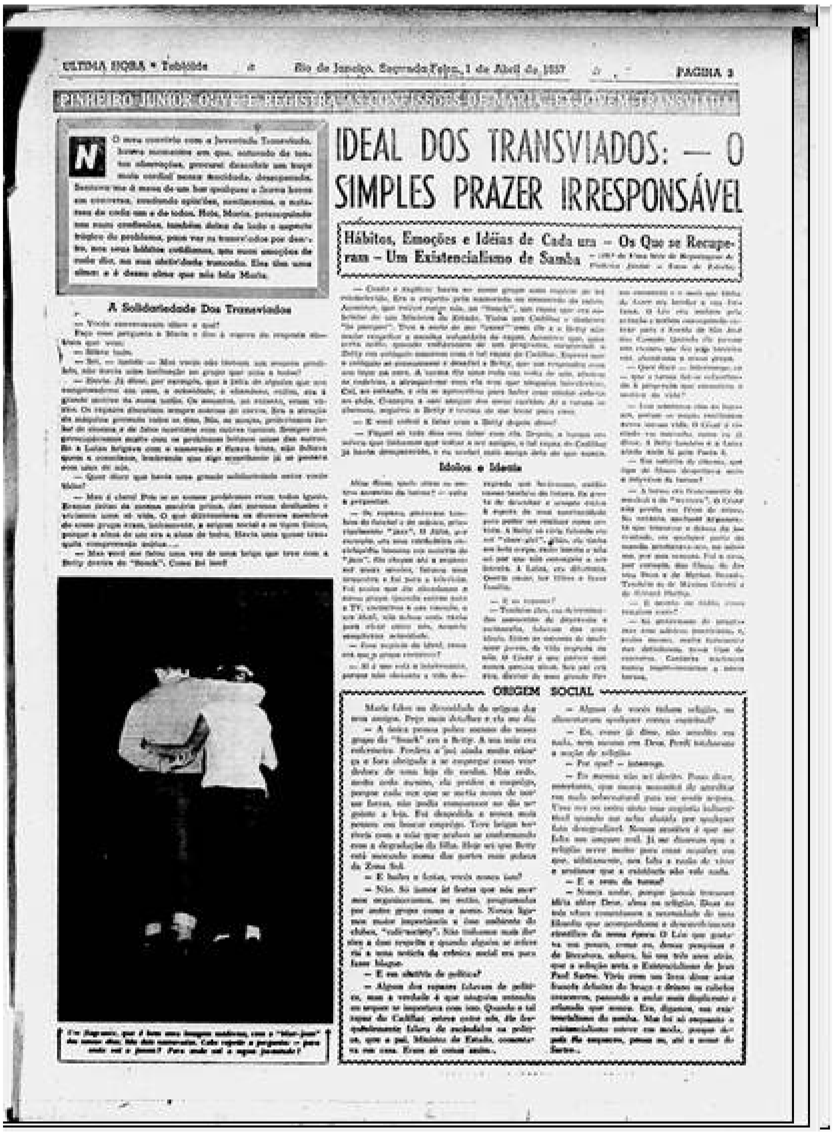
A ORGANIZAÇÃO

AS "LENHAS"

DESASTRE

Sou arrancado dessas recordações rápidas pela voz de Maria. Ela se propõe a contar, com minúcias, como quase perdeu a vida numa dessas loucas competições de velocidade:

— Eu, Betty, o seu novo namorado e Armando, dono de um Ford verde, saímos certa noite para um passeio até a Praça do Milho. Lá encontramos um Chevrolet de um rapaz da mesma turma do Armando. Quando nos dispúnhamos a voltar, aconteceu o que tinha que acontecer: o tal rapaz do Chevrolet propôs fazer uma «lenha» até o Leblon. Armando aceitou logo, mas nós resistimos com medo. Parecia que êles tinham desistido da idéia, ante os nossos apelos. No entanto, mal nos afastamos do «Bolo Bem», o tal rapaz do Chevrolet que ia na frente, fêz sinal com a mão para Armando juntar o carro e iniciar o desafio. Protestamos em vão. Armando transfigurado, apertou o acelerador e arrancou no encalço do Chevrolet. Antes da curva do Gávea Golf-Club, porém, ao passarmos o outro carro, a nossa velocidade já era muito grande. Olhei para o velocímetro e vi 130 quilômetros por hora. Foi a última coisa de que me lembro antes do desastre, porque o carro saiu fora da estrada e bateu numa árvore. Não morreu ninguém, mas foi todo mundo para o hospital e a Betty teve seis fraturas nas pernas. Eu fiquei com uma cicatriz, a marca de uma «lenha»,



ULTIMA HORA • Tablóide — Rio de Janeiro, Segunda-Feira, 1 de Abril de 1957 — PAGINA 3

PINHEIRO JUNIOR OUVE E REGISTRA AS CONFISSÕES DE MARIA, EX-JOVEM TRANSVIADA

IDEAL DOS TRANSVIADOS: — O SIMPLES PRAZER IRRESPONSÁVEL

Hábitos, Emoções e Idéias de Cada um — Os Que se Recuperam — Um Existencialismo de Samba

A Solidariedade Dos Transviados

Idolos e Ideais

ORIGEM SOCIAL